

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
CURSO DE MESTRADO

BH/UFC

**EDUCAÇÃO POPULAR EM QUESTÃO - REFLEXÕES A PARTIR
(E PARA ALÉM) DE UMA PRÁTICA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RAIMUNDO NONATO NOGUEIRA LIMA

**FORTALEZA - CEARÁ
AGOSTO/1997**

**EDUCAÇÃO POPULAR EM QUESTÃO:
Reflexões a partir (e para além) de uma prática.**

BH/UFC

RAIMUNDO NONATO NOGUEIRA LIMA

**Dissertação submetida à Coordenação
do Programa de Pós-Graduação em
Educação como requisito parcial para
obtenção do grau de mestre.
Universidade Federal do Ceará.**

FORTALEZA - CE

Esta dissertação foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Educação, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade

A citação de qualquer trecho desta Dissertação é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Raimundo Nonato Nogueira Lima

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____/____/____

COMITÊ

BH/UFC

Profª Drª Susana Vasconcelos Jimenez
Presidenta

Profª Drª Maria Nobre Damasceno

Profª Drª Maria Vilma Coelho Moreira

Profª MS Rosemary Conti

“Alguns anos atrás, houve quem dissesse, maldosamente, que Paulo Freire havia deixado de pensar. Ledo engano! Para desespero dos seus detratores, Paulo Freire continua pensando, agindo, produzindo, continua publicando, lendo, continua trabalhando, participando, brigando. Continua apaixonado pela leitura da palavra e do mundo. Paulo Freire continua na briga, continua trabalhando, estudando, envolvendo-se em novos projetos. Continua indignado com a falta de liberdade, com o descaramento político, etc... enfim, Paulo Freire continua vivo como o seu próprio pensamento.”

Moacir Gadotti, 1996.

Ao Educador que nos ensinou a aprender a ensinar os adultos, respeitando-os enquanto tal.

A Paulo Freire, dedico esta dissertação.

À Deus, o Criador Supremo.

Aos meus pais, irmãos e familiares.

Aos professores, funcionários e amigos da FACED-UFC.

Aos trabalhadores, professores e alunos de Icapuí, pela possibilidade de vivenciar este Trabalho.

Ao Professor Marcelo Farias, à Professora Cisa e aos colegas da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia de Maracanaú, pela compreensão devida, no momento certo.

Às Professoras Lúcia Vieira, Terezinha Melo e demais colegas do Colégio Municipal Filgueiras Lima, pela compreensão e respeito.

Ao Gerson Moraes, pela mão-de-obra incondicional.

Aos amigos em geral.

Às Professoras Maria Vilma Coelho Moreira, Maria Nobre Damasceno e Rosemary Conti, pela disposição e colaboração.

À Professora Susana Jimenez, pela orientação mais que especial.

O meu agradecimento comprometido.

SUMÁRIO

BH/UFG

| | |
|---|-----|
| Considerações Introdutórias - “E no Princípio Era o Verbo” | 01 |
| Parte I - Possibilidades e Limites Da Proposta: | |
| Os (Des)Caminhos Trilhados | 14 |
| I.I - A Literatura Básica Na Educação De Jovens E Adultos | 18 |
| I.I.I - O Aporte em Paulo Freire..... | 22 |
| I.II - Alfabetização de Jovens e Adultos em Icapuí: Uma Construção Coletiva, na Visão da Profª Eliane Dayse Pontes Furtado | 33 |
| Parte II - A Prática como Critério da Verdade | 47 |
| II.I - Avaliando os Círculos de Cultura - Diálogos e Observações | 89 |
| II.I.I - O Coordenador | 90 |
| II.I.II - Um Professor | 94 |
| II.I.III - Um Aluno | 96 |
| II.I.IV - O Padre | 101 |
| II.I.V - O Encontro de Avaliação dos Cem Dias de Administração Municipal .. | 105 |
| Considerações Finais - A Busca Constante: Da Quantidade Indesejada à Qualidade Desejada | 110 |
| Referências Bibliográficas | 124 |
| Anexo I | 128 |
| Anexo II | 129 |
| Anexo III | 130 |
| Anexo IV | 131 |

RESUMO

SH/UFC

A Dissertação Educação Popular em Questão - Reflexões a partir (e para além) de uma Prática tem como pressuposto básico a concepção de que educação popular é aquela que identifica-se com os interesses históricos da classe trabalhadora. Fundamenta-se na visão materialista-histórica como pressuposto científico para análise da práxis político-pedagógica da educação e coloca o Trabalho como categoria central. Com estas premissas, analisa a experiência de Educação de Jovens e Adultos de Icapuí, município do litoral leste do estado do Ceará. Tal experiência evidenciou-se no período de 1993 a 1995, no contexto de uma Administração Municipal identificada com as demandas populares, apresentando, portanto, como prioridades as ações implementadas nos campos da educação e da saúde. O objeto desta Dissertação, os Círculos de Cultura, da Educação de Jovens e Adultos de Icapuí, constituiu-se numa prática político-pedagógica, assessorada por uma equipe de professores e alunos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, com os professores dos referidos Círculos. Algumas questões foram evidenciadas, confundindo-se com as próprias hipóteses elencadas antes e durante a realização deste trabalho. Uma destas questões diz respeito à importância da reflexão permanente com os professores de Icapuí, embora constatando-se que, em alguns momentos extremamente relevantes para a experiência, faltou aprofundamento e consistência teórico-metodológica para a implantação coerente de determinadas propostas. Uma outra questão que permeou todo o trabalho refere-se à evasão dos alunos. No geral, a evasão nos Círculos de Cultura de Icapuí ficou em torno de 70%. Os alunos, na sua maioria, não permaneceram freqüentando às aulas que eram planejadas a partir da realidade dos mesmos e de seus interesses mais imediatos. Conclui-se que a experiência de Icapuí inscreve-se no quadro das propostas de educação de jovens e adultos, de caráter popular; que a mesma foi muito importante para a educação do Município e que pretendeu pautar-se na conscientização política de seus educandos com o aporte do educador Paulo Freire, mas que não encontrou a ressonância desejada devido ao alto índice de evasão e às suas causas.

ABSTRACT

This Dissertation, "Popular Education in Subject - Reflections from (and beyond) a Practice", has, as basic presupposition, the conception that popular education is that what identifies with the historical interests of the working class. It is based in the materialistic-historical vision as scientific presupposition, to analyse the politicize-pedagogic praxis of the education and it places the Work as central category. With these premises, it analyzes the experience of Youths and Adults Education of Icapuí, one city in the coast east of the state of Ceará. Such experience was evidenced in the period from 1993 to 1995, in the context of one Municipal Administration identified with the popular demands, presenting, therefore, as priorities the actions implemented in Education and Health sectors. The object of this Dissertation, the Culture Circles of Youths and Adults Education of Icapuí, was constituted in a politicize-pedagogic practice, advised by a team of teachers and students of the Education School of the Federal University of Ceará, including the teachers of the referred Circles. Some questions were evidenced, coinciding with the own hypotheses elencadas before and during this work accomplishment. One of these questions relates with the importance of one permanent reflection with the teachers of Icapuí, although it was being verified that, in some extremely important moments to the experience, a consistent teorical-metodological approach and a profound study to a coherent establishment by some proposals have failed. Another important question, what permeated the whole research, refers to the students' evasion. In general terms, the evasion in the Culture Circles of Icapuí was about of 70%. The students, in majority portion, didn't stay frequenting to the classes, what were planned starting from their reality and more immediate interests. It may be concluded that the experience of Icapuí was registered in the list of the proposals of youths and adults education, of popular character; this experience was very important to education of the city and it was purposed to base on the political conscience process of its students, with educating Paulo Freire's contribution, but this experience didn't find the wanted resonance due to the high evasion index and their causes.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS - “NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...”

“A educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos”

Moacir Gadotti

Tomo como objeto de dissertação uma experiência vivida junto ao *Projeto de Educação Popular, Círculos de Cultura*, desenvolvido em Icapuí, Município do litoral leste do Ceará, na fronteira com o Estado do Rio Grande do Norte. Compreendo, entretanto, que toda prática educativa pressupõe uma teoria que a embasa, teoria esta que deve estar elaborada a partir de categorias que definem uma concepção de homem, sociedade e educação.

Minha participação no Projeto deu-se a partir do convênio entre a Prefeitura Municipal de Icapuí e a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC), que começou a se esboçar no final de 1992 e no qual professores e estudantes da FACED-UFC ministrariam cursos, minicursos e oficinas para professores e estudantes do Curso Pedagógico de Icapuí, em diversas áreas, tais como: canto coral, matemática, produção de textos, produção de material didático com sucata, dentre outros.

Por ser um Município novo (emancipado em 1985) e administrado até aqui pelo Partido dos Trabalhadores, Icapuí apresenta uma vontade política *sui generis* em priorizar a educação, com a universalização do ensino - fato já evidenciado - e a erradicação do analfabetismo como prioridades básicas.

Antes do início do Projeto Círculos de Cultura, havia já alguma experiência acumulada no sentido da Alfabetização de Jovens e Adultos, levada a cabo por professores do Município com a “preparação” inicial desenvolvida por professores da UFC no que diz respeito a uma metodologia adequada, baseada na Pedagogia de Paulo Freire e efetivada no Município, porém sem qualquer acompanhamento, assessoria e avaliação posteriores.

Os professores do Município que participaram desta experiência ainda na primeira gestão, foram contactados com o objetivo de retomar a proposta, agora com outra estruturação.

Ressalta-se que grande parte destes professores havia participado de cursos ministrados pelo GEEMPA - Grupo de Estudos Sobre Educação- Metodologia de Pesquisas e Ação, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, inclusive com a participação da Professora Esther Pillar Grossi, nos quais se refletiu acerca do processo de alfabetização, dentro da compreensão piagetiana do processo de construção do conhecimento, a epistemologia genética.

Partindo do princípio de que não poderíamos ignorar toda uma experiência acumulada por parte dos professores de Icapuí, um grupo de quatro estudantes de Pedagogia, dois pedagogos recém-formados, coordenados pela Professora Eliane Dayse Pontes Furtado, titulada em Educação de Adultos/Popular, iniciamos um trabalho de visitas e diálogos com estes professores no sentido de retomarmos a proposta de Educação de Jovens e Adultos no Município.

Inicialmente, após as visitas, reunimos o grupo para traçar os objetivos, a infra-estrutura, o levantamento das demandas, bem como a necessidade de estudar e/ou aprofundar temas e elementos da Educação de Jovens e Adultos.

Em seguida, iniciamos o processo de reciclagem e capacitação (uma vez que havia professores novos, alguns, inclusive, sem experiência na área) com cursos sobre a dimensão metodológica da pedagogia de Paulo Freire, (“O Método de Paulo Freire”), Matemática, Linguagem, Estudos Sociais e Ciências, isto porque houve uma compreensão unânime de que o Projeto não se limitaria à concepção de alfabetização como instrumentalização de leitura e escrita sem uma compreensão mais ampla do processo de construção deste conhecimento, bem como da necessidade de apropriação de elementos para compreender e analisar o mundo físico e social e o contexto histórico em que se está inserido.

Durante todo o ano de 1993, este processo foi desenvolvido, paralelamente às aulas nas comunidades, em um trabalho de capacitação em serviço, ou seja, os professores reuniam-se quinzenalmente com o grupo, ou parte dele, para avaliar sua prática pedagógica, planejar novos temas e estratégias e aprofundar a reflexão sobre assuntos que ao longo do processo iam surgindo.

Este, talvez, tenha sido o principal mérito da proposta, uma vez que nada era imposto “de cima para baixo” e os professores participavam de toda a elaboração e execução da mesma.

Algumas visitas foram feitas às salas de aulas no sentido de conhecermos de perto a realidade das mesmas, para não incorreremos no erro de analisar e propor alternativas de solução para problemas que não conhecíamos de perto.

Aproveitávamos essas visitas para registrar em fotografias e Relatórios e processo educativo que ia se efetivando.

Foi através das visitas, também, que verificamos mais de perto o problema da evasão em alguns círculos, principalmente, é bem verdade, naqueles compostos, em sua maioria, por pescadores e que em determinados meses do ano necessitam se lançar ao mar. Ressalte-se que a maior parte desses pescadores trabalham para atravessadores, o que faz com que o ganho maior não fique em suas mãos. Esta é uma relação de trabalho complicada, pois nem sempre há patrões no sentido literal da palavra. O fato é que os donos dos barcos sequer moram no Município.

As mulheres, por sua vez, são donas de casa que necessitam, neste período, tomar conta do lar e dos filhos e a evasão também se dá por conta disso, embora em menor escala.

BH/UFC

De todo modo, é justo colocar a questão: até que ponto o trabalho justifica a evasão, no mais das vezes seguida de desistência?

Nas visitas, verificavam-se ainda, as principais dificuldades dos professores, inclusive no tocante ao relacionamento entre os mesmos (cada Círculo possuía dois professores) e colhiam-se elementos para avaliação da prática pedagógica e para estudos e reflexões entre os professores e a equipe, nas reuniões quinzenais.

Os professores possuíam formação pedagógica a nível de segundo grau e apresentavam dificuldades relacionadas à compreensão teórica daquilo que faziam. Contraditoriamente, possuíam uma certa compreensão técnica e política,

verificada nos debates e nas demonstrações de aulas que, vez por outra, eram utilizadas como metodologia de trabalho objetivando a troca de experiências.

Para preencher esse vácuo, realizamos alguns estudos teóricos com base em textos que tratassem das diferentes concepções de aprendizagem e homem, sociedade e educação.

O trabalho com os professores pretendia significar uma proposta conjunta de construção de uma prática político-pedagógica que tentasse superar a dicotomia entre o pensar e o fazer pedagógico. Primava-se pelo respeito à cultura de cada um e procurava-se partir para uma prática cada vez mais elaborada e consciente de que o processo de alfabetização enquanto tal, não se esgota em alguns meses de curso, de que este é construído preponderante e cotidianamente pelos alunos e que o domínio dos elementos básicos da Linguagem (leitura, escrita e fala), da Matemática, das Ciências e dos Estudos Sociais é fundamental para a compreensão do mundo que nos rodeia e para a efetivação de um Projeto político de sociedade com homens e mulheres livres e conscientes, dotados de capacidade criadora e recriadora sem limites.

The logo consists of the letters 'FAF/UFPA' in a bold, blue, sans-serif font. The letters are slightly stylized and have a slight shadow effect.

O trabalho realizado pelo grupo de bolsistas e professores da FAFED junto aos Círculos de Cultura de Icapuí, que objetivava educar jovens e adultos para além do processo de alfabetização a partir de uma proposta político-pedagógica identificada com a realidade daquela clientela, pautou-se fundamentalmente na formação (treinamento em serviço) dos professores que assumiram tais Círculos em suas respectivas comunidades.

A formação referida diz respeito a uma série de estudos e discussões que priorizavam basicamente o referencial teórico-metodológico da alfabetização de adultos diretamente identificado, por um lado, com a proposta de Paulo Freire e, por outro, com a Epistemologia Genética de Piaget e sua concretização metodológica no processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita, o construtivismo.

Dessa forma, priorizou-se o trabalho diretamente com o grupo de professores, desde o seu cadastramento, capacitação, reciclagem e avaliação em processo até a visita a três círculos em funcionamento, objetivando detectar a concretude da proposta e, igualmente, aplainar problemas surgidos tanto no que diz respeito à compreensão político-pedagógica de alguns professores acerca de seu trabalho, quanto no que diz respeito à relação entre alguns professores que se mostrava, em certos momentos, insustentável.

Alguns desses professores eram engajados nos movimentos sociais locais, como as comunidades da igreja, as organizações profissionais, programas culturais ou entidades político-partidárias. As discussões eram permeadas por um discurso constante pela libertação, traduzida esta, em luta pela transformação das estruturas sociais vigentes. Este, entretanto, constituía-se no objetivo primeiro e último de todo o processo, embora mais implícita do que explicitamente, conforme tendo hoje a interpretá-lo.

Muito se discutiu acerca da importância e da necessidade de alfabetizar os adultos e escolarizar aqueles que não tiveram oportunidade para fazê-lo na idade apropriada.

UA/UFC

Por outro lado, vale ressaltar que o próprio grupo que acompanhava o trabalho (bolsistas e pesquisadores/extensionistas da FAGED) pouco discutia ou aprofundava as questões referentes ao contexto histórico-político em que este se desenvolvia e tampouco as questões de fundo, que dizem respeito às estruturas nas quais se pauta todo um Projeto educacional ou a falta de concretude dele. Tais questões estavam sempre presentes na medida em que perpassam todo e qualquer contexto social. Entretanto, os textos e discussões travadas com o grupo de professores eram quase sempre centrados na abordagem metodológica do processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos. Um desvio pedagógico por excelência? Ou uma necessidade imposta pela prática pedagógica?

O trabalho foi muito importante na medida em que os professores podiam apropriar-se do saber acadêmico, que quase sempre fica restrito aos muros da universidade. Muitos não tinham acesso a tais reflexões e isto, há que reconhecer-se, foi fundamental para sua prática político-pedagógica.

Alguns círculos se destacavam em sua atuação tanto a nível pedagógico quanto em termos do grau de engajamento e amadurecimento político de seus participantes em suas comunidades, em geral, como fruto de um maior comprometimento político por parte de seus professores.

Ao longo dessa experiência, muitas indagações me ocorriam, e posso afirmar terem estas acompanhado-me durante todo o trabalho, sem que encontrasse soluções ou respostas que me fossem minimamente satisfatórias.

Tais questões foram consustanciando-se e amadurecendo em minha mente de forma mais presente ao afastar-me do trabalho e refletir sobre as mesmas, no momento de elaboração do Projeto desta Dissertação.

Uma das questões centrais e talvez a mais importante diz respeito ao discurso de libertação e transformação das estruturas sociais. Questiono-me se os envolvidos (professores, alunos, pesquisadores/extensionistas e bolsistas) tínhamos claro, em nossas consciências, de que estruturas se falavam. Em Icapuí, a base de produção é pesqueira. Como se dá a dominação neste campo específico de produção? Que relações estabelece tal campo com as estruturas globais de produção? Os agentes internos e os externos tinham clareza e optaram pelo referencial que analisa as estruturas sociais, em geral, e a educação, em particular, pela ótica dos modos de produção e de reprodução da força de trabalho?

Outra questão presente em minhas preocupações advinha da contrariedade entre a proposta e a concretização da mesma no que se refere à participação dos alunos, ou seja, o que poderia explicar a ocorrência de significativo índice de evasão em um Projeto diretamente colado aos interesses de seus educandos e que busca apontar rumos na organização da camada desescolarizada, visando instrumentalizá-la para a luta pela libertação e, no qual não se dimensiona qualquer intenção de “expulsão” de sua clientela através de quaisquer mecanismos discriminatórios como os que poderiam ser constatados no Ensino Regular?

A partir dessa indagação primeira, passei a questionar ainda: até que ponto a educação para aqueles alunos constituía-se um valor fundamental? Havia uma necessidade consciente por parte dos alunos-sujeitos de educarem-se ou a necessidade primeira seria do Sistema Municipal de Educação de ter seus jovens e adultos alfabetizados e escolarizando-se também para figurar nas estatísticas como Município sem analfabetismo, por mais louvável que seja tal interesse?

Em outras palavras, até que ponto havia plena consciência da importância de jovens e adultos alfabetizarem-se e terem acesso ao saber historicamente construído pela humanidade como forma de usufruírem das informações e reflexões só possíveis através do mundo letrado?

Reconheço que o simples fato de reunirem-se para discutir problemáticas comuns a todos, os fazem mais sujeitos, na medida em que debatem, divergem, convergem suas idéias, construindo assim um processo de conscientização que fortalece a organização em torno dos interesses, das necessidades e dos direitos comuns. Porém, perguntava-me até onde isto é de fato necessário num Município no qual o contexto e o discurso político era já o do reforçamento da organização e luta populares e da garantia dos direitos básicos inscritos como essenciais à cidadania, tais como saúde e educação.

Essas questões tornam-se mais graves quando se leva em conta ser Icapuí apenas uma partícula de um imenso país no qual impera a ordem capitalista, o qual, adequando-se à nova conjuntura mundial de reordenamento do capital, opta pelo modelo neoliberal de desenvolvimento. Aqui, não podemos furtar-

nos da compreensão do Estado enquanto gestor das políticas públicas, configurando-se via de regra, como amortecedor dos conflitos sociais.

Icapuí, neste contexto, é *sui generis* como outras cidades e capitais administradas pelo Partido dos Trabalhadores, pelo fato de que o programa deste Partido sempre apontar críticas e propostas com relação a esta demanda, qual seja, a dos trabalhadores analfabetos e/ou desescolarizados.

A história de emancipação política de Icapuí, que se consolidou formalmente a partir de 1985 - quando, através de plebiscito seguido de leis Estadual e Federal desliga-se administrativamente do Município de Aracati, cujo domínio até pouco tempo era de uma oligarquia que vinha se revezando no poder desde o século XVIII - comprova todo um engajamento político de seus habitantes e um desejo de construir algo novo em termos de organização municipal.

Assim, em 1991, Icapuí **“deixou de ser uma pequena cidade no litoral cearense. Sob a administração do petista Dedé Teixeira, virou a única cidade brasileira agraciada com o prêmio Paz e Liberdade do UNICEF, Órgão que se dedica ao estudo de soluções para os problemas das crianças na Organização das Nações Unidas”**. (CAMPOS, 1992:7). Tal prêmio foi conseguido graças à universalização do Ensino Fundamental, efetivada mediante a construção e/ou reforma de escolas e dotação de equipamentos e pessoal nas mesmas em cada comunidade, bem como à questão da saúde, tratada igualmente como prioridade básica da população.

Da mesma forma, os gestores municipais preocuparam-se com a Educação de Jovens e Adultos e implantaram os já referidos Círculos de Cultura.

O que difere Icapuí das demais cidades neste tópico é a forma como estes foram implantados. Assim, o Estado-Município estabelece uma nova relação com seus cidadãos, que, segundo o Prefeito, implica em que **“o resultado desta sintonia com o imaginário popular e a nova forma de relacionamento entre Prefeitura e cidadãos faz emergir outra cultura política... Hoje nós temos um Departamento de Assistência Social que politiza e equaciona de forma honesta as carências pessoais mais imediatas”**. (Dedé Teixeira CAMPOS, 1992:10).

Dentro do contexto mais geral e focando o olhar sobre a realidade específica de Icapuí coloquei-me como tarefa fundamental a análise da crise do modelo capitalista e suas tentativas de recuperação, tentando compreender inicialmente o próprio modelo e buscando nesta análise responder, em alguma medida, o emaranhado de questões que vinha me colocando e, principalmente, aquelas que se aproximam mais diretamente do significado político-pedagógico da Educação de Jovens e Adultos neste contexto.

Seria importante, indagar, por exemplo, em que medida as reflexões travadas com os educadores de Icapuí tiveram ressonância na práxis social dos mesmos, em outras palavras, que consequências teve aquele trabalho para a vida e para o processo de libertação dos alunos?

Ressalto que estas indagações não estavam, ao longo do desenrolar da experiência, equacionadas da maneira como as faço aqui. Expressavam-se como inquietações, em grande parte, pouco claras e dispersas e que iam manchando as

práticas cotidianas por um lado e consubstanciando-se em material de análise teórico-prática e em tentativas de superação de tais problemas, por outro.

Assim, ao debruçar-se sobre os documentos relativos ao Projeto, é que percebi mais claramente suas contradições e pude analisá-las à luz de um referencial teórico que coloca a questão do trabalho como central para a compreensão das mesmas.

Nesta Dissertação, analisarei parte destes documentos, mesclando-os com as contribuições de diversos autores que se pautam na visão histórico-materialista e que versam sobre a educação, em geral e sobre a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores, em particular.

Um outro momento importante neste trabalho diz respeito aos diálogos estabelecidos com o Coordenador Local, com um professor do Projeto e com um aluno, afim de buscar uma reflexão acerca do sentido e da importância do Projeto, com uma visão menos comprometida (no sentido do envolvimento) com o mesmo, haja vista o tempo decorrido desde o seu término até as entrevistas, realizadas em abril de 1997.

BH/UFG

Vale ressaltar que entre estes diálogos, considero importante a participação do Padre Antonio Lopes de Lima, que também é professor, e participa ativamente da dinâmica da Administração Municipal, por também ser militante político, e das atividades desenvolvidas nas comunidades de Icapuí, devido ao seu trabalho pastoral.

Com relação aos Gestores Municipais, não estabeleci um diálogo direto acerca do Projeto, mas tive a oportunidade de participar do Encontro de Avaliação

dos Cem Dias da Administração Municipal, o qual representou um momento ímpar no sentido de perceber as possibilidades e limites da mesma e de levantar algumas questões sobre a condução da educação atualmente no Município.

Neste aspecto, adianto que a atual Secretária de Educação, Cultura e Desporto de Icapuí, Professora Maria Dione Soares, dirigia à época do Projeto, o Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico. Ela informou que não dispunha de dados sobre os Círculos de Cultura, assumindo que não os acompanhou de perto, tendo em vista que havia sido indicado um Coordenador específico para os mesmos, no caso, o Professor Clotenir Damasceno Rabelo.

Esta Dissertação pretende, portanto, buscar esses dados e assim, reconstruir a história deste Projeto, que significou muito para a realidade de Icapuí, embora não tenha sido devidamente trabalhado com os trabalhadores do Município, público alvo da proposta, como percebemos mais adiante.

Desta forma, a Educação de Jovens e Adultos de Icapuí, desenvolvida nos anos de 1993 a 1995, representará, nesta análise, uma das possibilidades de Educação Popular, compreendida como um espaço de manifestação da cultura popular, por um lado, e como um momento de socialização do saber historicamente construído, identificado com os interesses históricos da classe trabalhadora, por outro.

Procuraremos aprofundar em que medida esta premissa básica se configurou em uma *práxis* educacional no referido Projeto e, assim, refletir a Educação Popular a partir e para além de uma prática.

PARTE I - POSSIBILIDADES E LIMITES DA PROPOSTA - OS

(DES)CAMINHOS TRILHADOS

“...A educação constitui também uma ocupação política, ao pretender facultar ao homem em formação tornar-se sujeito da práxis histórico-social em solidariedade com os outros”

KOWARZIK

Toda ação educativa está intimamente relacionada a uma intencionalidade contextual. A educação, “**de prática social construída e constituinte da Sociedade**” (FRIGOTTO, 1993:211) apresenta-se mediada pelo Estado e este, por sua vez, em nosso contexto capitalista neoliberal, pressupõe adequação de propostas e práticas educativas aos objetivos do capital.

Isto posto, concebemos que necessário se faz uma análise da forma de organização política, social e econômica de nossa sociedade. Tal análise, a meu ver, deve ser elaborada a partir do referencial clássico de Marx, numa perspectiva ontológica.

Se, de um lado, temos o capital ordenando toda uma organização social, é impossível deixarmos de perceber que o elemento que lhe dá sustentação é o trabalho.

Com a decantada crise do modelo de acumulação vigente e o colapso do socialismo real, alguns analistas propõem em suas teses o fim da centralidade do trabalho e da *classe-que-vive-do-trabalho*, apontando como saídas, a formação de um *cognitariado* (em Adam Shaff) ou busca de saídas centradas na subjetividade individualista baseada numa razão sensível (em Kurz) ou até mesmo, a mudança

de paradigmas, direcionando a análise para a categoria *modo de vida* (em Claus Offe).

Contrariando tais teses, advogo, com os autores marxistas, que o trabalho continua tendo sua centralidade na medida em que

“a essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, é um resultado que no início do processo existia já na representação do trabalhador, isto é, de modo ideal” (LUKÁCS, 1978: 4).

Assim, defendendo o caráter ontológico do trabalho, Ricardo Antunes nos alerta que a centralidade do mesmo continua intocável, a despeito da crise do modelo de acumulação, haja vista que

UH/UFC

“ainda que presenciando uma redução quantitativa (com repercussões qualitativas) no mundo produtivo, o trabalho abstrato cumpre papel decisivo na criação de valores de troca. As mercadorias geradas no mundo do capital resultam da atividade (manual e/ou intelectual) que decorre do trabalho humano em interação com os meios de produção” (ANTUNES, 1995: 75).

Antunes confirma sua afirmação com a argumentação de Marx de que **“a diminuição do fator subjetivo do processo de trabalho em relação aos seus fatores objetivos”** ou **“o aumento crescente do capital constante em relação ao variável reduz relativamente, mas não elimina, o papel do trabalho coletivo na produção de valores de troca” (MARX, 1975: 723-724 In-ANTUNES, 1995: 75).**

Tais reflexões justificam-se nesta Dissertação, na medida em que a Educação de Jovens e Adultos, inscrita numa perspectiva popular, tem, historicamente, buscado identificar-se com os interesses das camadas populares que compõem no seu todo, a *classe-que-vive-do-trabalho*, conforme conceituação de Antunes. Se se apresenta uma perspectiva de transformação social e busca da liberdade humana, cabe a esta classe, fundamentalmente, tal tarefa. Como bem coloca Lukács

“com justa razão se pode designar o homem que trabalha, ou seja, o animal tornado homem através do trabalho, como um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que a provoca. Todavia, o núcleo da questão se perderia caso se tomasse aqui como pressuposto uma relação imediata. Ao contrário, o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que - paralelamente no desenvolvimento social e em proporção crescente - ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas” (LUKÁCS, 1978:5).

Compreende-se que, desta forma, não somente a resposta, mas também o ato de perguntar constitui-se já num produto da consciência, segundo Lukács. Ele nos alerta, porém, que **“isso não anula o fato de que o ato de responder é elemento ontologicamente primário nesse complexo dinâmico. Tão somente o carecimento material, enquanto motor do processo de reprodução**

individual ou social, põe efetivamente em movimento o complexo do trabalho” (LUKÁCS, 1978: 5).

A liberdade humana assim, se efetivará, pois,

“só quando o trabalho for efetivo e completamente dominado pela humanidade e, portanto, só quando ele tiver em si a possibilidade de ser não apenas meio de vida, mas o primeiro carecimento da vida, só quando a humanidade tiver superado qualquer caráter coercitivo em sua própria autoprodução, só então terá sido aberto o caminho social da atividade humana com fim autônomo” (LUKÁCS, 1978: 16).

Tais afirmações, a meu ver, contribuem para reforçar cada vez mais a tese de que não é o marxismo que está em crise, mas sim, o modelo de acumulação que se pautava na exploração da força de trabalho, da *classe-que-vive-do-trabalho*.

Na nova materialidade da crise e suas tentativas de superação, o neoliberalismo ou neoconservadorismo, no dizer de Gaudêncio Frigotto, percebe na educação uma alternativa de mão dupla. Tanto pode servir para, adequando-se às novas tecnologias, formar uma parcela dos trabalhadores que servirão ao capital, como pode continuar um processo de formação geral, sem especializações, que, via de regra, só tem servido para formar cidadãos “menos alienados”, na medida em que fazem uso correto da língua escrita.

A demanda por educação, porém, continua, embora inconsciente em certas dimensões, e a proposta de uma educação numa perspectiva socialista democrática também ainda está na ordem do dia. Salientamos, de acordo com Frigotto, que

“esta perspectiva não pode inventar uma realidade supra-histórica. Ela se gesta no embate contra-hegemônico de dentro desta materialidade. No plano teórico, político, filosófico e ético, a perspectiva é de não reduzir os processos educativos a uma perspectiva unilateral, mas alargá-los na perspectiva omnilateral que expressa as múltiplas necessidades do humano” (FRIGOTTO, 1993: 216).

I.I - A LITERATURA BÁSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Revendo a literatura corrente sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil, verifica-se que este campo, teve, ao longo da história, um tratamento diferenciado, ficando, na maioria das vezes, circunscrito a programas, Projetos e campanhas que deram conta de alfabetizar e/ou profissionalizar pequenas parcelas da população fora de faixa etária escolar. Ressalta-se que, na totalidade, tais programas voltam-se, a nível do discurso, às camadas populares, tentando de alguma forma, corresponder aos seus interesses.

Não é a partir de uma visão simplista e maniqueísta, porém, que afirmamos que todas estas “tentativas”, mesmo aquelas que aglutinavam os movimentos populares, afinavam-se com interesses de classes ou camadas que ocupavam o poder.

Este trabalho de resgate histórico das experiências no campo da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular pode ser verificado em *Educação Popular e Educação de Adultos*, de 1987, da autora Vanilda Paiva.

Em *A Questão Política da Educação Popular*, de 1980, os autores Aída Bezerra, Silvia Manfredi, Vanilda Paiva, Carlos Rodrigues Brandão, Luís Eduardo Wanderley, Pedro Benjamim e Paulo Freire, optam pela análise da Educação de Jovens e Adultos vinculada ao conceito de Educação Popular, significando uma aproximação direta dos interesses da classe trabalhadora pela Educação. São debatidos temas que relacionam diretamente Educação Popular, Saber, Estado, Cultura e Democratização.

Na mesma direção e pautados basicamente em experiências concretas vivenciadas Brasil afora, Vanilda Paiva e Carlos Rodrigues Brandão somam-se a autores como Celso de Rui Beisiegel, Guiomar Namó de Melo, Osmar Fávero, dentre outros e editam uma coletânea de textos básicos preparados para o Seminário sobre Educação Popular, promovido pelo IBRADES, Centro João XXIII, no Rio de Janeiro, em 1982. Nas *Análises, Perspectivas e Dilemas da Educação Popular*, título da coletânea, apontam na Primeira Parte um debate de cunho mais teórico sobre a questão, discutindo Ensino Público e Educação Popular, Reflexões sobre o Estado e a Educação Popular e formação do professor. Na Segunda Parte, temos um resgate de algumas experiências vivenciadas na área, como a assessoria do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação - à pastoral popular no Rio de Janeiro, na confecção de material didático para educação popular e em Projetos de educação popular na área de saúde.

Numa literatura mais recente (Em Aberto, INEP/MEC - 1992), a coletânea de textos e artigos denominada *Tendências na Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores* já aponta a perspectiva de análise pautada em argumentos

teóricos, por um lado e atrelando a Educação de Jovens e Adultos às políticas educacionais, por outro. Os autores são: Sérgio Haddad, Mirian Jorge Warde, Maria Clara di Pierro, João Francisco de Souza, Marília Spósito, dentre outros.

Haddad, por exemplo, afirma que **“no plano formal tem havido um crescente reconhecimento em termos de legislação, do direito ao jovem e ao adulto que não teve oportunidade de escolarização no período adequado de obtê-la” (HADDAD, 1992:11)**. Segundo ele, tal fato explicita o dever do Estado para com a educação dos excluídos da escola. Porém, afirma ainda que o Governo Federal e os Estados têm nos últimos anos se descompromissado com a questão, deslocando a responsabilidade para os Municípios, como reflexo do esvaziamento das políticas nacionais.

Em suas análises, que apontam a necessidade de redimensionamento do conceito de Educação de Jovens e Adultos, a necessidade de uma escola básica (infantil) de qualidade, o papel dos movimentos populares no âmbito dos serviços públicos de ensino, dentre outras questões, Haddad, referindo-se ao papel da Universidade neste campo, conclui que estas **“não têm produzido conhecimento significativo em quantidade e qualidade que possa efetivamente contribuir ao aperfeiçoar das práticas educativas desenvolvidas por programas de Educação de Jovens e Adultos bem como na compreensão desse fenômeno” (HADDAD, 1992:11)**.

Na mesma direção de Haddad, Maria Clara di Pierro conclui que há progressiva indiferença pelo ensino de jovens e adultos na política educacional. Chama de *genocídio educacional* a existência de 17,5 milhões de brasileiros

BR/UFPA

analfabetos e um número ainda maior daqueles que possuem escolaridade inferior a quatro anos de estudo. Afirma ainda a existência de razoável concurso sobre a importância de educação básica como instrumento para o exercício da cidadania, e que um país em processo de reconstrução da ordem democrática demanda elevação do nível educacional da população.

Atrela, inclusive, esta demanda aos novos parâmetros para o modelo de produção, pautado na tecnologia, afirmando que **“nada menos que 22,9 milhões de jovens e adultos analfabetos ou com menos de quatro anos de estudos têm entre 15 e 29 anos, encontram-se em plena idade produtiva e constituem parcela significativa dos trabalhadores que deverão enfrentar o desafio das novas tecnologias”** (DI PIERRO, 1992:22). Considera um *suicídio econômico* o fato de **“relegar à ignorância parcela tão grande da força de trabalho do país, ou ainda amargar décadas de atraso até que se formem novas gerações”** (Idem, *Ibidem*).

Segundo Di Pierro, estas seriam razões mais que suficientes para a Educação de Jovens e Adultos ser encarada como uma das prioridades das políticas educacionais.

Nesta mesma linha de análise seguem os demais autores, debatendo as políticas das organizações internacionais para a educação popular, as perspectivas da educação popular nos anos 90, as novas dimensões da exclusão e, até mesmo, apontando a teleducação como alternativa para a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores, dentre outras questões.

Ressalta-se que, neste campo, a maioria das análises fazem referência direta ou indiretamente à proposta político-pedagógica de educação de adultos de Paulo Freire.

I.I.I - O APORTE EM PAULO FREIRE

**“Não sou esperançoso por pura teimosia
mas por imperativo existencial e histórico.”
Paulo Freire**

Desde as suas primeiras experiências neste campo a partir da década de 60, Paulo Freire tem sido tomado como referencial maior para as práticas e propostas de um ideal de educação popular para jovens e adultos. Sua produção tem sido marcada por este debate. Desde *Conscientização e Alfabetização* (1963), *Educação como Prática de Liberdade* (1968), passando por *Ação Cultural e Conscientização* (1970) e *Pedagogia do Oprimido* (1992), Paulo Freire vem apostando na educação libertadora, a educação que instrumentaliza o homem/sujeito para agir conscientemente sobre a natureza, produzindo cultura através do processo de trabalho. A ação humana que transforma a natureza a partir de uma necessidade, pode também transformar as estruturas de poder e dominação que se estabeleceram historicamente na sociedade, segundo ele.

Paulo Freire é marco e referência porque propõe **“pensar a prática como o melhor caminho para pensar certo”**, e assim utiliza-se, sem nomear, da propositura dialética marxista de que o homem **“põe em movimento as forças**

naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 1985: 149).

Não é a toa que Paulo Freire tem sua obras traduzidas em 18 idiomas, um trabalho em diversos países e a concessão de título de *Doutor Honoris Causa* por mais de 20 das mais respeitadas Universidades do mundo.

Paulo Freire continuava apostando na educação como mecanismo de construção de uma sociedade pautada na liberdade e na democracia, criticando a perspectiva neoliberal de condução da educação e considerando-se mais radical com relação às suas opções políticas e ideológicas e, segundo ele, percebendo-se “possivelmente numa maior clareza diante do que chamo de leitura do mundo”. (FREIRE, 1985: 8).

Sobre o neoliberalismo, Paulo Freire afirma: “sou um homem radicalmente crítico do discurso neoliberal e que se alonga em pós-modernidade... O discurso liberal tem uma lógica de classe fantástica. Ele nega as classes como se a história pudesse, de uma vez, acabar com a continuidade de si mesma”. (FREIRE, 1995: 8).

Para ele, uma das características que faz a história ser ela mesma é a continuidade, ou seja, a historicidade. Sobre este aspecto, ele afirmou que

“a história marcha, continua, a história é devir, não uma entidade sobre nós. Os liberais chegam e anunciam a morte da história, sem que os homens e as mulheres tenham morrido. Os liberais dizem que

todo mundo se tornou igual. Então, uma das tragicidades do intelectual do terceiro mundo, como nós, é que damos aulas de pós-modernidade e convivemos com 30 milhões de miseráveis, no Brasil, que não chegaram sequer à modernidade, não passaram da tradicionalidade, da consciência mágica que eu chamei de intransitiva... Então, eu nego a validade desse discurso”. (FREIRE, 1995: 8).

Ainda tecendo suas análises sobre o neoliberalismo, com respeito às propostas de formação de um trabalhador crítico, flexível e participativo, Paulo Freire destacava que **“a criticidade necessária ao neoliberalismo é uma criticidade vesga, que vai ao encontro da presteza, da resposta imediata e segura, mas sempre em favor da verdade do opressor”**. (FREIRE, 1995: 9).

Sobre o processo de formação de consciência crítica dos educandos, elevando-a para uma competência igualmente crítica face às transformações que se operam no mundo moderno, Paulo Freire advogava que isso deveria ser tarefa dos sindicatos progressistas, dos professores e dos órgãos de classe, pois segundo ele, baseado em Marx, **“a educação do trabalhador feita pelo patrão é, indiscutivelmente, a reprodução do operário em si mesmo. Evidentemente, não se pode esperar que o patrão desenvolva uma pedagogia para libertar o operário. E nem que o Estado como uma totalidade, adira a essa postura, porque essa é uma questão política e, portanto, ideológica”**. (FREIRE, 1995: 9-10).

Paulo Freire continuava demonstrando um profundo respeito à experiência e à identidade do educando, mas defendia-se das críticas de que, assim, pode-se

ficar ao nível do senso comum, proponto partir de uma curiosidade indiscutível diante do mundo transformando-a numa curiosidade epistemológica. Aqui, o aprendizado da linguagem constituiria um dos elementos de construção dessa curiosidade segunda.

Moacir Gadotti, avaliando a contribuição de Paulo Freire nos diz que:

“os neoliberais e neoconservadores sustentam que a luta de classes acabou, que a ideologia acabou, que nada mais é ideológico. Esse discurso não torna velhos os nossos sonhos de liberdade e não deixa de ser menos justa a luta contra o autoritarismo. Isso apenas nos obriga a compreendê-lo melhor em suas múltiplas manifestações. Não pode estar superada a pedagogia do oprimido enquanto existirem oprimidos. Não pode estar superada a luta de classes enquanto existirem privilégios de classe.” (GADOTTI, 1996: 114-115)

Nestes últimos anos em que o discurso e a proposta construtivista tem-se configurado como uma exigência para os educadores de norte a sul deste país, Paulo Freire foi questionado acerca da proposta metodológica de alfabetização. Teria ele tratado muito bem a questão do processo de conscientização e mesmo dos objetivos de uma educação libertadora, mas teria deixado a desejar no tocante à questão do aprendizado da língua escrita. Tem-se colocado, inclusive em destaque, o fato de sua proposta metodológica para a alfabetização, mesmo partindo de palavras geradoras que devem estar inseridas no contexto sócio-político dos educandos e ao mesmo tempo nas necessidades fonéticas para o domínio da leitura e escrita, redundar, do ponto de vista dos avanços

psicogenéticos, numa abordagem tradicional-mecanicista por pretender-se analítica e, ao final ser sintética.¹ Propõe-se, assim, como alternativa, o referencial construtivista de aquisição da leitura e escrita, baseado na Epistemologia Genética de Jean Piaget. Destaque-se neste campo a experiência de Irene Therezinha Fuck, em Florianópolis - SC, que, aliando a Teoria Piagetiana à proposta político-pedagógica de Paulo Freire, alfabetizou 15 adultos, sem qualquer evasão, durante três meses de aula, baseada **“na psicogênese da alfabetização, enraizada no construtivismo. O ponto de vista de referência maior é a proposta da Alfabetização de Crianças do GEEMPA” (FUCK, 1993:38).**

A proposta levada a cabo em Icapuí pautava-se também neste referencial, uma vez que os cursos ministrados nas áreas específicas primavam pela compreensão da aprendizagem como construção dos conhecimentos por parte dos alunos.

Porém, não há entre os educadores um consenso de que esta seria a alternativa mais feliz. Tomaz Tadeu da Silva, por exemplo, advoga que o construtivismo **“deve ser entendido num contexto mais amplo da discussão e análise da educação brasileira dos últimos anos” (SILVA, 1993: 3).**

¹Para uma melhor compreensão sobre os métodos de alfabetização, ver, por exemplo, ABUD (1987) para quem os métodos são classificados em dois grupos: os sintéticos e os analíticos. Admite-se ainda um terceiro grupo: o dos analíticos-sintéticos, mistos ou ecléticos. Os sintéticos partem dos elementos mais simples - a letra, fonema, a sílaba - para chegar à palavra. Os analíticos partem de estruturas globais - a palavra, a frase, o conto - para o reconhecimento das sílabas. Os ecléticos propõem atividades simultâneas de análise e síntese, compor e decompor. A esse respeito verificar ainda BRASLAVSKY, 1971.

Contrariando a tendência corrente que identifica o construtivismo com uma prática progressista e de esquerda, Silva considera que a predominância da prática construtivista significa uma regressão conservadora, uma vez que representa a volta do predomínio da Psicologia na Educação e na Pedagogia. Segundo ele, tal predomínio tem bases ideológicas pois **“como bem demonstrou Foucault, a Psicologia, como outras ciências de conhecimento do homem, está envolvida num processo de individualização, vigilância e controle do homem. Ela se insere no objetivo de melhor conhecer para melhor controlar, para produzir subjetividades e identidades”** (SILVA, 1993: 4).

Outra crítica de Silva ao construtivismo diz respeito à pretensão deste de se apresentar, através de alguns autores, como substituto de uma teoria social da educação, assim, o construtivismo se apresenta **“como a possibilidade de instauração da democracia através da Pedagogia”** (SILVA, 1993: 5). Isto se efetivaria na medida em que este pretende **“atribuir às relações de sala de aula, propriedades que pertencem à esfera das relações econômicas e políticas amplas”** (SILVA, 1993: 5).

Silva ressalta, como influência do construtivismo na alfabetização, o psicologismo e a conseqüente despolitização da questão, pois **“ao reduzir o problema do analfabetismo a um problema de aquisição, isolam-se todos os componentes sociais e políticos associados ao fenômeno e ao problema do analfabetismo”** (SILVA, 1993: 5).

Critica ainda a tendência à biologização e à naturalização bem como ao mascaramento das relações de controle e de poder inerentes ao processo educacional, dentre outras questões relevantes para a discussão.

Ressalto que este não é um debate fechado e concluído mas que está ainda na ordem do dia dos educadores comprometidos com uma prática educativa libertadora, mesmo porque, apesar do rolo compressor neoliberal, as condições são favoráveis ao mesmo, uma vez que se apresenta em níveis diferenciados para aqueles que se propõem a encará-lo de frente.

Segundo Monique Deheinzelin, em sua análise sobre o construtivismo, intitulada *O Discurso do Anti-método*, estes níveis seriam: o ontológico, que diz respeito à idéia de ser humano pensante; o filosófico, que deve debruçar-se sobre a necessidade humana de conhecer e construir conceitos; o psicológico, que **“trata da forma singular como cada indivíduo constrói conhecimento e das regularidades encontráveis entre as diversas formas” (DEHEINZELIN, 1991: 9)** e o nível pedagógico, que intersecta entre os modos como os sujeitos constroem conhecimento e os objetos de conhecimento propriamente ditos. Este nível é, segundo a autora, **“o terreno próprio dos educadores, o terreno das metodologias, da didática” (DEHEINZELIN, 1993: 10).**

Como se vê há que se analisar sob diversas óticas tal propositura, que, nas práticas pedagógicas cotidianas, tem se limitado à postura metodológica como forma de resolver problemas de ensino-aprendizagem.

Sob uma perspectiva dialética da Educação Popular, é surpreendente constatar-se que no próprio campo da educação sindical cutista, a tradição

marxista que embasa tal concepção, vem sendo contestada. Configurando-se, segundo Domingos Corcione, educador da EQUIP², como uma forma de ver a realidade, visando orientar a ação educativa, tal concepção **“herdou princípios e categorias da tradição marxista, que hoje estão em crise”** (CORCIONE, 1995:3) - grifo nosso.

É sabido que a concepção dialética influenciou e influencia, ainda, boa parte das práticas pedagógicas próprias dos movimentos sociais, especificamente no campo da Educação de Jovens e Adultos, notadamente com o aporte da proposta político-pedagógica de Paulo Freire.

BH/UFG

Note-se porém, que nem sempre há uma compreensão adequada sobre a concepção dialética da Educação, configurando-se esta, na prática, em arremedos da teoria ou sustentando-se apenas em chavões e/ou conceitos soltos e fragmentados associados à mesma.

De acordo com Corcione - que pauta sua análise na referência histórica à inserção da metodologia dialética na Educação Popular, bem como na explicitação, sob sua ótica, de elementos constitutivos da Concepção Metodológica Dialética, quais sejam: o Projeto político, a relação prática-teoria e a construção coletiva de conhecimentos - tal metodologia influenciou toda uma propositura de Educação Popular no Brasil.

Corcione parte de uma crítica à predominância de uma visão simplista e reducionista do marxismo, quando afirma que esta visão trouxe como

²EQUIP - Escola de Formação Quilombo dos Palmares. Originalmente ligada aos sindicatos filiados à CUT (Central Única dos Trabalhadores), está hoje descaracterizada de seu referencial teórico-metodológico marxista e permeada pelos novos paradigmas já citados anteriormente.

consequência **“um discurso ideologizado, que não permitiu abordar a prática concreta e cotidiana do trabalho pedagógico; uma ótica fundamentalmente economicista e macroestrutural”** (CORCIONE, 1995: 4). Ainda, segundo ele, **“o discurso que privilegiou a leitura das dimensões estruturais da sociedade, deixou pouco espaço para uma teorização dos problemas da vida cotidiana e dos processos de constituição da subjetividade dos atores sociais”** (CORCIONE, 1995: 4).

A partir desta argumentação, Corcione pretende justificar uma possível crise no discurso e na prática da Educação Popular na América Latina devido ao novo contexto econômico e político que vem se instalando no Continente, que se explicita em **“processos de democratização; adoção de políticas econômicas neoliberais; emergência de novos atores e movimentos sociais; impacto trazido pela crise dos socialismos reais”** (CORCIONE, 1995: 4).

Corcione amplia, assim, sua crítica e fá-la abranger a própria perspectiva socialista, fato devido à tradição marxista que tem fundamentado a educação popular. Para ele, esta concepção não mais se colocaria na ordem do dia, devido às rápidas mudanças tecnológicas, a emergência de novos atores sociais, dentre outras causas. Argumenta que, no contexto do capitalismo contemporâneo, a **“identidade de classe foi perdendo sua centralização, se reduziu, nasceram outras identidades não baseadas no econômico: de gênero, etnia, religiosa ou ao redor de valores éticos que apontam para uma variedade de interesses. São diferenças não apenas estruturais, que não se modificam só por transformações na base econômica da sociedade”**. (CORCIONE, 1995: 6).

Porém, a suposta crise da Educação Popular e dos movimentos sociais nos termos colocados pelo autor, perde a centralidade, quando olhamos a questão a partir de outro prisma, ou seja, quando localizamos a crise no modelo mesmo de acumulação capitalista e sua tentativa de reordenação. Nesta ótica, a educação é tomada, mais uma vez, como a alternativa para a consolidação do “novo modelo”, como bem analisa Frigotto.

Diante da perspectiva da *Sociedade do Conhecimento*³, a educação é alvo central das políticas neoliberais. Reconhece-se que não há modelo de desenvolvimento econômico que se sustente, não há sociedade avançada tecnologicamente que combine, ou seja possível de sucesso, com índices baixíssimos de escolarização e de alfabetização.

Neste aspecto, concordamos com as idéias de Maria Clara Di Pierro, registradas anteriormente. O próprio Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza reconhece que **“o nível educacional médio da nossa força de trabalho é inferior a quatro anos de escolaridade completa... Mas hoje o país exige uma mão-de-obra qualificada, para que possa participar da nova indústria do mundo moderno, que é baseado na comunicação, na informação que depende do ensino”** (SOUZA, 1995: 7 - *Entrevista A educação à beira da catástrofe* In Diário do Nordeste, 12/09/95).

³ O avanço tecnológico, colocado com supremacia neste final de século, estaria exigindo uma mão-de-obra mais qualificada e melhor preparada dentro dos conceitos da qualidade total, formação abstrata, policognição e qualificação flexível e polivalente. Tais exigências, para alguns autores (Adam Shaff em destaque), estariam supostamente gerando a Sociedade do Conhecimento, na qual as classes sociais atuais seriam substituídas pelo cognitariado. A este respeito ver FRIGOTTO, 1993 e 1994.

A alternativa, segundo o Ministro, é a “**redistribuição dos recursos já vinculados à educação**”(SOUZA, 1995:7), reduzindo a questão a um problema meramente econômico, sem considerar a perspectiva político-social.

Reconhecendo que há intencionalidade, ideologia e Projeto político de homem e de sociedade por trás de qualquer proposta educativa, retomo aqui a Educação de Jovens e Adultos em Icapuí, nosso objeto de análise e de prazer.

Assim, propus-me nesta Dissertação, analisar a Educação de Jovens e Adultos de Icapuí, no período de 1993 até hoje, marcando esta análise pela busca incessante de respostas às questões levantadas no início desta Dissertação, relacionando-as com o debate contemporâneo acerca da relevância e atualidade do referencial marxista que tanto influenciou tais práticas em diversos períodos da história da Educação de Jovens e Adultos levando em conta, ainda, as necessidades do mercado de trabalho colocados agora sob “novas exigências” e nesse contexto, responder a seguinte questão: educar jovens e adultos para que? Teriam eles acesso às “benesses” configuradas nas novas tecnologias?

Sobre este aspecto, vale indagar até que ponto Icapuí se insere no quadro dessas “novas” exigências. Uma vez universalizado o Ensino Básico e implantado o de Jovens e Adultos, que parâmetros norteiam essa educação? Quais seus princípios e fins? Com que meios tais propostas são levadas a cabo? Como uma cidade de 420km², com uma população de 13.658 habitantes e com economia diversificada, que vai desde a exploração do petróleo, extração de sal e pesca da lagosta ao artesanato em renda, à venda de côcos e pequenos comércios pode fazer uso das novas tecnologias? Como a educação pode subsidiar a preparação

dessa mão-de-obra, especificamente jovem e adulta? Que lugar tem o trabalho, enquanto categoria central, nesta análise e nesta prática?

I.II - ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ICAPUÍ: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA, NA VISÃO DA PROFESSORA ELIANE DAYSE PONTES FURTADO

O texto *Alfabetização de Jovens e Adultos: uma construção coletiva* (ANEXO I), da Professora Eliane Dayse Pontes Furtado, Coordenadora do Projeto de Educação de Jovens e Adultos de Icapuí pela Faculdade de Educação da UFC, é o único documento, entre os vários pesquisados sobre o referido Projeto, que apresenta em linhas gerais a concepção teórico-metodológica que o embasa e versa sobre como, na sua visão, desenvolveu-se o mesmo.

A Professora inicia o texto colocando a necessária relação entre Universidades e Municípios tendo por base as políticas do Ministério da Educação neste campo. Neste tópico, situa a Faculdade de Educação da UFC e seu Programa Integrado de Ações Educativas FACED/Municípios Cearenses como uma proposta de política de extensão, onde define a Alfabetização de Jovens e Adultos como uma das ações prioritárias junto aos Municípios que buscam a cooperação da FACED-UFC.

Situa, ainda, a Educação de Jovens e Adultos como um desafio para as escolas, uma vez que há necessidades e reclamos das camadas da população que não puderam freqüentar a escola no tempo devido, afirmando que “a

ampliação dos sistemas públicos de ensino e da Educação de Jovens e Adultos é também resultado da sociedade civil” (FURTADO,1994:2), tudo isto sem situar claramente, é bem verdade, quais seriam essas necessidades atuais.

Conceitua o trabalho desenvolvido em Icapuí como **“um trabalho de pesquisa-intervenção, de construção coletiva do conhecimento, com vinte educadoras de jovens e adultos do Município” (FURTADO,1994:3).** O objetivo do mesmo seria **“construir uma metodologia de alfabetização que conduza os alunos à integração à escola regular” (IDEM).**

Em seguida, disserta brevemente sobre o contexto do Município de Icapuí, enfatizando sua localização, população, principais núcleos populacionais e perfil econômico, social e educacional, no qual situa todo o trabalho desenvolvido pelos Gestores Municipais, tendo em vista a qualidade do ensino público, sua universalização e a luta pela erradicação do analfabetismo através dos Círculos de Cultura.

Define, em seguida, a concepção político-pedagógica como sendo o ponto de partida de qualquer trabalho em que a construção de uma teoria crítica da alfabetização seria o centro da questão.

Após essa breve definição, a Professora Furtado prossegue colocando o desenvolvimento prático das ações do Projeto que ela conceituou de *Construção Coletiva no Cotidiano do Projeto*, onde explicita que este desenvolvimento prático percebia o cotidiano como **“ponto de partida e de chegada” (FURTADO, 1994:8),** passando em seguida para os resultados obtidos.

A professora aponta, como conclusão, a necessidade da Universidade contribuir com programas desta natureza e as implicações objetivas e subjetivas que o trabalho desenvolvido acarreta para as práticas de Educação de Jovens e Adultos.

Justificando o Projeto de Educação de Jovens e Adultos em Icapuí, a autora preconiza como sendo uma das prioridades do MEC a interação entre a Universidade, os Estados e os Municípios para o equacionamento dos problemas educacionais diretamente ligados a estas duas últimas esferas citadas. Muito bem, em se tratando da descentralização como componente histórico da luta dos trabalhadores em busca de uma escola pública de qualidade que represente a vida e os interesses objetivos e subjetivos da classe que dela “se serve”. Porém, há que notar-se que, do ponto de vista neoliberal, orientação que caracteriza a atual política governamental, tal descentralização significa algo em torno do “tirar o braço da seringa”, na medida em que a escola descentralizada passa a responsabilizar-se pelo seu presente e futuro no que diz respeito não somente à sua gestão, (a dimensão positiva da descentralização), como também a sua sustentação política e financeira.

A **“mobilização do governo e da sociedade”** (FURTADO, 1994:1), citada pela autora, aponta para a privatização da escola pública, a partir da Universidade mesma, na medida em que, no discurso da busca de parcerias está embutida toda uma ideologia do privatismo que, historicamente, tem sido a tônica do Governo Federal, agora mais explícita.

Há que levar-se em conta que a Universidade tem uma grande dívida com a sociedade (leia-se com a classe trabalhadora) e que com **“sua função social de produtora do conhecimento (pesquisa) e formadora de recursos humanos capacitados”**(FURTADO, 1994:1), ela esbarra no conflito histórico da luta de classes e da hegemonia da classe dominante (burguesia-empresários, latifundiários-banqueiros) quando se trata do **“equacionamento e solução dos problemas sociais”** (FURTADO, 1994:1), uma vez que estes não se resolvem apenas com a apropriação do saber socialmente produzido nem tampouco com a boa formação dos profissionais que atuam na sociedade. É uma tentativa de escamotear os conflitos e a real luta ideológica que se trava historicamente.

A **“transformação da educação”** (FURTADO, 1994:1), pleiteada pela Professora em seu Texto, está intrinsecamente atrelada a um Projeto de transformação social. Não se desconhece que a escola, a partir de si mesma e com o aval e assessoria dos Sistemas Estaduais e Municipais de educação bem como com a assessoria da Universidade pode e deve gestar um Projeto de sociedade nova. Não pode e não deve é esquecer-se da luta pela hegemonia que não começou ontem, mas que trava-se diariamente no mundo do trabalho, seja ele produtor de mercadorias ou de ideologias, mecanismos de controle e coerção do todo social, da classe produtora. Não dá para supor uma relação mecânica e direta da interação entre Estados, Municípios e Universidades com a transformação da educação e com a criação de uma nova ordem social como a apontada pela professora Furtado, apoiada em trechos do texto *Educação Básica, Alfabetização e Contribuição da Universidade* de Merion Campos Bordas.

A Professora Furtado aponta a construção de uma metodologia de alfabetização que **“vista como um processo social, considera os interesses do sujeito aprendiz, para que ele possa, em conseqüência, mudar a qualidade de sua intervenção na realidade, contribuindo para a sua transformação” (FURTADO, 1994:3)**, como se esta (a metodologia) pudesse, de fato, operar o “milagre” da transformação social.

Neste aspecto, o texto passa ao largo das concepções de homem, sociedade e educação que permeiam as propostas político-pedagógicas do MEC, do Município de Icapuí, da FACED e da Assessoria ao Projeto de Educação de Jovens e Adultos de Icapuí e que deveriam explicitar-se em seus diversos contornos e nuances, de acordo com os interesses de classes que se projetam no tecido social para, somente assim, poder se propor uma sistemática ou um Programa Educativo, envolvendo professores e alunos de Icapuí, que tenha um matiz verdadeiramente revolucionário, transformador.

Em seguida, atrela a transformação social a partir do sujeito educando à questão da construção do conhecimento pelo educando - o construtivismo - de forma mecânica e anti-dialética, na medida em que desconsidera as lutas históricas da humanidade pelas transformações sociais, que não passaram necessariamente pela escolarização nem, em hipótese alguma, pela construção individual do conhecimento. Ao afirmar que **“em função dessa visão Construtivista do Conhecimento e de um ser - sujeito, a proposta pedagógica pretende formar o homem livre e transformador” (FURTADO, 1994:3-4)**, a professora reduz, de um lado a história da luta de classes a um mero

problema pedagógico e de outro, confere poderes extra-ordinários à concepção construtivista da educação. Seria a metodologia proposta e vivenciada com o grupo de professores de Icapuí, responsável direta e mecanicamente pela transformação social, sendo esta, nas palavras da Professora uma metodologia que **“deverá garantir a apropriação da leitura e da escrita e a produção de conhecimentos relevantes e significativos, de forma crítica, para a compreensão e transformação da realidade social”** (FURTADO,1994:4)?

Ao definir a *Concepção Político-Pedagógica do Projeto*, a Professora, apoiando-se em Ann Berthoff, cita Paulo Freire como inventor de um método de alfabetização e um método de ensino baseado na relação dialética entre a teoria e a prática dos educadores, para, em seguida, tecer um breve traçado sobre a metodologia do trabalho utilizado com as professoras de Icapuí, no qual é dada uma noção individualizada e individualizante do educando.

Reafirma que as atividades do Projeto, supõem **“a conquista hegemônica popular no sentido cultural, político e ideológico que leve à transformação social”** (FURTADO,1994:6), sem tocar na questão estrutural da base econômica, do trabalho enquanto elemento fundante de uma sociedade, e que significam, na sua visão, **“um Projeto histórico, uma teoria do conhecimento, a opção por uma concepção de educação e de metodologia”** (CEDI, 1990:19, p/FURTADO, 1994:6).

BH/UFC

A concepção político-pedagógica do Projeto supõe, por fim, que **“pelo uso de uma competência lingüística que se expressa na comunicação, pela leitura crítica das normas e regras sociais e pela capacidade de reelaboração**

do saber instituído” (FURTADO,1994:7), o educando irá posicionar-se no mundo como sujeito e cidadão. A meu ver, esta formulação expressa uma clara concepção neoliberal da educação onde, com tais domínios lingüísticos, estendendo-se ao uso das tecnologias avançadas, o homem será livre e capaz de atuar com competência, flexibilidade e criticidade, capacidades estas, necessárias ao novo modelo paradigmático da produção industrial, conforme analisa o professor Gaudêncio Frigotto, em sua Tese de Professor Titular.

Ao dissertar sobre *A Construção Coletiva no Cotidiano do Projeto*, Furtado enfatiza os momentos coletivos de reflexão e estudos realizados com os professores, que ocorriam semanal e quinzenalmente, no início e no decorrer do Projeto, respectivamente. Tais encontros pautavam-se basicamente nas experiências vivenciadas pelas professoras nos Círculos de Cultura, nas dificuldades encontradas e, algumas vezes, em estudos de textos ou nas *oficinas* com professores e/ou alunos da FACED-UFC.

Estes eram momentos ricos para os professores. Faltavam-lhes, porém, subsídios anteriores que lhes facilitassem a compreensão, a ponto de explicitar mais claramente suas concepções de homem, sociedade e educação.

Vale destacar, outrossim, que ao afirmar: **“o cotidiano era o ponto de partida e de chegada” (FURTADO, 1994:8)**, a Professora não deixa claro em que termos, concretamente, isto se dava. Há que notar-se que o cotidiano não é uma categoria de análise das mais *confiáveis*, tendo em vista que, os olhares para ele podem vir de qualquer direção e a partir de qualquer prisma. Se se enfatizou o discurso da transformação social, no Projeto, fez-se uma opção por uma

sociedade diferente, pelo menos mais justa e igualitária (no discurso progressista), o que é louvável, uma vez que os homens lutam historicamente por esta transformação. Então, cabe aqui a tarefa filosófica ditada por Marx, de que, além de interpretar o mundo, cabe-nos transformá-lo.

O cotidiano era o ponto de chegada e de partida para quê? Para onde? Apenas para analisar a prática pedagógica de cada professora? Isso era muito importante, porém, insuficiente para qualificar o processo ensino/aprendizagem de jovens e adultos rumo à transformação social proposta pela Professora Furtado e pelo Projeto. E mais, se havia a intenção de inserir o educando no sistema regular de ensino, faltou algum tipo de interação com o mesmo, no sentido de qualificá-lo melhor para atender esta demanda.

CH/UFC

Os avanços visíveis anunciados pela Professora parecem ter sido incipientes frente ao caráter arrojado da proposta. Reconhece-se que houve **“estímulo à capacidade de pensar a própria prática e poder concretizá-la com autonomia e liberdade” (FURTADO, 1994:8)**, e que isto favoreceu alguns avanços na metodologia da formação de educadores de jovens e adultos, porém, isto não redundou em grandes transformações para a educação municipal se considerarmos os Relatórios enviados pela coordenação local, da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos de Icapuí, nem no plano chamado pedagógico, didático e metodológico (como bem fragmentou o coordenador local), nem tampouco no que tange aos dados estatísticos. O que se verificou foi uma queda (evasão) crescente em todos os Círculos de Cultura em períodos diferenciados da realidade de cada um, conforme se verificará mais adiante neste trabalho.

Verifica-se, portanto, que o cotidiano é no mínimo falacioso, para não dizer, falseador do real.

Em outras palavras, o Projeto parece marcado por uma visão idealista e parcial da relação entre o conhecimento dito crítico e a transformação da realidade, ao propugnar que **“os resultados obtidos (...) ... apontam para a produção crítica de conhecimentos relevantes e significativos por parte das professoras, que as tem levado à compreensão e transformação da realidade social” (FURTADO,1994:8)**. Ora, em se tratando da erradicação do analfabetismo em Icapuí, esta assertiva passa ao largo, tendo em vista, como se verá adiante, o grande índice de evasão verificado e a própria má formação das professoras que, na sua maioria, mal sabiam ler e interpretar idéias um pouco mais complexas de algum texto mais ou menos didático, a não ser que a concepção de alfabetização seja aquela do assinar o nome e/ou ler palavras e pequenas frases, como se verifica nas produções dos alunos, desprovidas de qualquer sentido, descontextualizadas. Mas não creio que seja esta a concepção da Professora e do Projeto, uma vez que tantas referências foram feitas ao construtivismo, ao processo de aprendizagem do aluno como construção do conhecimento crítico e historicizado.

BH/UFC

Concluindo o documento, a Professora Furtado apresenta uma leitura parcial da realidade ao isolar, inicialmente, Icapuí do contexto mais geral da sociedade brasileira e do mundo e ao afirmar que partiu-se **“da compreensão do contexto sócio-econômico-político e cultural, tanto dos educandos quanto das próprias educadoras inseridas neste processo” (FURTADO,1994:9)- grifo**

nosso. Ora, se os educandos e educadores envolvidos participam de uma mesma realidade social, isto significa que, rigorosamente, não há distinção significativa entre os referidos *contextos*.

Por fim, afirma que a não compreensão da psicogênese, por parte das professoras, teria dificultado a operacionalização da proposta, devido ao fato de terem sido estas marcadas pela utilização do método silábico, o que tem dificultado o atingimento do objetivo do Projeto que seria a condução **“ao resgate da cidadania, a promoção humana e a participação de uma (numa) sociedade justa e solidária (FURTADO,1994:10).** Reduz-se, assim, toda a luta histórica pela emancipação humana a uma questão metodológica relativa ao processo de aprendizagem da língua escrita. O método silábico estaria contra esta direção e o construtivismo, a favor...

Ao apontar a proposta construtivista de alfabetização como o caminho para a construção de um novo modelo de sociedade, ou seja, para a transformação social, a Professora Furtado expressa uma certa ingenuidade quanto aos poderes da educação, descontextualizando-a de todo o resto. Tal pensamento foi marcante na história da Educação Brasileira quando os ideólogos da Escola Nova (anos 30-40) apostavam na mesma, supondo que o ideário e a prática escolanovista transformariam a educação e a sociedade. Não se preocuparam em analisar as estruturas sociais, econômicas e políticas vigentes, nem tampouco em imbricar a proposta pedagógica ao processo histórico de luta dos educadores por uma educação revolucionária.

Assim foi, também com a proposta libertadora da educação no início da década de 60 que, com aporte em Paulo Freire e sem o necessário aprofundamento em suas concepções teórico-metodológicas, pressupôs-se a possibilidade de aglutinar, através da educação, as massas operárias e camponesas, para partir em busca de uma nova sociedade. Pautava-se tal propositura, inclusive, no ideário religioso de uma igreja identificada com as reformas sociais do período populista.

DH/UFG

No outro extremo, temos, nos anos 70, os chamados crítico-reprodutivistas que, a partir de um referencial que percebia a escola apenas como espaço de reprodução social das estruturas burguesas dominantes, pregavam a fuga da mesma e a organização da educação a partir de entidades e instituições diretamente ligadas e comprometidas com os interesses dos trabalhadores.

Agora temos os defensores do uso da competência lingüística como um *a priori* para a luta pela hegemonia social. E o pano de fundo tem sido os estudos da Picogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro, baseados na Epistemologia Genética de Jean Piaget. O que se chama de construtivismo seria o aguçar da capacidade de refletir, reconhecer os erros e acertos, desequilibrar-se, buscar a equilibração através da assimilação e posterior acomodação através da capacidade reflexiva. Até aqui tudo bem. Porém, para além desse mérito incontestável, há que perceber-se, nessa perspectiva, uma ênfase no individualismo psicologizante ou melhor, no psicologismo individualizante, o que, sem sombra de dúvida, é nocivo para o processo histórico de luta pela transformação social, que não se dá apenas no plano individual, mas tem sido, isto

sim, caracterizado por uma luta permanente entre classes sociais que buscam conquistar a hegemonia nos diversos modelos de sociedade que vêm sendo historicamente produzidos.

Há, pode-se dizer, nas intenções e interpretações da Professora Furtado um idealismo ingênuo, certamente derivado das melhores intenções teóricas e práticas.

Ao enfatizar o cotidiano como ponto de partida e de chegada no processo de construção metodológica do Projeto, a Professora isola a proposta por ela coordenada do contexto sócio-econômico e cultural de Icapuí. Ou seja, não percebe, ou pelo menos, não explicita a totalidade do processo social no qual a educação está inserida como um dos mais importantes elementos, diga-se de passagem, mas não o único e isolado, como se fosse um espaço com plenos poderes de decisão e de ação no seio da sociedade. O cotidiano poderia até ser o ponto de partida, porém, dada a sua opacidade, que ofusca as análises, jamais deveria ser o ponto de chegada. Há que se perceber o cotidiano a partir da totalidade do tecido social e não o isolando da mesma.

Paolo Nosella, ao dissertar sobre a *Escola de Gramsci*, enfatiza que

“assim como a fábrica se enuclea ao redor do instrumento de trabalho moderno considerado objeto material, máquina singular e utensílio individuado, a escola se estrutura ao redor desse mesmo instrumento de trabalho entendido, porém, como processo de desenvolvimento científico, criativo e ético da história dos homens, o instrumento de trabalho para a escola unitária é um feixe de relações políticas, sociais e produtivas. É, sobretudo, a possibilidade concreta de liberdade universal” (NOSELLA.1992 Int.).

Citamos este trecho para confirmar nossa tese de que, somente ligando-se a reflexão educativa ao processo de produção, ou melhor, ao modo de produção social, é que se pode ter uma visão totalizadora dos alcances e limites da educação e, mais ainda, de um Projeto de Educação de Jovens e Adultos que se pretende transformador, ou meio para isto, da realidade social.

Ao definir a formação da consciência como fundamental para o processo de transformação social, Gramsci afirma que :

“esta consciência não se forma pela força brutal das necessidades físicas, e sim pela reflexão inteligente, antes de alguns e em seguida de toda uma classe, sobre as razões de certos fatos e sobre os meios melhores para transformá-los de condição de servidão em bandeira de revolta e de reconstrução social. Toda revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de difusão de idéias” (GRAMSCI, C.T. 28, 29.01.1916).

Percebe-se, assim que a educação pode e deve efetivamente contribuir para a transformação social, mas, além do domínio cognitivo da leitura e da escrita, deve favorecer o domínio de um saber mais universal e histórico, o domínio da história da luta de classes. Não há outro caminho. Se a consciência se reduz a esfera individual e o cotidiano é isolado do todo histórico e social, as taxas de analfabetismo poderão diminuir, ou até mesmo desaparecer, mas com certeza, a história continuará seu curso sem uma interferência mais decisiva, consciente e conseqüente destes “novos alfabetizados”.

Para Lukács, a consciência deve ser de uma classe que vive em uma mesma realidade. Afirma esse autor que

“se o indivíduo é expressão da singularidade e o gênero humano é uma dimensão de universalidade, a classe é a mediação que particulariza os seres sociais que vivenciam em condições de similitude em uma existência concreta, no mundo da produção e reprodução social. A consciência de uma classe é, pois, a articulação complexa, comportando identidades e heterogeneidades, entre singularidades que vivem em situação particular. (LUKÁCS In ANTUNES, 1995:117).

Aqui, percebe-se que a consciência individual só adquire sentido quando soma-se e transforma-se em coletiva, de classe. Somente assim pode interferir coerentemente na realidade social. A formação da consciência é um processo educativo e para o qual os próprios educadores precisam educar-se, como bem apontou Marx. Há que reconhecer-se que a proposta colocada pela Professora Furtado aponta neste sentido, peca porém pela falta de consistência teórica e de clareza em seus objetivos.

PARTE II - A PRÁTICA COMO CRITÉRIO DA VERDADE

“Alfabetizar-se não é ainda uma necessidade e portanto torna-se um castigo, uma imposição dos prepotentes. Para torná-la uma necessidade, precisaria que a vida em geral fosse mais rica, que envolvesse um número cada vez maior de cidadãos e assim fizesse de forma autônoma a exigência, o sentimento da necessidade do alfabeto e da língua. Contribui mais para a alfabetização a propaganda socialista do que todas as leis sobre o ensino obrigatório.”

Gramsci

A análise dos Relatórios de Avaliação dos Círculos de Cultura de Icapuí(ANEXO II) explicita questões interessantes acerca do trabalho desenvolvido naquele Projeto, apontando dados estatísticos e avaliando o desenvolvimento dos círculos em cada comunidade, como também deixa claro nas linhas, e mais ainda nas entrelinhas, a falta de coerência na compreensão do trabalho, do ponto de vista teórico-metodológico por parte da coordenação local.

Trata-se de um conjunto de 18 Relatórios, divididos pelos anos de funcionamento do Projeto. São 6 Relatórios do ano de 1993, 7 de 1994 e 3 de 1995. Não há uma periodicidade sistemática, mas há uma tendência aos Relatórios mensais. Podemos dividi-los da seguinte forma: do ano de 1993 temos os documentos *Relatórios de Avaliação*, dos meses de março e abril; *Carta à Coordenação na FACED-UFC* e *Relatório e Gráficos de Evolução por Círculo*, do mês de junho; *Relatório de Avaliação do Semestre*, com ênfase na questão da aprendizagem, do mês de julho; *Relatório da Educação de Jovens e Adultos - 2º Período - Pós-Alfabetização*, do mês de setembro e *Relatório dos Círculos de Cultura*, do mês de outubro; do ano de 1994 temos o *Relatório de Avaliação Final*

da Educação de adultos de 1993, com ênfase nos avanços e recuos e nos resultados quantitativos, do mês de janeiro; *Relatório dos Círculos de Cultura*, com atividades desenvolvidas no mês de fevereiro; *Relatório da Educação de Adultos e da Reunião de Estudos com os Professores*, do mês de março; *Relatório dos Círculos de Cultura*, do mês de abril; *Relatório Mensal da Educação de Jovens e Adultos*, do mês de maio; *Relatório do Semestre* do mês de julho e *Relatório de Avaliação Final da Educação de Jovens e Adultos*, do mês de dezembro e do ano de 1995 temos o *Relatório da Avaliação e Planejamento*, do mês de janeiro; *Relatório da Reunião com Professores de Educação de Adultos*, do mês de fevereiro e o *Relatório da Reunião com Professores sobre o Projeto de Extensão Educação de Jovens e Adultos*, do mês de março.

Como se pode observar, os Relatórios, a partir dos próprios títulos não apresentam uma coerência interna muito bem definida. Isto sem se falar na diversidade de títulos do próprio Projeto, não que isto seja o fundamental, mas considerando-se que tudo deve ter um nome pelo qual fique conhecido e através do qual se identifique, penso que o título por si mesmo já apontaria para o processo que deveria se desenvolver, do ponto de vista teórico-prático.

O que se verifica de imediato, pela leitura desses Relatórios, é que há um profundo interesse por parte do Coordenador do Projeto em Icapuí, Professor Clotenir Damasceno Rabelo, em explicar o andamento do Projeto à Coordenação da FACED-UFC, na pessoa da Professora Furtado, o que parece justificar-se tendo em vista que as visitas da FACED à Icapuí foram rareando ao longo do tempo.

Vale ressaltar que a maioria dos Relatórios apresenta a seguinte configuração (divisão): *Dados Estatísticos*, nos quais Rabelo apresenta, quase mensalmente, a dança dos números, este, diga-se de passagem, um dos dados mais relevantes para o estudo aqui realizado, qual seja, a questão da evasão; *Quadro de Evolução de Matrícula*, onde os dados do item anterior são esmiuçados e justificados; *Círculos em Funcionamento*, por localidade e com o quantitativo de alunos; *Considerações Pedagógicas*, nas quais Rabelo analisa a questão da aprendizagem dos alunos; *Considerações Didáticas*, analisando o trabalho desenvolvido pelas professoras; *Considerações Metodológicas*, que avalia o desenvolvimento da criatividade dos alunos; *Atuação da Secretaria de Educação ou da Coordenação Local*, momento em que Rabelo explicita as principais ações desenvolvidas por estas instâncias, as dificuldades enfrentadas, expectativas e propostas e *Atuação dos Monitores da UFC ou da FACED-UFC*, onde disserta sobre a forma de acompanhamento dos professores e alunos bolsistas ao Projeto, as principais ações desenvolvidas e, finalmente, as demandas mais urgentes, em termos desta assessoria.

Percebe-se que há uma intenção de avaliar detalhadamente todo o trabalho desenvolvido, porém, isto é feito de forma sobremodo repetitiva, com nuances claras de incompreensão do que deveria ser a proposta teórico-metodológica. Considero relevante ressaltar que o Coordenador Clotenir Damasceno Rabelo possuía, à época, uma formação pedagógica a nível de 2º grau.

No primeiro Relatório, que apresenta os dados de fevereiro e março de 1993, podemos perceber que Rabelo tenta situar a atual proposta a partir do resgate da história dos Círculos de Cultura em Icapuí, do ponto de vista numérico. Afirma que no período de 1986 a 1991 foram realizados 25 Círculos de Cultura, que atingiram uma média de 750 jovens e adultos e que dos 12 Círculos previstos para 1992, apenas 5 funcionaram, atingindo uma média de 93 alunos.

Para 1993, a previsão foi de 9 Círculos em funcionamento, compreendendo uma média de 250 alfabetizandos. Rabelo enfatiza já neste primeiro Relatório a questão da evasão, afirmando que **“o nível de frequência não é igual ao número de matrículas”** (RABELO, 1993:1). Justifica a evasão relacionando-a com as questões de infra-estrutura dos locais, à ausência de material didático e à demora em iniciar as aulas por um lado e à questão da ocupação profissional (pesca) dos alunos, por outro.

Vale destacar que não há coerência entre os dados de matrícula, 256 em 13 de março de 1993, e os de alunos por Círculo, que perfazem um total de 194, o que justifica o comentário anterior feito pelo Coordenador.

Nas *Considerações Pedagógicas*, Rabelo inicia seu relato colocando a questão do nível diferenciado de compreensão dos alunos acerca do processo de leitura e escrita. Mesmo com as dificuldades encontradas pelos professores, há uma tentativa de aproveitar essas diferenças para o crescimento da turma e do trabalho. Ressalta a questão do aproveitamento do erro como integrante da construção da aprendizagem. Pode-se afirmar que aqui já há uma influência dos

cursos realizados a partir de perspectiva da Teoria Construtivista, de Emília Ferreiro e dos quais alguns professores dos Círculos de Cultura participaram.

Ainda nas *Considerações Pedagógicas*, verifica-se a preocupação com o uso de palavras geradoras a partir da realidade concreta dos alunos, palavras estas que vão ser o mote para a produção de textos (produção esta muito incipiente, diga-se de passagem, haja vista os textos que foram relacionados para a produção da cartilha) bem como a preocupação com a introdução do conhecimento matemático (restringindo-se este apenas aos símbolos), o que é colocado como uma preocupação uma vez que, segundo Rabelo, os professores não estavam ainda preparados para lidar com este conhecimento.

CH/UFC

Rabelo chama a atenção para o “perigo” do uso do que ele chamou, mas não explicitou, de “Pedagogia Comum” em contraposição à Educação Libertadora, como se houvesse uma definição muito clara do que significa esta contraposição. Pelo menos, dentre os professores, pode-se afirmar que não havia esta compreensão bem solidificada. Como afirmei anteriormente, aqueles mais engajados na luta comunitária e partidária constituíam-se em exceção, tendo em vista que optavam conceitualmente pela proposta libertadora, pode-se afirmar que se tratava de uma filosofia de vida, uma forma de compreender o mundo, para além da orientação metodológica do Projeto. Ao que parece, ali estava a grande diferença entre os que agiam de forma mais tradicional e os que se identificavam com a proposta libertadora da educação: tratava-se de uma questão de postura e não apenas de imposição externa, pelo fato de o Sistema Municipal de Educação,

assessorado pela FAGED-UFC ter optado por esta ou aquela proposta pedagógica.

Nas *Considerações Didáticas*, Rabelo enfatiza como as aulas se processam, quais os recursos didáticos mais utilizados (teatro, músicas, etc.), os materiais (quadro, giz e gravuras), a falta de materiais mais diversificados e de melhor qualidade e também registra a demanda dos alunos por mais conhecimentos das áreas de Matemática, Ciências e Estudos Sociais e pelo uso de uma cartilha.

Ressalta, ainda, que o trabalho dos professores tinha sido o de colaboração na construção do conhecimento dos alunos, motivando-os ao debate.

A respeito das *Considerações Metodológicas*, Rabelo afirma que **“o processo de conscientização tem níveis diferentes de círculo para círculo. Uns conseguem trabalhar a criticidade, outros tem dificuldade em gerar debates” (RABELO, 1993: 3)**, reduzindo a consciência a uma análise pautada na dicotomia entre consciência crítica e consciência acrítica . A conceituação sobre consciência de classe não perpassa, em nenhum momento, os seus Relatórios.

Rabelo pretende mensurar o nível de consciência crítica evidenciado nos debates, que se dão a partir de problemas específicos da comunidade e de problemas do país, conforme sua conceituação. Dicotomiza o “aprender a ler e escrever” do “aprender a ler a realidade” afirmando que em alguns Círculos predomina um aprendizado, o da leitura em detrimento do outro, o da conscientização.

Preocupa-se, por fim, com a criticidade dos animadores (professores), enfatizando a necessidade da capacitação (preparação) e o nível político dos mesmos. Cita o exemplo das animadoras de um Círculo de Cultura específico, no caso Ibicuitaba, no qual duas professoras engajadas no trabalho da Igreja, disputavam o “poder” e trabalhavam no mesmo Círculo com um nível de formação política, segundo ele, insuficiente para as demandas da comunidade. Por conta disso, **“reclamações de moradores e diretores tem chegado à Secretaria questionando a capacitação e o nível político do animador” (RABELO, 1993.1: 3).**

No que se refere a *Atuação da Secretaria de Educação/Coordenação Local*, Rabelo cita apenas as questões de ordem prática, as reclamações dos professores com relação a material didático, transporte, pagamento, infra-estrutura das salas de aula, desinformação e desinteresse da Secretaria de Educação acerca dos Círculos de Cultura, em dados momentos, segundo ele.

Com relação à *Atuação dos monitores da UFC/Atuação da FACED-UFC*, Rabelo ressalta a importância desta participação, uma vez que há orientação a nível pedagógico e didático, segundo sua compreensão, afirmando que **“os encontros são momentos de formação, informação, de troca de experiências, avaliação e planejamento. Contribuem para o crescimento e aperfeiçoamento dos Círculos” (RABELO, 1993.1: 4).** É irrefutável a relevância deste trabalho, porém observou-se que o mesmo não repercutiu na prática de cada Círculo como se desejava. Há uma incoerência entre o que se discutia nesses encontros e o que se verificou no trabalho das professoras, observando-se isto, inclusive, nos índices

de evasão, como poderemos verificar mais adiante. Podemos até sugerir uma justificativa: o nível de formação e de comprometimento político das professoras, que, conforme já apontamos, diferia de Círculo para Círculo.

Após este Relatório de março de 1993, há um outro, de abril, no qual a questão que chama mais atenção é a evasão. Este Relatório registra a abertura de dois novos Círculos, mas, também, há o fechamento temporário de outros dois. Um, pela questão da reforma da escola e outro pela evasão dos alunos. A evasão total, segundo Rabelo, atinge um índice de 37% neste mês.

É importante assinalar a esse respeito que, numa carta dirigida à Professora Furtado, em junho de 1993, Rabelo expressa suas preocupações com relação aos altos índices de evasão do mês de junho. Após situar os principais problemas de alguns Círculos e as decisões tomadas pelo grupo com relação à necessidade de uma parada para avaliação, conclui expondo claramente suas angústias:

“partilho com você minhas preocupações e minhas angústias em relação à grande evasão dos Círculos e pelo fato de não sentir muito que os resultados tenham sido tão promissores. Importa já se preocupar com a 2a. etapa, com a periodicidade, com a adaptação à realidade de Icapuí, com as questões metodológicas, com os professores, com os destinatários da alfabetização, com a continuidade do processo dos que iniciaram no 1º semestre” (RABELO, 1993. .3:1)

O que mais intriga nestas palavras é a preocupação com a *adaptação à realidade*, uma vez que, no Projeto, e nas palavras da Coordenadora do mesmo pela FACED-UFC, este era o aspecto fundamental de toda a proposta.

O índice de evasão em maio de 1993, segundo o Relatório que compreende o período de 01 de maio a 06 de junho, foi o mais elevado de todos. O total de 251 alunos em 17 de abril caiu para 119 em 22 de maio, chegando a quase 53% de baixa. Em 04 de junho, o número de alunos sobe para 128, devendo-se este pequeno aumento, segundo o Relatório, às visitas de motivação empreendidas pela Coordenação e pelos professores.

As razões apontadas para a evasão são: **“fim do período do defeso, atração dos divertimentos, distância da escola para o lugar onde moram, trabalho em outra comunidade, cansaço no final do dia, etc...”** (RABELO, 1993.3:2). Resta-nos indagar se dentro deste *etecétera* não caberia a inadequação da proposta às reais necessidades dos educandos, ou, dizendo de outra forma, se os referidos professores, dos Círculos onde a evasão era mais evidente, não estavam eles mesmos desmotivados ou incompreendendo a proposta, o que os impossibilitava de efetivá-la? Pode-se, aqui, adiantar que nos Círculos nos quais os professores eram mais competentes e comprometidos havia um maior engajamento da comunidade, notadamente dos alunos. Evidentemente não se trata de hipotetizar-se a respeito da “culpa” desta ou daquela pessoa em relação a este “fenômeno” mas, tão somente procurar pistas que apontem para uma explicação coerente e verdadeira.

Em outro momento, nos deteremos nesta questão listando todas as possibilidades e explicações, analisando-as à luz dos fatos, das concepções e das falas dos sujeitos envolvidos no Projeto. Esta é, sem dúvida, uma questão que merece uma atenção especial, tendo em vista que não é um privilégio de Icapuí ter

altos índices de evasão, numa proposta prontamente voltada para as camadas populares, mas configura-se uma constante em muitas propostas de educação voltadas para os trabalhadores.

Conforme verificado nesses Relatórios de Rabelo, bem com no acompanhamento aos Círculos de Cultura de Icapuí, quando bolsista, integrante do grupo da FACED-UFC, percebemos que a evasão foi uma constante nestes círculos.

As razões e justificativas apresentadas para este fato são as mais variadas. A mais contundente delas diz respeito à necessidade dos alunos, na maioria pescadores, lançarem-se ao mar no período de maio a dezembro. Sendo assim, resolver-se-ia o problema instituindo um calendário escolar que concentrasse as atividades no período de janeiro a abril especificamente para este Projeto, uma vez que não há uma exigência de carga horária mínima para o processo alfabetizatório.

É notório o problema da evasão nos Projetos e Programas de Educação ou de Alfabetização de Jovens e Adultos. Assim foi nos Círculos de Cultura da Administração Popular de Fortaleza, do qual tivemos a oportunidade de participar, no período de 1987 a 1988 e que pretendiam ser um grande momento de alfabetização popular das camadas menos favorecidas, notadamente os residentes nas favelas e comunidades periféricas de Fortaleza. A discussão em torno da evasão era uma constante entre os monitores, supervisores e coordenadores do Projeto. Para ilustrar, temos o caso dos Círculos de Cultura do Lagamar, favela situada numa região privilegiada de Fortaleza, entre os bairros da Aerolândia e

São João do Tauape. Dos dois grupos de alfabetização criados em 1987, com uma média de 20 alunos cada, encerrou-se o ano com 5 e 7 alunos respectivamente.

A clientela era basicamente composta de donas de casa e um ou dois trabalhadores da construção civil.

No período de 1989 a 1992, tivemos a oportunidade de participar, ora como professor, ora como coordenador, do Programa de Alfabetização e Pós-Alfabetização dos Projetos do *Fundo Cristão para Crianças - CCF* no bairro Tancredo Neves, localizado na periferia de Fortaleza, entre Cidade dos Funcionários, Jardim das Oliveiras e Aerolândia. A proposta de alfabetização também revestia-se de um caráter popular, pautada nos princípios do Sistema Paulo Freire para a alfabetização de adultos. Os alunos eram, na maioria, donas de casa e trabalhadores da construção civil.

Neste programa, a realidade também não foi diferente. Dos 30 a 35 alunos matriculados em média a cada ano naquele período, encerrava-se o ano com uma média de 10 a 15 alunos em cada turma. Verifica-se, portanto, uma evasão de 50% em média.

Vê-se que são três exemplos, *Círculos de Cultura de Icapuí*, *Círculos de Cultura de Fortaleza e Fundo Cristão para Crianças*, notadamente ou pretensamente identificados com os interesses da clientela, cujos programas e planejamentos, incluindo-se a pesquisa participante do universo vocabular da mesma, eram elaborados a partir de cada realidade específica.

No caso de Icapuí, o trabalho dos alunos constituía uma barreira para a frequência, e mais que isso, nos dois casos de Fortaleza, a falta de trabalho,

traduzida na procura por quaisquer meios de sobrevivência, aliada aos afazeres domésticos e aos programas televisivos, afastavam o aluno da sala de aula.

Então, conclui-se que o trabalho, nestes casos, era o grande vilão. Era o responsável pelo afastamento dos alunos. Falamos aqui de trabalho na concepção de meio de sobrevivência. Questiono se não nos faltou sensibilidade e esperteza para percebermos que o trabalho, nesta concepção a que nos referimos e em uma concepção universal, de hominização, deveria ter sido incorporado à prática pedagógica desenvolvida nestes Projetos e Programas.

Talvez a partir de uma visão histórica do desenvolvimento de sociedade humana a partir do trabalho e da compreensão de sociedade capitalista em todos os seus aspectos e categorias, fosse possível montar e manter um programa no qual o aluno aprenderia a leitura, a escrita e o cálculo a partir dessa visão, compreendendo-se nela, fazendo-se sujeito a partir dela, hominizando-se, enfim.

Neste sentido Gramsci nos alerta que:

“Uma escola é viva somente quando existe uma profunda e orgânica ligação entre ela e um específico dinamismo social objetivo que nela e com ela se identifica. Causa fundamental desses fracassos: a ausência de uma ligação entre as ‘escolas’ idealizadas ou começadas e um movimento de caráter objetivo” (GRAMSCI, C.P.C, 49, 14.04.1924).

À Universidade, que neste caso acompanhou o Projeto de Icapuí, caberia o papel de socializadora e construtora, coletivamente, deste saber histórico e social que seus integrantes dominam e que suas Instituições Orgânicas disseminam.

Um papel de assessoria comprometido e engajado com a realidade histórica, social, cultural, política e econômica daquela comunidade. Não o papel de fornecedora de textos e informações soltas e descontextualizadas, como comumente ocorre em muitas experiências de assessoria da Universidade a alguns Projetos, dadas as condições inadequadas dos mesmos.

Haveria de se gestar uma concepção que articulasse a Universidade aos Movimentos Sociais de forma mais competente e contínua, de maneira a garantir a efetiva formação política dos trabalhadores envolvidos, a partir das relações sociais e culturais que se estabelecem nestes movimentos.

A Universidade estaria, assim, cumprindo sua função e minimizando a enorme dívida social que possui.

Voltando aos Relatórios de Rabelo, o Relatório conclusivo da 1ª etapa, compreendida entre os meses de fevereiro a junho de 1993, analisa a aprendizagem, o método, as palavras, temas e textos abordados e/ou produzidos e os recursos didáticos utilizados. Com relação à aprendizagem, afirma que houve níveis diferenciados devido à heterogeneidade dos alunos, compreendendo analfabetos, semi-analfabetos e pós-alfabetizados, segundo sua divisão. Estes últimos seriam os alfabetizados propriamente ditos. Como resultado geral aponta que o perfil do grupo se **“caracteriza por saberem ler e escrever pequenas palavras e até frases”**(RABELO, 1993.4:1). Isto com relação aos dois primeiros níveis, já com relação aos pós-alfabetizados, conforme Rabelo, os alunos mais avançados **“tinham condição de escrever frases inteiras e até pequenos**

textos, bem como chegavam a ler quase todos os tipos de frases e palavras” (RABELO, 1993.4:1).

Tomando o método como responsável pelo desenvolvimento da criticidade do grupo de alunos, Rabelo afirma que **“o processo de conscientização dos educandos apresenta-se muito vagaroso, ainda reduzido”** (RABELO, 1993.4:2), onde verifica-se que, mesmo compreendendo a conscientização como um processo, tenta-se procurar mensurá-lo.

Na mesma afirmação, o próprio relator aponta com muita clareza o mote essencial para a compreensão do processo conscientizador, quando afirma **“os que mais compreendem e refletem a realidade para atuar sobre ela estão nas comunidades que tem uma história política de luta e organização já mais avançada”** (RABELO, 1993.4:2). Percebe-se então que a consciência é um processo intrínseco ao ser humano, quando este age transformando a realidade que o cerca a partir de uma necessidade individual e/ou coletiva. Não há um agente conscientizador externo ao ser humano. O papel do professor, neste caso, é propor informações e reflexões a partir de uma práxis revolucionária que se deve objetivar em cada realidade com a visão mais macro-estrutural possível. É o próprio Rabelo que nos reafirma esta posição: **“a criticidade ainda é característica de uns poucos, aqueles que tem participação nas associações e outros movimentos comunitários. Mesmo assim, é um processo em construção, uma nova mentalidade que está se formando”** (RABELO, 1993.4:2). Rabelo, porém, contradiz esta análise quando afirma mais adiante que os conscientes é que se engajam na comunidade e nos movimentos, ou seja, que

o engajamento é determinado pelo nível de conscientização, deixando de lado a perspectiva dialética, ou seja, a relação dialética entre participação e consciência. Nas palavras de Rabelo, **“o engajamento está determinado pelo nível de conscientização, do educando e da comunidade. Ainda que não seja em associações os mais abertos engajam-se até nos movimentos de Igreja ou qualquer outro”**(RABELO, 1993.4:2).

Analisando as palavras, temas e textos utilizados, Rabelo diz que devido ao nível de relação que tinham com a realidade dos educandos estas foram **“instrumentos do despertar da formação da consciência crítica”** (RABELO, 1993.4:2). Mesmo reconhecendo que os resultados foram satisfatórios no que se refere à produção de textos, ele elenca algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos para executar esta tarefa, tais como: o medo de errar, a timidez e a desmotivação para participar dos debates e atividades propostas.

As palavras e temas utilizados nesta etapa foram: *casa, terra, água, pena de morte, trabalho, transporte, corrupção, residência, barco, pesca, comida, favela, mulher, cólera, organização, Icapuí, igualdade, religião, fome, novela, paradeiro, doença, família, pescaria e saúde.*

Vê-se que todas guardam íntima relação com a realidade do povo de Icapuí, que vive nas comunidades pesqueiras, sendo portanto, a questão do trabalho e algumas ligadas a este, as mais importantes.

Sobre a utilização dos recursos didáticos, incluídos aqui os recursos materiais, os diversos tipos de atividades, jogos e as técnicas utilizadas, afirma-se que estes serviram para motivar os educandos à participação e para facilitar a

aprendizagem e o trabalho das professoras. Por outro lado, Rabelo nos diz que alguns professores questionam o caráter positivo de tudo isto, uma vez que não se conseguiu conter tão grande evasão.

Aqui voltamos mais uma vez à questão das hipóteses acerca da evasão. Mesmo utilizando-se os recursos e técnicas citadas, os alunos não corresponderam ao esperado. Será que estes mecanismos seriam suficientes para engajar os educandos no Projeto? Ou será que faltou aos educandos compreenderem a proposta? E os professores, a compreendiam?

Continuaremos nossa incursão pelos Relatórios de Rabelo, esperando que nós mesmos encontremos respostas a todas estas indagações e que nos deparemos com o surgimento de outras.

O 1º semestre de 1993 encerrou-se com um total de 118 alunos frequentando os 09 Círculos de Cultura espalhados pelas diversas comunidades de Icapuí, segundo o Relatório. Três destes círculos estavam praticamente desativados, devido a grande evasão ocorrida, quais sejam: Ponta Grossa, Barreiras e Ibicuitaba.

No segundo semestre de 1993, apenas três círculos iniciaram as atividades, normalmente com um total de 15 alunos cada, na chamada pós-alfabetização, ou 2ª etapa.

Mesmo reconhecendo todo o empenho e esforço por parte da Coordenação e dos professores, Rabelo expõe suas preocupações num tópico deste 1º Relatório da 2ª etapa que ele denominou de *Questões de Encaminhamento*. Diz-nos o relator: “o período de pós-alfabetização encontra-

se bastante desarticulado. Os grupos sentem uma determinada ausência de orientação do que vem a ser esse momento, de como fazer acontecer o processo” (RABELO, 1993.5:1).

Há uma perceptível questão a ser mencionada: será que com tanta preocupação em acompanhar e refletir com os professores, por parte da equipe da FACED-UFC, faltaram esclarecimentos com relação a esta 2ª etapa? Ou será que houve uma certa personalização e dependência do grupo à pessoa da coordenadora? Vejamos como Rabelo conclui este Relatório: **“A FACED, principalmente no que se refere à presença da orientadora, precisa dar maior acompanhamento a esse 2º período” (RABELO, idem).**

Tendo em vista a dança dos números neste segundo semestre de 1993, cabe-nos esclarecer que, neste período, o Governo do Estado iniciou o Projeto de Alfabetização das Frentes de Serviço, que objetivava capacitar professores de adultos das comunidades nas quais houvesse problemas com escassez de chuvas, para que estes alfabetizassem os jovens e adultos analfabetos inscritos no Programa, em troca de uma ajuda financeira para os alunos, ajuda esta que estava condicionada à sua permanência no curso.

BH/UFC

Estes novos professores foram integrados ao Projeto Municipal ao qual vimos nos referindo até aqui. Assim, temos um acréscimo na quantidade de professores, de comunidades atingidas e, conseqüentemente, de alunos.

Houve vontade política e pedagógica, por parte da equipe local e da FACED-UFC, em propor esta integração visando a garantia de qualidade mínima na Alfabetização de Jovens e Adultos proposta.

Rabelo nos informa que, dos Círculos já em andamento, a partir do 2º mês deste 2º semestre, foram acrescentados mais 02 no processo de pós-alfabetização, totalizando 05, nas seguintes comunidades: Ponta Grossa, Retiro Grande, Redonda, Mutamba e Icapuí-Sede. A partir da 2ª quinzena de outubro, outras 03 comunidades iniciaram os Círculos de Cultura, quais sejam: Ibicuitaba, Morro Pintado e Melancias.

A estes 08, foram somados os 13 círculos do Programa do Governo Estadual, denominados de Programa de Agentes Alfabetizadores (*Grupo Novo*) diferenciando-se assim, do Projeto inicial, denominado agora de Pós-Alfabetização (*Grupo Velho*), numa clara divisão da clientela e conseqüentemente dos objetivos, haja vista que o primeiro encarregou-se do início do processo alfabetizatório, enquanto o segundo já imprimia um certo avanço no que se referia à leitura e à escrita.

Os números iniciais deste Relatório apresentam um total de 86 alunos no grupo de pós-alfabetização e 308 no Programa de Alfabetização em 16 de outubro. Estes números caíram para 61 e 206, respectivamente, em 30 de outubro. Este é um índice de evasão considerável para uma quinzena, principalmente na turma de alfabetização, onde há um decréscimo de 102 alunos.

As justificativas apontadas para essa queda nos números são: o cansaço dos alunos à noite, os afazeres ou doença. Algumas mulheres teriam abandonado o Programa por serem casadas e terem que atender aos maridos quando chegam da pesca. Nas palavras de Rabelo, existiria “**uma relação**

também, supostamente, com o desempenho dos professores novos em sala de aula e com a reação ao método” (RABELO, 1993.6:2).

Aqui temos uma nova hipótese para a evasão. Aliás, passa-se da responsabilidade dos alunos (afazeres, cansaço, trabalho, vida familiar, doenças) à responsabilidade dos professores e da proposta. O método seria inadequado às expectativas dos alunos.

Haveria clareza na proposta metodológica? Os alunos estariam convencidos da mesma? E os professores? São questões abertas que vão se delineando mais e melhor a cada Relatório analisado. Chegaremos lá!

Prosseguindo na análise dos Relatórios percebemos que permanece a questão dos níveis diferenciados de evolução na Pós-Alfabetização. Rabelo nos diz que **“existem experiências em que em trabalhos de equipes os mais ‘avançados’ ajudam os mais ‘atrasados’ a desenvolverem sua aprendizagem” (RABELO, 1993.6:2).**

Com a participação da professora Inês Mamede da FACED-UFC, na equipe, objetivando-se aprofundar a reflexão acerca da Psicogênese da Língua Escrita, evidenciou-se um certo desequilíbrio por parte dos professores de Icapuí, na medida em que estes foram orientados a não deterem-se na silabação das palavras para a compreensão da escrita. Seria esta uma postura tradicional no processo de alfabetização, segundo os ensinamentos da Professora Mamede.

A partir das lições construtivistas levadas pela Professora Mamede, os professores da pós-alfabetização chegaram a pensar que estavam “fazendo tudo

errado” e os novos entraram em conflito, por não saberem como conduzir o processo ou “que método seguir”, no dizer de Rabelo.

Diante da nova compreensão do processo alfabetizatório foram introduzidos jogos educativos, bingos de palavras e outros recursos na área da linguagem e o Quadro Valor de Lugar (QVL), no ensino da matemática. Tudo isto facilitou a aprendizagem. Porém, exigiu dos professores de Icapuí uma compreensão maior do processo de aquisição da língua escrita vivenciado pelos alunos. Foi introduzido também o caderno de textos elaborados individual ou coletivamente pelos alfabetizandos, o que também os teria motivado à aprendizagem.

Retoma-se o conflito com relação ao ensino da leitura e da escrita e às propostas de debate e reflexão com os alunos, principalmente nos novos círculos. Diz-nos Rabelo: **“os Círculos Novos têm enfrentado uma reação dos alunos em relação ao método. A reflexão na alfabetização não lhes é muito simpática. Os professores tem procurado responder as ansiedades dos alunos em aprender a ler e escrever prioritariamente e introduzindo de forma tímida a questão da reflexão” (RABELO, 1993.6:4).**

Rabelo revela que há professores novos que têm dificuldade de discutir com os alunos os temas geradores devido às próprias limitações e por não conseguirem **“traçar criticidades sobre um tema” (RABELO, idem)**. Conclui afirmando que **“permanece o trabalho de leitura e da escrita nos círculos em ‘detrimento’ da discussão de temáticas, ou seja, trabalha-se muito mais as questões propriamente críticas” (RABELO, 1993.6:4)**

Há uma clara distinção, como já observamos, entre a aprendizagem da leitura e da escrita e o processo de análise crítica, nos Círculos de Cultura. É como se se trabalhasse com momentos estanques e não como um processo único e integrado na medida em que a leitura coerente do mundo, no dizer de Paulo Freire, precede a leitura da palavra. Rabelo dicotomiza este processo e os professores tampouco parecem ter clareza desta unicidade. Questiono até que ponto o grupo da FACED-UFC, no qual me incluo, preocupou-se com esta questão e deteve-se nela com um maior aprofundamento teórico-prático. Cabe aqui ressaltar que praticamente não tínhamos acesso a estes Relatórios e que nas reuniões com o grupo de professores estas questões quase nunca eram colocadas devido aos problemas de ordem infra-estrutural, que se impunham exigindo soluções imediatas; à ausência de solicitação por parte do grupo de professores que se discutisse este conhecimento e à falta de um acompanhamento mais atento e rigoroso.

No *Relatório de Avaliação Final da Educação de Adultos em Icapuí*, de 1993, tem-se uma visão geral do que significou o Projeto em termos qualitativos e quantitativos para o Município. Os vinte professores, reunidos com as coordenações local e da FACED-UFC, no período de 10 a 13 de janeiro de 1994 apontaram os avanços e recuos a partir dos seguintes pontos: o *Grupo de Professores*, os *Professores Alfabetizadores*, os *Alfabetizandos* e as *Coordenações*.

Na avaliação acerca dos alunos alfabetizandos foi considerado como avanço, o processo de conscientização política, o que é rigorosamente enfatizado.

Dos sete pontos elencados, cinco referem-se a este aspecto. Apenas um diz respeito ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Um outro refere-se à permanência de alguns educandos no Projeto desde a 1ª etapa. Isto é contraditório, porque os 03 pontos referentes aos recuos são **“desistência e faltas; desestímulo; evasão; cansaço e não assiduidade” (RABELO, 1994.1:2)**. Referem-se à conscientização, os seguintes pontos: **“crescimento na visão crítica; participação e engajamento na comunidade e associações, etc.; ler a realidade e solidariedade” (RABELO, idem)**.

Os números finais de 1993 foram: 17 comunidades atendidas com um total de 22 Círculos de Cultura em funcionamento, sendo 13 de alfabetização e 09 de pós-alfabetização.

No 1º semestre de 1993, dos 249 alunos matriculados, 48,59% evadiram-se, ficando um total de 128 alunos até o final do período. Destes, apenas 68 alunos permaneceram até o final da 2ª etapa (2º semestre), 46,5% a menos em relação aos que concluíram a 1ª etapa. Estes dados referem-se apenas ao Projeto do Município em convênio com a FACED-UFC, não incluindo-se aí, os dados do Projeto do Governo Estadual.

Em outubro, tem-se a instalação do Programa de Agentes de Alfabetizadores do Estado. A matrícula inicial contou com 300 alunos, **“mas na 1ª quinzena de aulas, apenas 206 frequentaram, uma redução de mais ou menos 33% (RABELO, 1994.1:3)**. Deste número (206), apenas 148 alunos concluíram o ano, **“o que significa uma redução de 28% em relação à**

matrícula nos primeiros dias de aula e 51,9% em relação à matrícula inicial” (RABELO, idem).

Os números finais de alunos dos dois Projetos são: no final do ano havia cerca de 200 alunos. Destes, 110 foram alfabetizados, cerca de 55%. **“Esses dados acabam por não serem prontamente exatos, devido a constante entrada e saída de alunos” (RABELO, 1994.1:4).** Ressalte-se que sete destes alunos foram integrados ao Sistema Regular de Ensino.

Como o próprio Rabelo nos alerta, os dados quantitativos não são exatamente perfeitos (*redondos*) devido à grande oscilação e aos atrasos nas entregas dos Relatórios por parte dos professores, através dos quais ele poderia elaborar os Relatórios gerais, uma vez que não dispunha de meios para acompanhar prontamente todos os círculos e colher estes dados, diretamente.

Desta reflexão, algumas questões foram colocadas como encaminhamento para a continuidade dos Círculos de Cultura em 1994. A primeira recomendação diz respeito a **“exigir maior esforço dos alfabetizadores a nível didático, no sentido de garantir a perseverança dos alfabetizandos” (RABELO, 1994-1:4).** Como se vê, a questão da evasão é remetida mais uma vez aos professores e a sua postura didática. Outro ponto estabelecia um número mínimo de 15 alunos para que o círculo pudesse funcionar. Uma outra preocupação relacionava-se à garantia de continuidade na educação para alunos alfabetizados.

Ainda com relação à evasão, propôs-se refletir as suas causas, tentar contorná-las e elaborar um programa de integração com a Assessoria de Cultura,

no sentido de bancar mecanismos para mobilizar novos alunos e garantir sua permanência em sala.

Propôs-se, por fim, realizar pesquisa a respeito dos dados de analfabetismo no Município.

Definiu-se, ainda, que o grupo da FACED-UFC faria o acompanhamento mensal, com visitas de supervisão à noite, e que haveria reunião mensal com a coordenação local e pessoal de apoio do grupo dos veteranos que passariam a compor equipes de trabalho.

Com a continuidade do trabalho em 1994, o Relatório do mês de fevereiro deste ano nos aponta que foram efetivadas 16 novas salas, com no mínimo 15 alunos matriculados, em 14 comunidades. Destas salas, 09 eram do Programa de Agentes Alfabetizadores e 07 do Projeto de Extensão da FACED-UFC/ICAPUÍ.

O total de matrículas era de 281 alunos em 04 de fevereiro e de 273 em 19 do mesmo mês, sendo a presença desequilibrada em sala. Já havia uma preocupação com a prometida redução ainda maior, por conta do período de pesca que já se aproximava.

Rabelo nos alerta que a pesquisa inicial de motivação sempre apresentava um número maior do que o que se evidenciava nas salas de aula. Diz que alguns alunos se inscreviam apenas para agradar os professores.

Nas *Considerações Pedagógicas*, Rabelo retorna a colocar suas preocupações com os professores novos, no que se refere à ausência de clareza pedagógica do significado de alfabetização e à falta de compromisso para com o

Projeto. Junta-se a isto a falta de experiência dos professores, o que poderia incidir nos resultados deste círculos.

Diz-nos ainda que os professores já não se prendiam mais à questão do método, realizavam atividades práticas mais independentes, por eles mesmos construídas. O conflito inicial com a proposta construtivista parece ter sido superado, segundo ele. Alguns círculos passaram a utilizar, agora, os recursos da cultura do povo, como estórias, músicas, adivinhações, pequenos dramas, etc., como forma de tornar as aulas mais atrativas.

BH/UFG

Avalia, porém, que o grupo desestimulou-se um pouco com relação ao aspecto conscientizador da proposta a partir da entrada dos novos professores. Desde então, o grupo perdeu **“a sua dinamicidade e capacidade de discutir e refletir seus problemas e dificuldades”** (RABELO, 1994-2:3) Analisa que, com a preocupação maior em discutir-se os aspectos da leitura e escrita a partir da proposta construtivista, deixou-se um pouco de lado o aspecto “conscientizador” do Projeto. Questionamos se isto não significa que construtivismo seja incompatível com criticidade, uma vez que a ênfase é dada ao aspecto de aprendizagem do ponto de vista individual.

O Relatório denuncia, assim, uma grande dificuldade em articular estas duas dimensões como um todo coerente. Ora prima-se por um aspecto em detrimento do outro e vice-versa.

No Relatório de abril, Rabelo registra uma visível queda no número de círculos em funcionamento. Dos 16 iniciais neste ano, ficaram apenas 07 e a explicação oferecida é a de que o Programa do Estado havia acabado. O Relatório

não faz referência ao número de alunos, apenas aponta que continuava o problema da evasão e que este deveria acentuar-se devido ao final do defeso (início da pesca da lagosta), a partir do final de abril. Ainda com relação aos alunos do Programa do Estado, aproximadamente 90, Rabelo afirma que havia uma preocupação em mantê-lo nos círculos do Projeto da Prefeitura.

Neste Relatório, enfatiza-se fortemente a questão da prática dos professores com base na proposta construtivista. Fica patente uma certa melhoria na aprendizagem da leitura e da escrita por parte dos alunos, a partir do uso de diversos recursos didáticos introduzidos. Há, porém, uma menor preocupação com o debate das palavras e temas geradores, ou seja, com o aspecto conscientizador, segundo Rabelo. Estes dados só reafirmam aquela suposição anterior de que um aspecto estaria sendo priorizado em detrimento do outro.

Nestes depoimentos de Rabelo podemos perceber claramente esta dicotomia:

“houve uma assimilação e aplicação em sala da prática da proposta construtivista e isso tem dado um novo caráter ao ensino-aprendizagem... podemos afirmar que os professores não priorizam a preocupação com o método de ensino (o método, para ele, seria o aspecto da criticidade por excelência), pelo contrário, já trabalham com certa liberdade e criatividade, dando ênfase às experiências do grupo, aos conteúdos e à prática discutida... demonstram uma maior atividade em relação à leitura e à escrita, e muito menos com a discussão da criticidade” (RABELO, 1994-4:2 e 3).

O Relatório de maio de 1994 registra a redução do número de alunos em consequência da desativação dos círculos ligados ao programa do Estado. Dos

281 alunos frequentando em 04 de fevereiro, temos em 07 de maio, apenas 126. A ênfase deste Relatório, entretanto, recai nas questões pedagógicas, didáticas e metodológicas, conforme a classificação de Rabelo. Ele aponta ainda que **“ a diminuição do ritmo dos encontros com o grupo da FACED pode ter provocado uma ligeira queda na qualidade de trabalho do grupo de formação” (RABELO, 1994-5:2)**. O grupo de formação a que se refere é uma daquelas equipes de trabalhos propostas no início do ano e que seria composta pelos professores mais experientes, envolvidos e comprometidos com o Projeto.

Diz-nos em outro momento do Relatório: **“sente-se a necessidade de se retomar um aprofundamento no embasamento teórico da proposta do Projeto de Educação de Adultos, no processo que se estabeleceu com ele, de sua metodologia e principalmente da importância do grupo de formação” (RABELO, 1994-5:3)**. Segundo ele, os próprios alunos, nos textos produzidos, refletiam suas experiências pessoais e comunitárias, sua compreensão de mundo e levantavam questões voltadas para temas sociais e culturais. Faltavam aos professores elementos para que aproveitassem os recursos existentes e propostos pelos alunos.

Percebe-se aqui, claramente, uma falta de conteúdo acerca das principais concepções que devem nortear o trabalho educativo em qualquer esfera, quais sejam: uma concepção coerente de homem, enquanto sujeito histórico, concepção de sociedade enquanto espaço histórico, construído pelos homens e de educação enquanto elemento ou instrumento de libertação. Essas seriam as concepções

básicas de uma proposta de Educação de Jovens e Adultos que se diz popular e pautada na proposta libertadora do educador Paulo Freire.

Apenas há um ano e meio de desenvolvimento do Projeto, o Coordenador Local se deu conta desta necessidade, ou pelo menos, sentiu falta dela, embora não a expressasse com muita clareza.

Ainda no Relatório de maio de 1994, Rabelo coloca a necessidade de uma presença mais assídua da equipe da FACED-UFC. Fica claro que o cronograma estabelecido de reuniões mensais e visitas de acompanhamento, não teria sido cumprido. A justificativa, vale observar, residiria na dificuldade de transporte.

Desde os primeiros Relatórios de 1994, Rabelo vem colocando a necessidade de elaboração de um plano de metas, deixando transparecer uma certa dependência da orientação por parte da FACED/UFC: **“sente-se a falta do plano de operacionalização do Projeto durante este ano. Não foi apresentado de forma mais clara as metas e objetivos a serem alcançados no processo desse ano. O grupo não tem claro se segue um plano local ou se procura orientação da FACED neste sentido”** (RABELO, 1994-5:5). Vale observar que a justificativa apresentada pela Professora Furtado, à época, era a de que o grupo já poderia caminhar de forma mais independente, sem a presença constante da equipe da FACED.

O Relatório de julho apresenta um balanço de todo o primeiro semestre de 1994. Os dados apontam que encerrou-se o semestre com um total de 09 círculos em funcionamento com cerca de 115 alunos frequentando-os. Com relação ao início do ano, houve uma evasão de aproximadamente 40,93% dos alunos. As

causas apontadas para este problema são de ordem ocupacional, tais como: dias de pesca, atividades nas comunidades, trabalhos dos alunos, dentre outras.

Com relação à aprendizagem, não há qualquer novidade. Alguns professores trabalhavam com práticas construtivistas, outros não o faziam, por não compreenderem a proposta construtivista, segundo Rabelo. E os alunos tinham níveis diferenciados de aprendizagem. Faltava porém, embasamento por parte dos professores para trabalhar melhor com o avanço do ponto de vista dos alunos pós-alfabetizados. No Relatório anterior, Rabelo nos afirma que o trabalho com a Professora Inês Mamede não teve continuidade. Talvez aí esteja o problema da deficiência na formação dos professores.

No que diz respeito ao método, Rabelo continua apontando suas preocupações com relação a se perder de vista a proposta inicial, que visava também o trabalho de conscientização política e do qual houve um desvio, segundo ele, que sobre este aspecto relatou: **“o grupo tem necessitado de um novo movimento de aprofundamento para não perder os princípios norteadores do Projeto de Extensão” (RABELO, 1994-6:3 e 4).**

Outras preocupações são colocadas neste Relatório, que, ao final, apresenta os gráficos de frequência mensal dos alunos por Círculo. As questões pendentes dizem respeito à continuação do processo de pós-alfabetização, às classes noturnas para receber a demanda vinda dos círculos, à permanência da proposta de aperfeiçoamento em serviço e ao número muito reduzido de alunos. Observe-se que estas são questões pendentes desde o início do Projeto, sempre colocadas e nunca resolvidas.

Deste *Relatório Semestral*, passaremos para o *Relatório Final*, mesmo porque não há relatórios mensais referentes ao 2º semestre de 1994. Quer porque estes não foram enviados à FACED-UFC, onde coletamos todos os outros, quer porque não foram elaborados. O *Relatório Final*, de dezembro de 1994, entretanto, nos dá uma amostra geral do que foram os círculos neste período.

Dos 08 Círculos que estavam em funcionamento no 1º semestre, apenas 06 concluíram o ano, todos com uma redução de aproximadamente 70% na taxa de matrícula geral. Dos 281 alunos que iniciaram, apenas 78 (aproximadamente 28%) permaneceram até o final. Duas outras justificativas, até então não citadas, foram incorporadas neste Relatório, para esta evasão: a mudança do aluno de Município e a mudança de animador (professor) na sala.



Neste Relatório, o coordenador avalia que houve um avanço na leitura e na escrita daqueles que permaneceram estudando, e que a dificuldade maior residia na questão da ortografia, englobando acentuação e pontuação gráficas. Porém, o grupo foi considerado alfabetizado e com condições de continuar seus estudos no Ensino Regular. Este seria um novo desafio para a Secretaria de Educação e para as escolas.

Rabelo sugere, mais uma vez, caso o Projeto continuasse em 1995, a necessidade de **“um direcionamento do Projeto, a redefinição dos critérios e o estudo de novos círculos e novas comunidades”** (RABELO, 1994-7:3).

Comenta ainda a questão da carência de recursos didáticos e aponta que os professores com mais experiência e aperfeiçoamento na proposta construtivista

utilizavam mais recursos (jogos, teatro, cordel, etc.) e davam mais dinamismo às aulas.

Com relação à conscientização, alguns círculos ficam à mercê da prática comunitária do professor, como já dissemos repetidas vezes. Porém, aponta-se um maior engajamento das **“pessoas alfabetizadas nos órgãos da comunidade como Associações, Conselhos, crenças, Partidos, etc.”** (RABELO, 1994-7:4).

Demanda-se mais uma vez a presença da equipe da FACED, que ausentou-se mais ainda no final do último semestre de 1994, **“deixando o grupo sem maior direcionamento quanto ao futuro do Projeto no ano de 1995”** (RABELO, 1994.7:5). Pressupõe-se novamente a questão da dependência ao grupo da FACED-UFC que ainda persistia.

O acompanhamento sistemático da equipe da FACED-UFC aos Círculos de Cultura de Icapuí deu-se basicamente nestes anos de 1993, de forma mais intensa, e de 1994, com menor intensidade no que se refere à presença física. Ressalto que minha participação maior deu-se ao longo do ano de 1993.

Mesmo assim, temos três Relatórios do início do processo no ano de 1995. O primeiro deles é o próprio *Planejamento* do ano, dividido em três partes - *Grupo de Formação, Grupos de Círculos e Professores* - nas quais são apresentadas as metas e as ações propostas. Entre as metas propostas para o *Grupo de Formação* estão em destaque, conforme se pode analisar: manter os encontros mensais com a FACED-UFC e a coordenação local, continuar os relatos de experiências e estudo e aperfeiçoamento (sobre o referencial teórico-metodológico de proposta); e realizar capacitações nas áreas específicas (português, matemática, ciências,

artes e psicologia). Esta última área deve ter surgido a partir dos estudos da proposta construtivista, tendo em vista que no Projeto inicial ela não aparecia de forma tão clara.

Com relação aos *Círculos de Cultura*, as metas são voltadas para a preocupação referente à permanência dos alunos em sala. Pela primeira vez fala-se em ouvir a comunidade organizada acerca do interesse em comprometer-se com a proposta. As metas são:

“garantir grupos nas comunidades onde existem pescadores, especialmente na época do paradeiro; abrir grupos em comunidades a partir de discussão inicial com Associação de Moradores, Conselho de Educação, Igreja, Conselho de Pais, Conselho Tutelar e Núcleo Cultural; buscar apoio para incentivo aos alunos e fornecer material didático” (RABELO, 1995-1:2).

Como se percebe, surgem novos elementos explicativos para a evasão. Além de se propor agora ouvir as comunidades e “ganhá-las” para a proposta, supõe-se, na meta três, que os alunos não permanecem por falta de incentivo. As ações traçadas em relação a esta meta foram **“fazer Projetos com entidades para captar recursos e garantir merenda” (RABELO, idem)**. Parece até que os alunos precisavam ganhar algo em troca para irem às aulas. Em nenhum momento se toca na questão da identificação desses com a proposta do engajamento e assiduidade pelo comprometimento.

Com relação aos professores, também fica latente a falta de formação, logo na primeira meta que se refere à possibilidade de incluir novos professores quando a comunidade o solicitasse. A ação proposta para esta meta

complementa-a: **“priorizando pessoal com formação a nível médio, especialmente pedagógico, de preferência concursado, aceito pela comunidade (grifo nosso). Observar aspecto da formação política, visão crítica de mundo, engajamento” (RABELO, *idem, ibidem*). A última meta para os professores diz respeito à realização de curso de aperfeiçoamento para todos, novatos e veteranos.**

Este *Relatório de Planejamento* é de janeiro de 1995. Em fevereiro deste ano, temos um outro Relatório que demonstra que as aulas não se iniciaram, pois refere-se apenas a uma reunião de professores com a Coordenação Local, na qual são encaminhadas algumas questões práticas e de mobilização com relação à motivação para matrícula. Ainda neste Relatório, fica demonstrado que o próprio Município não tem se comprometido com o Projeto quando não o inclui na programação da Semana Cultural Municipal (que normalmente inclui as outras áreas da educação). Relata-nos Rabelo que **“existe pouca vontade de lembrar o significado da Educação de Adultos”** (RABELO, 1995-2:1). Apesar de não explicitar, fica claro que esta crítica dirige-se à Administração Municipal, tendo em vista que ela organiza a Semana Cultural através da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto.

No Relatório de março de 1995 são elencados os avanços e dificuldades em cada Círculo que já se encontrava em funcionamento. São apenas três, mas a quantidade de alunos parece ser bem superior aos anos anteriores no que se refere ao número inicial de alunos por sala. Não são feitas referências exatas com relação às quantidades por Círculos, como nos Relatórios anteriores, mas diz-se

que em Redonda foram convidados 42 alunos, que em Morro Pintado, que sempre apresentou um número estável de alunos ainda havia procura por matrícula e que em Barreiras havia uma média de 27 a 30 alunos, com faixa etária de 16 a 20 anos de idade. Em todos, a maioria dos alunos já sabia ler.

Somente o Círculo de Icapuí ainda não havia iniciado as aulas devido a ausência do local para funcionamento.

Como se percebe, parece ter havido uma substancial melhora nestas comunidades, apesar dos poucos círculos em funcionamento. Mas evidencia-se que os que iniciaram as atividades, parecem ter uma perspectiva diferente com relação aos alunos e sua permanência nos estudos.

Infelizmente não temos mais dados sobre esta continuidade, até porque neste período a equipe da FACED se afastou quase que totalmente do processo de acompanhamento, passando a assessorar aquele Projeto, predominantemente à distância. Foi nesse período que se iniciaram também os Círculos de Cultura em Fortim, Município vizinho e cujo Secretário de Educação era o mesmo de Icapuí, o professor Augusto Oliveira. A FACED também, à distância, assessorou este trabalho.

Os Relatórios de Rabelo, aos quais vínhamos nos referindo, demonstram por um lado, que a Coordenação Local procurou estar sempre atenta ao andamento dos Círculos de Cultura de Icapuí, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, tanto no que se refere à sua compreensão acerca do processo de Alfabetização de Jovens e Adultos trabalhadores numa perspectiva emancipadora, quanto no que diz respeito aos problemas de infra-estrutura; transporte para que

este chegasse até as salas de aula; e a distância entre as localidades nas quais estas salas funcionavam. Duas questões foram sistematicamente apontadas nos relatórios produzidos por Rabelo, quais sejam: a evasão e a polarização entre o desenvolvimento da criticidade e o aprendizado da leitura e da escrita. A preocupação com o fator evasão é presença constante nos relatórios. Como já registramos, Rabelo preocupa-se demasiadamente com o trabalho de formação de uma consciência crítica, que deveria evidenciar-se no discurso dos alunos e na inserção destes nos movimentos populares comunitários. Segundo ele, havia Círculos que privilegiavam um aspecto em detrimento do outro, em decorrência, podemos afirmar, da formação do professor e de seu engajamento na comunidade. Como Rabelo mesmo reconheceu, aqueles professores cuja prática social era voltada para um engajamento nas entidades comunitárias ou mesmo no trabalho da igreja, de caráter popular, procuravam envolver os alunos nestas experiências. Não há, na realidade, dados concretos que confirmem este fato, porém, há depoimentos que enfatizam este aspecto, como os contidos nos relatórios de Rabelo e a entrevista do Pe. Antonio Lopes de Lima, que acompanhou o Projeto, indiretamente em todas as comunidades, uma vez que seu trabalho pastoral engaja tanto os professores como os alunos dos referidos Círculos.

A qualidade e a continuidade deste engajamento, porém, passam ao largo destes depoimentos. Não existem referências sobre o engajamento posterior à realização do Projeto.

No que diz respeito à evasão, fica claro que não houve, anteriormente, um trabalho que fosse significativo a ponto de engajar os alunos com comprometimento no Projeto, ou seja, não se estimulou a “clientela” a partir de seus próprios e reais interesses, de forma que o Projeto fosse concebido objetivando atender, de fato, às necessidades dos educandos. Procurou-se tratar igualmente os desiguais, na medida em que os próprios relatos de experiência dos professores demonstravam níveis bastante diferenciados, a partir de sua própria formação escolar e política, no desenvolvimento concreto da proposta. Havia Círculos nos quais boa parte dos alunos já dominava o instrumental básico da leitura e da escrita e aqueles em que os alunos não conseguiam sequer o domínio motor necessário ao exercício da escrita. Havia aqueles que, a partir da motivação do professor, apreciavam a discussão política em torno de temas geradores e também aqueles que não admitiam a discussão política, confundindo-a, inclusive com partidarismo, ou, mais especificamente, com *petismo*. Os próprios professores, na maioria, não conseguiam relacionar a proposta em curso com a perspectiva da Administração Municipal, que priorizava a universalidade da educação pública com uma qualidade identificada com princípios democratizantes, pautados na participação popular e na necessidade de transformação social. Esta é uma premissa básica do ideário dos partidos de esquerda, devendo nortear toda a formulação da política educacional, no caso, do Município de Icapuí. Tenho a mais clara convicção de que muitos dos professores não conseguiam digerir este discurso, não necessariamente por rejeição consciente, por opôr-se a esta perspectiva, mas simplesmente por não a compreenderem, por não possuírem uma

base sólida de formação filosófica, histórica e crítica para compreenderem a educação a partir desta visão menos instrumental e mais politizada.

Se não havia este consenso sequer a nível do discurso consciente por parte daqueles que iriam relacionar-se diretamente com os alunos, como poderiam estes comprometer-se com uma proposta sócio-educativa que exigia deles uma compreensão mais abrangente da sociedade na qual se inserem e um engajamento político nas comunidades? Parece que faltou auscultar estes alunos no sentido de saber até que ponto eles necessitavam e desejavam alfabetizar-se dentro desta perspectiva. Somente eles, os alunos, poderiam avaliar coerentemente o sentido de tudo isto para suas vidas e, quem sabe, a evasão não tenha sido uma resposta? Quem sabe ela não ocorreu devido à falta de identificação com os objetivos entre a Coordenação, os professores e os alunos?

O Coordenador Local do Projeto, Rabelo, é repetitivo em sua preocupação com o processo de conscientização dos alunos inscritos nos Círculos de Cultura. Havia, inclusive, a preocupação com aqueles professores que privilegiavam o ensino da leitura e da escrita e pouco se ocupavam em debater temas e questões relevantes, segundo ele, para a formação de consciência crítica.

Essa conscientização, porém, como sugeriu o próprio Marx e ensinam os bons teóricos marxistas, não é o legado de um período que o homem, enquanto educando, passa numa escola, conclusão esta que também é reconhecida por Paulo Freire em todas as suas obras.

O homem é um filósofo em potencial, ou seja, dotado da capacidade de raciocinar e portanto, de refletir sobre o mundo objetivo no qual se insere. É na

relação que o homem, enquanto ser social, estabelece com a natureza, imprimindo nela sua subjetividade através do trabalho, que ele se torna homem, que se constitui, enquanto indivíduo humano. A sociedade é, portanto, produto da realização humana objetivada através do trabalho. Confirmando este raciocínio, Gramsci nos afirma que:

“esta consciência não se forma pela força brutal das necessidades físicas, e sim pela reflexão inteligente, antes de alguns e em seguida de toda uma classe, sobre as razões de certos fatos e sobre os meios melhores para transformá-los de condição de servidão em bandeira de revolta e de reconstrução social” (GRAMSCI, C.T. 28, 28.01.1916).

Os diversos modos de organização social são históricos e envolvem na medida em que o homem passa a dominar novas formas de intervenção sobre a natureza, em outras palavras, novas formas de produzir os bens necessários à sua existência.

BA/UFG

O modo de produção, entretanto, por ser histórico e humano, é determinante de relações sociais entre os próprios homens. São estas relações que imprimem uma forma de pensar e de agir, assegurando uma hegemonia da classe que detém os meios de produção. A classe que não os detém é forçada a vender sua força de trabalho para garantir sua existência.

Neste processo, a educação é um meio do qual a classe hegemônica lança mão para difundir e justificar a forma de organização social vigente. A escola, como a conhecemos atualmente, é um dos instrumentos que a sociedade

capitalista criou, sob a tutela do Estado, também capitalista, fundamentalmente, para assegurar a manutenção do *status quo*.

Havemos, porém, de lembrar que, conforme concebemos o homem como ser pensante e sujeito capaz de imprimir sua subjetividade no mundo em que vive, conferimos a ele a capacidade de contrapor-se a um determinado modelo social. Assim sendo, a educação e, mais especificamente, a escola podem favorecer ao homem conhecimentos que o ajudem, no caso, não de forma iluminista, a analisar a sociedade e seu lugar dentro desta, e propor mecanismos que contribuam para, coletivamente, transformar o modelo vigente.

Se a educação tem esse poder, não o detém por si mesma, mas pelo fato de ser histórica e socialmente determinada pelas relações sociais de produção, que são humanas. Concebendo-a como um instrumento a mais na modificação dessas relações e somente assim, pode-se imprimir nela este poder determinante de um novo *modus vivendi*.

A consciência, pois, que se gesta historicamente no homem, é um processo resultante da dialética entre a objetividade do real e a subjetividade humana.

Esse processo, ao contrário do que sugerem certas correntes do pensamento pedagógico, não pode ser ensinado nos bancos escolares. O que se pode - e se deve - é favorecer elementos de análise da sociedade a partir de uma compreensão da história da humanidade e do desenvolvimento dos diversos modos de produção, o que já é por si, extremamente problemático, tendo em vista que os educadores, de uma maneira geral, não são formados nesta perspectiva.

Dessa forma, é necessário que “se eduque o educador”, como já alertava Marx, para que este possa ser competente técnica e politicamente em sua tarefa, concebendo-se, também, como sujeito desse processo histórico.

Talvez este tenha sido um dos problemas do Projeto de Icapuí, que não contemplou profundamente esta discussão, mesmo propondo em sua linha norteadora, trabalhar com professores e alunos a questão da consciência crítica.

Há que analisar-se, porém, que, ao pautar-se no Sistema Paulo Freire como proposta pedagógica e linha metodológica do Projeto, não priorizou-se aprofundar a história e o contexto deste sistema no sentido de apontar sua inegável relevância política para esta experiência.

Mesmo justificando-se que alguns professores já haviam trabalhado com esta proposta, analiso que muitos deles não a conheciam de forma suficientemente abrangente.

Além do mais, reduziu-se a contribuição de Paulo Freire ao método, ora de aprendizagem da leitura e da escrita e ora de conscientização crítica, como se este, por si só, desse conta desta conscientização. Precisaríamos ter aprofundado, na reflexão do referencial teórico-metodológico, que a proposta de Paulo Freire ao tratar do aprendizado da leitura e da escrita propriamente ditas “ **se reduz ao método analítico-sintético da palavração, usado já pela corrente escolanovista**”(POEL & POEL, 1996:27).

Não se trata aqui de contestar a validade da perspectiva freireana como linha norteadora de um Projeto desta natureza. Trata-se de defender a necessidade de um maior aprofundamento da proposta no que diz respeito aos

seus fundamentos, à sua construção histórica, enquanto um Projeto político-pedagógico.

Por outro lado, ao introduzir-se, em um dado momento, o construtivismo como o melhor caminho para a compreensão do processo ensino-aprendizagem da escrita e, conseqüentemente, da leitura, isto igualmente sem a devida discussão e aprofundamento, verificou-se que o grupo de professores não estava preparado para o que, para eles, seria uma ruptura com a proposta de Paulo Freire. O construtivismo, baseado da Psicogênese, crê na possibilidade de resolver-se os problemas do ensino-aprendizagem a partir do individual e de sua base de desenvolvimento cognitivo, como se este, por ser natural, relegasse ao professor a função de monitorá-lo. Trata-se, segundo Osório Marques, de um **“paradigma da razão subjetiva individual baseada em si mesmo, nas suas próprias regras imanentes e auto-suficientes”** (MARQUES, In POEL & POEL, 1996: 33).

BA/UFC

Com base na proposta construtivista de ensino, a pedagogia, segundo Poel e Poel, **“fundamenta-se nos conhecimentos científicos na linha positivista funcionalista da antropologia e da psicologia. Do ponto de vista do Projeto político-pedagógico, trata-se da expressão educacional das idéias iluministas-positivistas-liberais da classe dominante, atualmente, neoliberal capitalista”** (POEL & POEL, 1996: 33).

Como se pode perceber, o construtivismo, mesmo jogando luzes sobre o processo de construção do conhecimento a nível do desenvolvimento cognitivo, não pode, por si, atender ao objetivo central da superação do senso comum e

consequente elaboração de níveis mais elevados da consciência. Coerente com a visão de consciência a que nos referimos anteriormente, haveríamos de propor uma teoria que fundamentasse o projeto político pedagógico dos Círculos de Cultura de Icapuí, pautada na visão histórico-crítica da educação e na metodologia dialética para a compreensão do fenômeno educativo, como seria lógico numa experiência inspirada em Paulo Freire.

Corroborando com esta visão, Gramsci nos exorta:

“não é através desses meios pedagógicos que o grande problema histórico da emancipação espiritual da classe operária poderá ser resolvido; mas não é a solução utopista desse problema que estamos propondo... Queremos formar companheiros operários capazes de um trabalho prático e não apenas de gritar ‘viva a Revolução!’” (GRAMSCI, C.P.C., 23-24, 14.04.1924).

Haveríamos de propor uma linha de trabalho na qual a construção coletiva do saber fosse levada às últimas consequências, compreendendo que a educação se processa fundamentalmente através do trabalho social do homem e em instâncias que transcendem o espaço escolar, tais como a Associação e o Partido Político, como bem propôs Gramsci.

BA/UFC

Outra questão latente nos Relatórios de Rabelo diz respeito à falta de autonomia dos professores e da Coordenação local com relação à Coordenação da FACED-UFC. Há uma constante nas observações de Rabelo de que o grupo da FACED demorava-se a ir a Icapuí, não devolvia material, como Relatórios e produções de alunos e professores e que faltava elaborar um planejamento, um

plano de metas a seguir. Tudo isto, à exceção da devolução do material, poderia ser realizado a nível local. As reuniões poderiam ocorrer sem a presença da equipe da FACED e com total autonomia poder-se-ia tomar decisões e encaminhar questões práticas que visassem melhorar a qualidade do trabalho, inclusive, organizando um grupo de estudos com vistas ao aprofundamento teórico-metodológico da Alfabetização de Jovens e Adultos, independente dos professores da FACED-UFC. Não havia qualquer empecilho para que tudo isto fosse feito e além do mais, poderiam contar com a FACED apenas para subsidiá-los através de material de aporte teórico-metodológico.

A Professora Furtado apostava nesta proposta, porém, isto parece não ter ficado suficientemente claro para o grupo de Icapuí, até porque esta necessidade deveria partir deles.

II.I - AVALIANDO OS CÍRCULOS DE CULTURA - DIÁLOGOS E OBSERVAÇÕES

“É na relação orgânico-pedagógica entre uma escola e um determinado movimento social objetivo que se deve procurar, no entender de Gramsci, o princípio didático inspirador”

Paolo Nosella

Para abalizar as questões até aqui colocadas, julgamos necessário incluir trechos das entrevistas, concebidas muito mais como diálogos estabelecidos entre este autor que vos disserta sobre o Projeto Círculos de Cultura e o Coordenador

Local, Professor Clotenir Damasceno Rabelo, o Professor do Círculo de Icapuí-Sede, José Nilson Félix da Silva, o aluno do Círculo de Icapuí-Sede, Valdir Alcântara de Miranda e o Padre Antonio Lopes de Lima.

São diálogos que consistem em um rico momento de avaliação do que significou a execução do referido Projeto, do ponto de vista pedagógico, cultural, político e social, na visão dos entrevistados. Ressalta-se que tais diálogos foram realizados neste ano de 1997, portanto, dois anos após o encerramento do Projeto.

Além das entrevistas, tivemos a oportunidade de participar do *Encontro de Avaliação dos Cem Dias da Administração Municipal*, com o Prefeito Dedé Teixeira, Secretários Municipais, funcionários de alguns órgãos da Administração e algumas lideranças comunitárias.

Este Encontro representa um momento ímpar para esta Dissertação, na medida em que forneceu um panorama bem geral das principais prioridades no campo político-administrativo de Icapuí.

II.1.1 - O COORDENADOR

“Assim como nas instituições de vulgar beneficência, eles na escola distribuem sacolões de alimentos que enchem o estômago, produzindo indigestões, sem deixar algum sinal ou algum germe de nova vida, de vida diferente”
Gramsci

O Professor Clotenir Damasceno Rabelo foi Coordenador do Projeto de Educação de Jovens e Adultos de Icapuí, Círculos de Cultura, no período de 1993

a 1995 e atualmente dirige o Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos de Icapuí. Mantivemos um diálogo, o qual apresentamos a seguir, em 24 de abril de 1997, na Casa Paroquial de Icapuí.

Rabelo relatou como se dava o acompanhamento aos Círculos de Cultura, o qual resumia-se a visitas aos mesmos e aos encontros com os professores e com a equipe da FACED-UFC.

Neste aspecto, não apresentou qualquer informação nova em relação àquelas constantes dos Relatórios já analisados.

Ressente-se da falta de retorno por parte da equipe da FACED-UFC no que se refere aos documentos e informações enviadas à mesma como também lamenta o seu afastamento no ano de 1995.

Lamentou ainda a falta de aprofundamento em termos de objetivos da proposta e a falta de condições de realizar um acompanhamento mais sistemático, dadas as dificuldades de tempo e de transporte disponíveis na época.

Afirmou, outrossim, que **“ficaram frutos nas comunidades, mas que não foi ainda possível analisá-los em termos de qualidade, tendo em vista que, quantitativamente, estamos em dia com os dados, uma vez que foi realizado o Censo do Analfabetismo no Município(ANEXO III), com a população de 15 a 60 anos, em outubro de 1996” (RABELO, 1997).**

Apontou como perspectiva atual o Projeto Tempo de Aprender, levado a cabo na comunidade de Redonda que objetiva alfabetizar pescadores e suas famílias nos meses de janeiro a abril, período do paradeiro da pesca, evitando, assim, a evasão no período pesqueiro, que vai de maio a dezembro. Como forma

de incentivo **“é dada a cada aluno uma cesta básica de alimentos para que ele estude e possa ajudar no sustento da família sem ter que evadir-se da sala de aula” (RABELO, 1997).**

Não há maiores informações sobre este Projeto, tendo em vista que ele é coordenado por um professor de Redonda e, pelo demonstrado, não há uma competente ingerência por parte da Secretaria da Educação a respeito do mesmo. Rabelo afirma que **“soube que já houve evasão neste Projeto” (RABELO, 1997).**

No geral, acabou-se com a proposta da Educação de Jovens e Adultos naqueles moldes do Projeto Círculos de Cultura, ficando esta clientela restrita ao Ensino Supletivo através dos módulos, que são usados a nível nacional e coordenados pela Secretaria Estadual de Educação. Para os analfabetos, à exceção dos pescadores de Redonda, não há por hora, qualquer proposta de atendimento.

Rabelo concluiu a entrevista lamentando-se mais uma vez do afastamento da equipe da FACED-UFC e da falta de *feed back* por parte da mesma em algumas dificuldades encontradas e na devolução dos escritos locais, bem como do fato de ter ocorrido **“a dispersão do que se chamou de *Grupo de Formação*, que era composto pelos professores dos Círculos de Cultura e que se reunia quinzenalmente com o objetivo de estudar temas de interesse dos professores, trocar experiências relevantes ocorridas nas salas de aula e nas comunidades e planejar estratégias de ação e sugestões de atividades para o enfrentamento dos problemas surgidos” (RABELO, 1997).**

Vale destacar que, por ocasião da entrevista, Rabelo encontrava-se de férias de suas atividades na Secretaria de Educação Cultura e Desporto, porém, envolvidíssimo com a instalação do CVTP - Centro Vocacional, Tecnológico e Pedagógico de Icapuí em convênio com o Governo Estadual e para o qual ele foi designado na função de “gerente”. Função esta com a qual estava se identificando e não media esforços para realizá-la da melhor forma possível, objetivando permanecer na mesma.

Vale observar que o discurso de Rabelo perdeu um pouco aquela ênfase na *questão da criticidade, da formação de consciência crítica* presente nos Relatórios, passando agora a defender a necessidade de formar o educando jovem e adulto para o **“exercício da cidadania para inserir-se no contexto social de forma mais ativa”**(RABELO, 1997), numa nítida adequação ao discurso neoliberal.

Curiosamente, não há, em sua fala, qualquer referência à questão da conscientização, em relação ao novo Projeto de Alfabetização para os pescadores efetivado em Redonda, por exemplo. Sua maior preocupação parece residir, agora, nos índices de analfabetismo, os quais, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, estavam na ordem de 23% da população em 1992, em contraposição aos 49,27% de 1986, e na necessidade de diminuição dos mesmos, o que é louvável, porém há de questionar-se mais uma vez sobre a real necessidade da própria clientela em alfabetizar-se.

II.1.II - UM PROFESSOR

O Professor José Nilson Félix da Silva tem 25 anos. É estudante do Curso de Letras da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, em Mossoró. Participou do Projeto Círculos de Cultura em 1994, como encarregado do registro áudio-visual do mesmo e como professor substituto, no Círculo de Cultura de Icapuí-Sede. Conversamos sobre o Projeto, em 24 de abril de 1997, na Escola Municipal de 1º e 2º Graus Professora Mizinha, onde trabalha atualmente.

O entrevistado afirmou ter participado do Projeto, no ano de 1994, assumindo a turma de Icapuí-Sede no final desse ano, provisoriamente, no lugar da professora titular que se encontrava de licença para tratamento médico.

Avaliando sua participação no Projeto, José Nilson Félix da Silva nos diz que **“a Secretaria gostou do meu serviço. Os alunos falavam que estavam aprendendo melhor, até porque a professora faltava muito. Quando assumi, melhorou um pouco para eles. Para mim, não foi tão válido não. Eu não via resultados. Eu esperava um resultado mais rápido na leitura, escrita, interpretação de figuras”** (SILVA, 1997).

Sobre o Círculo de Cultura de Morro Pintado, ao qual acompanhou quando dos registros, Silva afirmou: **“O Projeto não estava bem aceito pela comunidade porque os alunos se repetiam. A professora investia muito. Havia o incentivo através dos Programas de Departamento de Cultura, mas as pessoas adultas achavam que não aprendiam”** (SILVA, 1997). Nesta mesma linha de raciocínio, avaliou que **“de uma maneira geral, para o**

Município, acho que não teve muitos frutos não. Porque muitos que participavam não continuavam. Alguns aprenderam a desenhar e escrever o nome”(SILVA, 1997).

Sobre a evasão dos alunos e suas causas, Silva diz: “ seria a monotonia na sala de aula. Os alunos queriam aprender, mas talvez, o monitor não era tão capaz, não orientava a aula didaticamente como deveria ser. Para outros a dificuldade era que a residência ficava distante do local de aula. Por exemplo: Barreiras. E outros não queriam sair de casa por causa das novelas” (SILVA, 1997).

Questionei se a ocupação profissional, o trabalho, não dificultava a permanência na sala de aula, conforme depoimentos do coordenador, Rabelo, em seus Relatórios. Silva afirmou que sim e que “a maioria eram pescadores. Aí iam pro mar. Passavam três, quatro dias, os que pegam peixe. Os que pegam lagosta passam de dez a quinze dias. Não retornavam às aulas por desistência” (SILVA, 1997).

Sobre a sua experiência com o Círculo de Cultura de Icapuí-Sede, como Professor, Silva avaliou que

“a Francisca (professora titular) faltava muito e mandava alguém que não tinha nenhuma formação. Na turma eram oito pessoas (alunos) e permaneceram até o final. Eu estimulava, ia nas casas, etc. Algumas pessoas deixavam de vir, porque sofriam de vista. Fiz ofício como professor mesmo, de Educação de Adultos, levei para a Secretaria de Ação Social. Fiz inscrição deles no exame de vista, levei ao médico, fui de casa em casa deixar os óculos. Isto foi uma forma de incentivá-los mais ainda” (SILVA, 1997).

Sobre as aulas, propriamente ditas, afirmou que **“o tempo de aula era muito curto. Os alunos ficariam mais tempo. O intervalo da escola (onde funcionava o círculo, juntamente com classes do ensino regular) atrapalhava. Era de vinte minutos. Se reduzia a uma hora e quarenta minutos de aula”** (SILVA, 1997).

Silva informou ainda que fez um registro audiovisual das aulas nas seguintes comunidades: Ibicuitaba, Morro Pintado, Melancias, Barreiras e Icapuí-Sede.

Avaliando o Projeto no geral, foi enfático ao afirmar: **“valeu a pena. Não foi melhor por causa dos professores, na forma de repassar o trabalho. A Secretaria investiu muito. A coordenadora da UFC, Eliane Dayse, acompanhou bem, deu todo apoio necessário”** (SILVA, 1997), embora tenha afirmado anteriormente que **“a Professora Eliane Dayse veio, gravou duas aulas (ministradas por ele) e ficou de avaliar e mandar o resultado, mas não o fez”** (SILVA, 1997).

BA/UFC

II.I.III - UM ALUNO

Valdir Alcântara de Miranda tem 29 anos e se define profissionalmente com biscateiro, realizando, eventualmente, atividades de consertador de cadeiras e servente de construção. Foi aluno do Círculo de Cultura de Icapuí-Sede, coordenado pela Professora Francisca, no ano de 1994.

Ao indagar-lhe sobre como eram as aulas no Círculo de Cultura, Miranda afirmou que havia muita parceria entre os alunos e a professora e que esta precisava muito da ajuda dos alunos para que aprendessem ainda mais.

Em suas próprias palavras: **“com a convivência do dia-a-dia a gente aprendia, cada qual aprendia um pouco, uns aprendia mais, outros aprendia menos” (MIRANDA, 1997).**

Analisando ainda como as aulas se processavam, Miranda afirmou que havia dificuldades na aquisição do material didático por parte de alguns alunos e que isto dificultava o ensino. Questionado sobre o fato de que a Prefeitura dava o material para os alunos, lembrou: **“teve aí um momento que a Prefeitura tava em dificuldade também, dificuldade financeira, e os alunos que queriam estudar tinha que comprar, fazer um esforço, comprar seus materiais e quem não tinha condições de comprar ia atrás de um Vereador, da Prefeitura, que era pra ver se dava o material pra poder ele estudar” (MIRANDA, 1997).**

Sobre como se dava o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, Miranda disse que o trabalho neste sentido consistia no recorte de palavras em revistas e jornais e na colagem das mesmas em cartolinas ou na parede. O objetivo era o de formar novas palavras com as sílabas das recortadas e a Professora dizia se estavam corretas ou não. Havia casos em que **“mesmo se às vezes tivesse errada, ela não dizia nada, depois é que ela ia corrigir a gente” (MIRANDA, 1997).**

Esta atividade de escrita de palavras não diferia, no dizer de Miranda, da atividade de leitura: **“a gente separava e depois a gente juntava as sílabas. Aí**

ia começando. Ela (a Professora) dizia como a letra começava, aí era que a gente ia aprendendo, soletrando” (MIRANDA, 1997).

Quanto ao debate, compreendido como o diálogo entre os sujeitos educandos e educadora e tão caro à proposta freireana de educação, Miranda apontou que este limitava-se a um dia na semana para discutir sobre como estaria se processando a aprendizagem. Verificavam-se as dificuldades e refletia-se a partir delas procurando-se chegar às suas causas. No caso daqueles que não estariam aprendendo discutia-se **“se era por conta do trabalho, ou se era porque não queria aprender”** (MIRANDA, 1997). Como se percebe, resumia-se, no dizer do entrevistado, a dificuldade no aprendizado à responsabilidade dos alunos.

No que se refere ao debate político, numa dimensão mais ampla, para além do processo ensino-aprendizagem, Miranda foi enfático:

“isto não acontecia, porque a gente não queria misturar. Na época, a gente não queria misturar política com estudo. Apesar da política fazer parte dos estudos, mas a gente não queria misturar, porque tem algumas pessoas que têm dificuldade de aprender e não queria misturar. Tinha algumas pessoas que confundia política com ensino, apesar da política fazer parte do ensino, mas a gente não queria misturar” (MIRANDA, 1997).

Questionado sobre a evasão, Miranda expressou a descrença com relação ao adulto alfabetizar-se, afirmando que havia pessoas que acreditavam no ditado **“burro velho, quando era novo não aprendeu, de velho é que não ia**

aprender” (MIRANDA, 1997), limitando sua análise a este aspecto: o do próprio aluno não acreditar na capacidade de aprendizagem.

Quanto a ele próprio, declarou que aprendeu mais a ler do que a escrever e que já concluiu, através do Ensino Supletivo, a 4ª Série do Ensino Fundamental.

Referindo-se à atuação da Professora Francisca, Miranda ressaltou a dedicação pelos alunos como sua principal característica, pelo fato de a mesma insistir na permanência dos alunos no Círculo através de visitas às casas dos desistentes.

Avaliando o Projeto como um todo, Miranda ressaltou a solidariedade no que se refere à busca coletiva pela solução de problemas, quando afirmou:

“é bom pra gente ajudar uns os outros. Aqueles que não querem nada na vida, a gente incentiva essas pessoas, porque a gente nunca deve dizer não àquilo que a gente imagina, tudo que a gente quer ter. Mas não! A gente deve procurar um ponto, lá no fim do túnel, onde tem aquela luzinha, a gente imaginar que lá tem uma oportunidade pra gente” (MIRANDA, 1997).

Pelo exposto por Miranda, nesta entrevista, percebe-se claramente a tentativa de vivenciar, neste Círculo específico de Icapuí-Sede, a proposta construtivista da alfabetização, quando a Professora Francisca demonstra conceber o erro ortográfico, ou seja, na grafia de palavras, como um momento de construção da escrita pelos alunos, incentivando à produção das mesmas, por um lado, e por outro, a persistência da visão mais tradicional no que se refere à aprendizagem da leitura através da *soletração*, o que para o construtivismo não

seria recomendado, uma vez que propõe-se, nesta perspectiva trabalhar a palavra como um todo, contextualizada, de preferência, dentro de uma frase ou texto.

Outra questão relevante nas palavras de Miranda diz respeito à responsabilidade com o aprendizado ou não, daquilo que é ensinado. Os questionamentos em sala a este respeito, dirigiam-se exclusivamente às posturas dos alunos. Em nenhum momento questiona-se a postura da Professora. Tampouco a responsabilidade parece centrar-se na proposta teórico-metodológica enquanto facilitadora ou não da aprendizagem.

Atrela-se a isto, nesta análise, a questão da evasão. Esta é tratada por Miranda como *descrença* na possibilidade do adulto aprender a leitura e a escrita, focando-se, mais uma vez, a responsabilidade na única pessoa dos alunos e não questionando-se as condições objetivas dos mesmos para dedicarem-se aos estudos, ou seja, suas possibilidades de melhoria de vida no plano da causalidade mesmo.

Por fim, chamou-nos a atenção o preconceito em relação à discussão política, como se isto fosse reduzir-se ao partidarismo, o que, aliás, seria uma peculiaridade do Município de Icapuí, na medida em que a *sociedade política*, no sentido gramsciano, está intimamente ligada à *sociedade civil*. O debate político-partidário, naquele Município, é uma constante na vida de seu povo, como podemos observar nas visitas realizadas durante e após a efetivação do Projeto Círculos de Cultura. Isto se dá devido a proximidade existente entre os políticos e a população, entre as discussões do partido à frente da Administração e a

dinâmica dos processos administrativos nas diversas áreas, fundamentalmente na educação.

II.I.IV - O PADRE

O Padre Antonio Lopes de Lima é Bancário, Professor e Pároco de Icapuí há dez anos. É um profundo conhecedor da realidade do Município, conhecendo igualmente todos os munícipes e também faz parte dos quadros do Partido dos Trabalhadores em Icapuí. Conhece bem as comunidades nas quais o Projeto, objeto desta Dissertação, se desenvolveu.

Julgamos importante sua avaliação acerca do mesmo, tendo em vista que ele se constitui um observador autêntico e crítico de todas as ações da Administração Municipal.

Nossa conversa se deu, de forma bastante informal, na Residência Paroquial, em 23 de abril de 1997.

Pe. Antonio Lopes situou que o processo de emancipação do Município de Icapuí, separando-se de Aracati, iniciou-se com o trabalho da Igreja na eclosão das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), **“que procuravam levar ao povo a Palavra de Deus numa perspectiva libertadora, visando a formação do pensar livre e crítico acerca da realidade e da sua necessidade de transformação” (LOPES, 1997).**

Tão logo o Município emancipou-se e, durante o processo, algumas lideranças se destacavam e entre elas, os recém-formados José Airton, de família

tradicional do Município e Dedé Teixeira. Com as eleições municipais, José Airton foi eleito Prefeito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB e aí iniciaram-se as reformas e a implantação de políticas e Projetos visando a melhoria de qualidade de vida no Município, destacando-se as áreas de saúde e educação.

Lopes nos diz que **“o pessoal do PT (Partido dos Trabalhadores), que à época (1985-1986) estava no Poder Municipal em Fortaleza, conhecia as lideranças locais dos tempos da Universidade e começou um trabalho de cooptação e convencimento para que estes se filiassem ao Partido dos Trabalhadores” (LOPES, 1997)**, sob a justificativa de que as propostas de governo se aproximavam entre si. Neste grupo encontravam-se Maria Luíza Fontenele, Rosa da Fonseca, Dalton Rosado e João Alfredo, que, segundo Lopes, acompanharam os primeiros anos de Administração em Icapuí.

Após aproximadamente 02(dois) anos de Administração, o Prefeito resolveu, durante a inauguração de uma rua e de um Mercado Público, anunciar que a partir daquele dia passaria a compor os quadros do Partido dos Trabalhadores. O entrevistado não sabe precisar se tratou-se esta de uma decisão individual do Prefeito ou do grupo que compunha a Administração. Nas palavras de Lopes, **“foi como se por decreto, esta decisão houvesse sido tomada, pegando, inclusive, alguns de surpresa” (LOPES, 1997)**. Padre Lopes não sabe informar, tampouco, se houve um amadurecimento maior anterior à decisão, nem se foi realizado um estudo aprofundado das propostas político-ideológicas do Partido dos Trabalhadores. Conforme informou, Padre Lopes era, à época, filiado

ao Partido dos Trabalhadores, com militância no Movimento Sindical Bancário ao qual ainda é ligado por sua própria condição profissional.

Sobre as principais mudanças que esta decisão acarretou, Padre Lopes afirmou que **“é público e notório o crescimento do Município no que se refere ao atendimento da demanda por educação e saúde. Icapuí quase não tinha escola e o pouco atendimento nesta área ficava ao encargo do Município de Aracati”** (LOPES, 1997), o que acarretava grandes dificuldades no que se refere ao acesso, permanência e qualidade da educação.

Com relação aos Círculos de Cultura, Pe. Lopes avaliou que era muito bom o acompanhamento dado pela equipe da FACED-UFC, lamentando-se que não houve continuidade nem retorno por parte da mesma. Mas considerou bons os resultados, apesar dos elevados índices de evasão, tendo em vista que, vez por outra, depara-se com algum ex-analfabeto, que antes identificava-se “com o dedo” ou seja, pela impressão digital, e que agora afirma-lhe que sabe assinar o nome. Acrescentou que, nas comunidades onde coordena o trabalho pastoral, algumas pessoas melhoraram a qualidade de intervenção, até “lendo nas missas”.

Afirmou, ainda, que quando da implantação do Projeto, não se conversou com as comunidades questionando se a proposta **“valeria a pena, em que termos e a partir de que deveria ser implantado e ainda com que objetivos, ou seja, para que era importante para a comunidade o aprendizado da leitura e da escrita. Seria para ler na missa, para melhorar de vida, para fazer as contas dos peixes?”** (LOPES, 1997). Na sua avaliação, faltou propiciar um momento de discussão anterior à implantação dos Círculos, o que, segundo ele,

pode ter contribuído para o engajamento pouco significativo das comunidades e, conseqüentemente, para a evasão dos alunos.

Outro problema colocado pelo Pe. Lopes diz respeito à formação dos professores, que, para ele, não era a mais adequada, sendo esta, inclusive, muito desigual com relação à compreensão política e pedagógica da proposta. Citou, como exemplo, o baixo nível de formação das professoras da Comunidade de Ibicuitaba. Junte-se a isto a questão do engajamento político que ele afirmou não existir por parte de alguns professores. O compromisso com o trabalho comunitário seria um balizador deste engajamento, na sua visão.

Pe. Lopes finalizou reafirmando a necessidade de iniciativas como esta, com a assessoria da Universidade, no sentido de imprimir maior e melhor qualidade ao trabalho pedagógico.

Pe. Lopes confirmou que em Icapuí as principais atividades econômicas são a pesca e a agricultura. Os pescadores vendem sua força de trabalho para os donos dos barcos, ficando apenas com o pouco necessário à sua sobrevivência e de sua família. Os agricultores por sua vez, enfrentam um problema maior que é o da posse de terra, tendo em vista que há grandes áreas de propriedade do Grupo J. Macedo, de um lado, e do Grupo Edson Queiroz, de outro. Há conflitos, inclusive com uma área já desapropriada para reforma agrária e na qual os posseiros estão enfrentando dificuldades, devido à falta de incentivos.

A Prefeitura, segundo ele, intervém na medida em que há conflitos e necessita-se de um intermediador nas negociações. Tem sido este o papel da mesma.

Segundo o entrevistado, não há uma política de apoio e incentivo à questão da reforma agrária no Município. Quando há pressão popular por parte dos posseiros é que a Prefeitura se manifesta.

Outras fontes de renda da população são o artesanato (labirintos e rendas), a produção de sal, a colheita de côco e caju, que estão em crise, juntamente com a pesca da lagosta.

E há, por fim, o funcionalismo público que é uma das maiores fontes empregatícias em Icapuí, **“não havendo porém cursos de formação para o exercício dos cargos públicos, à exceção dos professores que são constantemente capacitados” (LOPES, 1997).**

II.I.V - O ENCONTRO DE AVALIAÇÃO DOS CEM DIAS DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

BH/UFG

O Encontro de Avaliação dos Cem dias de Administração Municipal ocorreu no dia 26 de abril de 1997, na Casa Paroquial da Comunidade de Melancias de Cima, durante todo o dia e contou com a presença do Prefeito Municipal, Dedé Teixeira, do Secretariado, da Chefia de Gabinete do Prefeito, de alguns funcionários municipais e de algumas lideranças comunitárias.

A sistemática de trabalho consistia na exposição de cada Secretaria e da Chefia do Gabinete, na qual mostravam-se todos os Projetos em andamento ou a implantar, os resultados obtidos e as dificuldades encontradas. Após estas exposições, abriu-se o debate onde deveriam ser colocadas as dúvidas acerca do

exposto e levantadas questões para a avaliação por parte dos presentes. Ao final, após algumas tentativas de encaminhamentos concretos das questões levantadas o Prefeito, Dedé Teixeira fez uso da palavra, na qual procurou estimular e motivar os presentes para superação das dificuldades e eleger prioridades para a atuação a nível mais imediato e com melhor qualidade.

Das questões levantadas durante o debate, a tônica recaiu sobre a necessidade de melhorar o relacionamento profissional dos funcionários entre si e principalmente com relação ao atendimento do público. Foram vários os depoimentos neste sentido, chegando a haver uma repetição de argumentação, acusando-se alguns funcionários (sem citar nomes) pelo mau atendimento. Apenas uma professora, líder comunitária, avaliou que havia percebido melhora neste aspecto, mas avaliou também que há uma rede muito grande de informação e desinformação na Administração que espalha muitos boatos e até conversas confidenciais do próprio Prefeito com seu Secretariado.

Outra questão que tomou bastante tempo do Encontro dizia respeito a um mal entendido entre as Secretarias de Administração e de Saúde quando da solicitação da primeira de um aparelho condicionador de ar que pertencia à Secretaria de Saúde e estaria aparentemente sem uso pela mesma. Após várias argumentações, o Prefeito interviu no sentido de passar desta discussão para algo mais substancial e importante para os encontristas e a Administração. Ressalte-se que além de mim, estavam presentes o Pe. Antonio Lopes e uma jornalista que cobria o Encontro e aguardava o Prefeito para entrevistá-lo.

A Secretária de Educação, Professora M^a Dione Soares, questionada acerca do que seria o acompanhamento pedagógico a que se referira em sua fala, explicou que este deve-se à implantação do Centro de Ensino Supletivo no Município e através do qual o aluno jovem e adulto, sem escolarização compatível com sua faixa etária, pode acelerar sua escolarização a nível de 1^o grau e/ou 2^o grau em menos tempo e para o qual necessita-se de professores com formação específica nas diversas áreas do conhecimento para acompanhar este estudo. Segundo ela, há depoimento de alunos que “desta forma aprenderam a estudar”. Afirmou ainda que a implantação deste Sistema, ao qual o Prefeito prefere chamar de *Compleativo*, deu-se pela necessidade de absorver toda essa demanda, principalmente a de 2^o grau, e não mais haver disponibilidade de vagas nas duas escolas que ofertam este grau de ensino.

Outra questão relevante colocada no debate disse respeito a um empréstimo que a Prefeitura teria encaminhado com o intuito de pagar o funcionalismo público que estava atrasado há mais de dois meses. O assessor da Administração, Advogado José Eduardo Rebouças, esclareceu que a solicitação e o empréstimo ao Banco Central já estavam confirmados, aguardando, porém, a tramitação burocrática que deveria levar de 03 (três) a 10 (dez) dias úteis, tendo a solicitação sido encaminhada no final de expediente de uma sexta-feira, véspera de feriado prolongado (18/04/97), o que estaria atrasando mais ainda a contagem desses dias úteis.

Tive notícias de que até o dia 30 de abril, o pagamento dos funcionários ainda não havia sido efetuado.

Ainda no Encontro, Pe. Lopes fez uma intervenção, solicitando que a Rádio FM Educativa de Icapuí voltasse a ter o caráter popular que lhe foi proposto quando da sua concepção, chegando inclusive a comporem-se os Conselhos Editorial e Administrativo e que atualmente encontrava-se dirigida apenas por duas pessoas. Outra questão levantada pelo Padre Lopes referiu-se à enorme quantidade de Projetos que a Prefeitura encampava e a necessidade de se priorizar alguns mais urgentes, sob pena de perder-se a qualidade e o diferencial que faz a Administração Municipal petista, atrelando aí a necessidade de maior escuta do Movimento Popular e das Comunidades. Em sua fala, Pe. Lopes enfatizou algumas das demandas comunitárias, entre elas, a questão do assentamento da área de Reforma Agrária que necessitava de maior urgência no encaminhamento de suas questões, as quais ele não se referiu. Ressalto que o Padre Lopes foi bastante aplaudido em sua fala pelos presentes, notadamente devido ao caráter mais crítico e reivindicatório de suas palavras.

DH/UFG

Após algumas falações, o Prefeito fez uso da palavra novamente e deu-se por encerrado o encontro, que teve a Coordenação do Assessor do Gabinete do Prefeito, Geraldo Acioly, Articulador Político da Prefeitura Municipal de Icapuí.

Como se pode perceber, estas entrevistas e as discussões travadas no Encontro de Avaliação favorecem incluir o Projeto Círculos de Cultura no panorama mais geral da Educação Municipal e igualmente das prioridades da Administração de Icapuí.

Verifica-se que são posições muito particulares, divergentes em alguns aspectos, como no que se refere aos resultados, por exemplo, e convergentes em outros, como na questão da evasão, que todos apontaram, mesmo que de forma diferenciada, como o maior problema do Projeto.

Fica latente, entretanto, que o Projeto marcou a história do Município, na visão dos entrevistados, e consubstanciou-se em um passo a mais para a implantação do Ensino Supletivo para Adultos, na visão dos Gestores Municipais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - A BUSCA CONSTANTE: DA QUANTIDADE INDESEJADA À QUALIDADE DESEJADA

“A primazia no processo formativo da pessoa cabe à vida, à experiência da luta, da produção e da reprodução. A escola é algo importante, mas complementar, acelera as potencialidades humanas, não as cria. Tayloriza o saber geral, no sentido de que organiza as partes, subdivide os pontos, interliga os atos pedagógicos de forma que a sequência produza um todo orgânico e superior”

Paolo Nosella

O Projeto de Educação de Jovens e Adultos em Icapuí, assessorado pela equipe de professores e alunos da FACED-UFC, teve em seus percalços a tônica da participação popular defendida pela administração petista daquele Município. Esta deveria ser minimamente a premissa básica em todo e qualquer registro sobre a mesma.

Analisando alguns documentos (Relatórios do Coordenador Local, Professor Clotenir Damasceno Rabelo e Texto produzido pela Professora Eliane Dayse Pontes Furtado) percebe-se que passa-se ao largo dessa questão. Não se nega que os professores e técnicos envolvidos no Projeto participaram amplamente do cotidiano do mesmo, quando reuniam-se para pensar/analisar a efetivação prática, os problemas ocorridos nas salas de aula, a evasão e propor soluções concretas para os mesmos. Quanto à conceituação teórica do que seria a proposta, quais seriam suas concepções, ficou o Projeto totalmente a desejar,

inclusive junto ao grupo da FAGED. Tudo em nome da construção coletiva de uma metodologia diferenciada para a Educação de Jovens e Adultos.

No discurso, a proposta baseava-se na metodologia de Paulo Freire e no Construtivismo. Na prática, o que se verificava era uma adequação, mais que lógica e necessária, às reais condições de formação e/ou deformação dos envolvidos no Projeto, bem como às reais condições infra-estruturais como locais das aulas, iluminação, materiais, transporte, bem como às realidades cognitivas dos alunos e ao seu nível de engajamento no mundo do trabalho e na participação política da comunidade.

Ora, era óbvio que a proposta não poderia ser homogênea em nenhum dos aspectos, dadas todas estas pré-condições (não confundir com pré-conceitos ou preconceitos). Penso hoje que a Coordenação e a Assessoria ignoraram conscientemente este aspecto em alguns momentos como por exemplo, nas reuniões para avaliação e planejamento. Em nome da “democracia” ou do “construtivismo” os diferentes eram tratados como iguais.

Como casar Construtivismo e Pedagogia de Paulo Freire sem uma reflexão e estudo mais aprofundado de ambas as propostas e sem definir ou discutir claramente as concepções de homem, sociedade e educação, tão caras a toda e qualquer proposta educacional?

Reconheço que tais questões foram citadas ou mencionadas em alguns momentos, porém, hoje tenho claro que, mesmo não pecando por omissão, pecamos por intromissão, ou por falta dela, no sentido de não nos prepararmos antecipada e profundamente nestas e noutras questões relevantes para este

Projeto, bem como em não trabalharmos as mesmas com os professores e técnicos de Icapuí.

Outra questão que passa ao longo no Documento da Professora Furtado e que foi uma constante na prática do Projeto e nos Relatórios da Secretaria de Educação de Icapuí diz respeito aos altos índices de evasão nas salas de aula, denominadas Círculos de Cultura.

A Secretaria aponta em seus Relatórios algumas causas para este fenômeno (aqui bem colocado, tendo em vista que a proposta era tida como popular, democrática, que visava a socialização do saber tendo em vista o aluno-sujeito concreto, inserido em sua realidade), tais como: o período da pesca, os problemas familiares, a apego à televisão, o desânimo, o cansaço e a preguiça dos alunos e também a falta de competência de algumas professoras.

Questiono-me se estas seriam razões suficientes para justificar índices de mais de 50% de evasão.

Quem eram esses alunos, quais suas inquietações, seus medos, seus sonhos, suas condições de trabalho, de saúde, de moradia, quais suas reais perspectivas futuras, seus desejos, seus ideais, suas condições de convivência familiar, seus amores e seus humores? Quem era esse aluno concreto e qual a realidade sócio-político-econômica e cultural em que estava inserido? Como era seu cotidiano? Seriam essas questões (ir)relevantes para conhecer este aluno-sujeito? E ainda, ou qual o referencial de classe que pautou esse trabalho?

Os professores, nós conhecíamos, pelo menos ao nível cognitivo e político, em termos de sua participação na comunidade e sua inserção no

contexto, muitas vezes com o discurso transformacionista. Conhecíamos-lhes porque nos reuníamos com eles quinzenalmente e/ou mensalmente. Eles poderiam até conhecer seus alunos e partilhar com eles seu viver, seu pensar, seu sentir e seu agir. Mas isto não se refletia nas reuniões de forma a interferir nos rumos da proposta direta e claramente. Planejávamos e planejavamos, no nível mais geral, sem descer às especificidades de cada comunidade, nem tampouco fazendo uma análise macro-social.

O fato é que a evasão foi a grande vilã neste Projeto e o Coordenador Local, não fez questão de omitir esses dados em seus Relatórios nem deixar de demonstrar suas preocupações quanto ao problema. Chegou-se ao ponto de o Secretário de Educação, Professor Augusto Lopes, só autorizar o funcionamento ou abertura de novos Círculos com um mínimo de 15 (quinze) alunos matriculados e frequentando.

Algumas soluções para o problema foram tentadas: motivação aos professores, aos alunos, programas da Rádio Comunitária, peças de teatro, visitas domiciliares, interrupção das aulas no período da pesca, dentre outras, mas, pelo que foi visto nos Relatórios, nada adiantou. A evasão foi uma constante do início ao fim do Projeto.

Alguém pode questionar: mas e os alunos que ficaram, não contam? Contam sim, mas na perspectiva da democratização do saber e universalização da educação ninguém deve ficar de fora. Contra o analfabetismo devem valer todos os esforços. Pergunto eu: alguém deixou o aluno livre para responder conscientemente “eu quero deixar de ser analfabeto?” Será que cabe aos

“iluminados” responder por eles? Será que se conhecia profundamente este pseudo-aluno?

Será que não faltou uma perspectiva de classe ao Projeto? Será que os envolvidos tinham esta questão claramente resolvida em suas concepções teórico-práticas e metodológicas?

Será que a “criação” de um método para uma proposta de Educação de Jovens e Adultos é suficiente para equacionar esta problemática?

É novamente Gramsci que nos alerta sobre esta questão, sendo enfático ao afirmar:

“além do mais: mesmo os métodos mais fascinantes tornam-se inúteis quando falta o pessoal capaz de verificá-los em cada momento da vida escolar e extra-escolar, e você sabe que justamente os melhores tipos de escola fracassaram por causa das deficiências dos professores” (GRAMSCI, c. 228, 7.12.1931).

Há que considerar-se, entretanto, que o Projeto de Educação de Jovens e Adultos de Icapuí procurou articular duas dimensões importantes em qualquer proposta educativa, quais sejam, a qualidade do educador e a perspectiva teórico-metodológica.

Ao optar por partir sempre da realidade dos professores, embora reduzindo-a aos problemas e dificuldades enfrentadas no cotidiano de sala de aula - sem, necessariamente, articular esse cotidiano às dimensões mais totalizantes da realidade social - a Coordenação, juntamente com o grupo de professores e alunos bolsistas, procurava superar tais dificuldades promovendo momentos nos

quais os professores de Icapuí deveriam “aprofundar” a compreensão do referencial teórico-metodológico.

O que se verificou, entretanto, foi uma grande ênfase colocada no cotidiano dos professores em suas salas de aula, chegando-se, por vezes, a passar um tempo demasiado longo dos encontros elucidando-se posturas destes ou daqueles professores, o que significava mesmo gastar um tempo precioso nestas discussões, perdendo-se a oportunidade de superar criticamente a esfera do imediato, mediante uma compreensão mais aprofundada das matrizes teóricas que, às vezes, inconscientemente, certos professores davam a perceber.

Tentativas foram feitas nesse sentido porém, sem a devida clareza por parte daqueles que coordenavam o trabalho, principalmente dos alunos bolsistas que, nem sempre, detinham a visão do todo do processo que ora se efetivava.

A opacidade do cotidiano não nos permitia vislumbrar o horizonte teórico-metodológico, em dados momentos, o que, juntamente com a falta de uma formação mais sólida e coesa, dificultava o processo até mesmo no que diz respeito à busca das melhores soluções para os problemas imediatos.

Por exemplo, com relação à questão da evasão, não ousamos inferir sobre a necessidade dos alunos na própria perspectiva destes, ou seja, indagar o que seria mais importante para eles naquele momento: aprender a ler e escrever ou trabalhar para garantir sua sobrevivência. Em outras palavras, até que ponto caberiam a leitura e a escrita no contexto de suas atividades de trabalho?

Ao levantar tais questionamentos, procuro colocar-me no lugar daqueles alunos que sobreviviam da pesca, frente à perspectiva de escolarização. Será que,

para eles, esta era uma questão relevante? Nesta era da microeletrônica, da informática, da robótica e da engenharia genética, que perspectivas têm e terão os trabalhadores de Icapuí? E os pescadores das comunidades mais distantes? Em síntese, até que ponto elementos no plano da causalidade, compreendida em Luckács como a própria realidade sobre a qual o homem age teleologicamente, favoreciam minimamente tal Projeto?

Não quero relegar-lhes à ignorância, repito. Pretendo apenas vislumbrar aquela opacidade do cotidiano a partir dos próprios alunos, com sua visão difusa e incoerente do todo social. Em que medida, a educação escolar é, para eles, um valor fundamental? Não o digo para seus filhos, tendo em vista que as propagandas em torno da necessidade da universalização do Ensino Fundamental em Icapuí são por demais conhecidas. Penso naquele trabalhador jovem e adulto que valoriza seu trabalho acima de tudo, pois é a partir dele que pode garantir a seus filhos, inclusive, a escolarização.

O que pode ser fundamental para os gestores da educação e educadores em geral pode não o ser para os trabalhadores que viveram já toda uma vida sem a necessidade do saber escolar. Até porque, para eles, a educação precisa ser concebida como um processo mais amplo, que se estabelece a partir de suas relações sociais e das suas necessidades mais imediatas. É a própria objetividade da vida dos mesmos, repito, que os leva, coerentemente, a imprimir uma subjetividade em sua visão de educação, baseadas em suas próprias concepções ingênuas de homem e sociedade. A educação, para eles, se processa efetivamente em sua forma peculiar de organização social.

Qualquer proposta de educação para esta clientela deve iniciar sempre de seus próprios pontos de vista, na perspectiva de superar o senso comum e transformá-los em verdadeiros homens. Questiono até que ponto os professores foram esclarecidos ou comprometiam-se com esta perspectiva, quando eles mesmos, na sua maioria, portavam ainda uma visão confusa do todo social e não detinham as bases necessárias a esta compreensão. Na realidade, não se aprofundou com os mesmos uma concepção de homem e sociedade que redundasse na proposta pedagógica que se pretendia efetivar.

Ressalta-se que o Projeto baseava-se na proposta de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos e que, a partir da mesma, o homem é concebido como sujeito histórico e social e a sociedade é igualmente concebida como histórica e passível de transformação através da ação do homem.

A perspectiva teórico-metodológica de Paulo Freire é das mais acertadas. Não é à toa que Paulo Freire é conhecido e respeitado mundialmente. Ele não nos deu receitas prontas de como fazer a Educação de Jovens e Adultos com sucesso. Ele fez algo mais. Mostrou-nos que toda proposta se gesta a partir das concepções presentes no grupo social tido como clientela. O caminho é o da práxis social, pensada e repensada em seu processo.

A nível do discurso, a proposta de Icapuí seguia esta linha norteadora, porém, na prática, o que se percebia não era bem isso, mas sim, uma permanente dicotomização na compreensão deste processo, expressa nos próprios Relatórios do Coordenador Rabelo, já explicitados nesta Dissertação.

Nestes Relatórios, fica claro que a proposta de Paulo Freire é reduzida a um método em dois momentos bem definidos. No primeiro, o Método é concebido como o proporcionador do aprendizado da leitura e da escrita ao lado de um processo de conscientização crítica. No outro momento, com a introdução mais direta da perspectiva construtivista da alfabetização, o Método Paulo Freire passa a ser compreendido como o espaço por excelência da conscientização. Como se vê, dicotomiza-se o processo de aquisição da língua escrita, do processo de construção do conhecimento de forma histórica e crítica, que é a essência da própria conscientização. O próprio Paulo Freire não fez esta distinção. Este, referindo-se à necessidade de alfabetização das camadas populares a partir de uma discussão sobre os problemas das comunidades nos diz: **“porque não engajar criticamente os alfabetizandos na montagem de seu sistema de sinais gráficos enquanto sujeitos dessa montagem e não enquanto objetos dela?”** (FREIRE, *Essa Escola Chamada Vida*: 14-15).

Verifica-se, portanto, que a redução da proposta de Paulo Freire a um método para alfabetizar ou conscientizar, não passa de miopia pedagógica, de incompreensão daquela proposta, que, conforme aponta Moacir Gadotti, **“se trata muito mais de uma teoria do conhecimento e de uma filosofia da educação do que de um método de ensino”** (GADOTTI, 1996 :82).

Ainda segundo Gadotti, há um comprometimento da proposta de Paulo Freire com a necessidade de transformação social. Ele corrobora essa afirmação a partir do prefácio à edição italiana do livro *Pedagogia do Oprimido* (1980), escrito por Linda Bimbi. Nele, a autora identifica a proposta de Paulo Freire com a

conscientização para a transformação revolucionária. Como esta é uma questão que nos interessa muito, julgamos importante nos debruçarmos sobre esta citação, que se faz longa para melhor expressar a riqueza do Método proposto por Paulo Freire. Diz-nos ela:

“a originalidade do método Paulo Freire não reside apenas na eficácia dos métodos de alfabetização mas, sobretudo, na novidade de seus conteúdos para conscientizar. A conscientização nasce em um determinado contexto pedagógico e apresenta características originais: a) com as novas técnicas, aprende-se uma nova visão do mundo, a qual comporta uma crítica da situação presente e a relativa busca de superação, cujos caminhos não são impostos, são deixados à capacidade criadora da consciência livre; b) não se conscientiza um indivíduo isolado, mas sim, uma comunidade, quando ela é totalmente solidária a respeito de uma situação-limite comum. Portanto, a matriz do método, que é a educação concebida como um momento do processo global de transformação revolucionária da sociedade, é um desafio a toda situação pré-revolucionária, e sugere a criação de atos pedagógicos humanizantes (e não humanísticos), que se incorporam numa pedagogia da revolução.” (BIMBI, in: GADOTTI, 1996 :82).

Por esta citação, percebe-se como a proposta de Icapuí, ao centrar-se no método e dicotimizá-lo, distanciou-se da perspectiva freireana ao não compreendê-la de forma mais ampla, conforme explicitado anteriormente.

Haveríamos de ter aprofundado a concepção teórico-metodológica de Freire a partir mesmo do método, compreendendo-o como o Prof. Ernani Maria Fiori, que no prefácio do mesmo livro, em edição nacional de 1970, afirma que:

“o método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas

também não põe inimidade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre, Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá os rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo, sejam estruturais, super-estruturais ou interestruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante.” (FIORI, 1970).

O que se conclui de tudo isto é que os sujeitos envolvidos na proposta de Icapuí não a conceberam adequadamente e não aproveitaram dela muita coisa. Pois se havia a vontade política, os educadores engajados e o contexto propício às transformações, algo me diz que perdemos o trem da história, ou melhor dizendo, até o vimos, acenamos para ele, dirigimo-nos a ele, mas, infelizmente algo nos impediu de embarcar.

Por outro lado, a proposta construtivista de aquisição da leitura e da escrita também foi introduzida como componente do referencial teórico-metodológico do Projeto em Icapuí.

Havia, desde o princípio, a intenção de unificá-la com a perspectiva de Paulo Freire, compreendendo-a como facilitadora do processo alfabetizatório. Isso se deu de forma contundente, porém dispersa, de forma oficial, porém igualmente incompreendida pela falta de bases mais profundas.

O que se verificou foi que no momento em que o Projeto mais se coadunou com o construtivismo, ou seja, a partir de 1994, a questão da conscientização ficou em segundo plano e a ênfase passou a ser o aprendizado da

leitura e da escrita, com a introdução de recursos como jogos, produção de textos e dinâmicas, conforme os próprios Relatórios de Rabelo deixam claro.

A prática, assim, confirmou profunda incompatibilidade entre as duas perspectivas. De fato, tendo em vista que, no construtivismo, o educando é percebido a partir de suas contingências individuais, conforme analisa Tomaz Tadeu, anteriormente citado nesta Dissertação, e que o processo de construção do conhecimento restringe-se, neste caso, à aquisição da língua escrita, comprovamos com clareza esta incompatibilidade.

Isto se confirma quando sabemos que as concepções do Projeto pautavam-se numa visão de homem enquanto sujeito histórico, engajado numa realidade social também histórica e tendo a educação como processo coletivo de libertação, de caráter revolucionário.

Com relação à evasão, concluímos que a questão fundamental residiu na não identificação dos educandos com a proposta do Projeto. poderíamos, como alternativa, ter procurado adequar os dias letivos à realidade de trabalho da maioria dos alunos, no caso pescadores, mas infelizmente, a idéia de propor-se um Calendário Escolar específico para a Educação de Jovens e Adultos não surgiu quando da realização do Projeto. E mesmo assim, não há garantia alguma de sua eficácia. Soubemos na entrevista a Rabelo, que, neste ano de 1997, a proposta do Programa de Educação de Jovens e Adultos realiza-se no período de janeiro a abril e garante-se uma cesta básica de alimentos para os pescadores e suas famílias inscritas no Programa. Mesmo assim, Rabelo nos informou que a evasão continua, mesmo que em menor escala.

Como se percebe, esta não é ainda a solução para o problema. Podemos lembrar aqui que o Programa do Governo do Estado, realizado em 1994, com a perspectiva de alfabetizar as famílias inscritas nas frentes de serviço, garantia o pagamento de meio salário mínimo aos inscritos que estivessem estudando e, mesmo assim, verificaram-se altos índices de evasão.

Disto tudo podemos concluir que o aluno trabalhador busca na escola algo mais que sua sobrevivência. Parece espantoso, mas ele busca o SABER, traduzido, inicialmente como aprendizado da leitura e da escrita.

É irônico afirmar isto. Mas será somente quando a escola cumprir competentemente o seu papel social fundamental, que é a socialização do saber construído historicamente, que saberemos se esta afirmação procede. Somente quando a classe trabalhadora estiver na escola, livre e conscientemente, e reconhecê-la como sua, identificando-se com conteúdos, métodos e programas poderemos, quiçá, acupar-nos da qualidade do ensino. Qualidade aqui identificada com os interesses históricos da classe trabalhadora. Poderemos, assim, esquecer o fantasma da evasão que permeia os Projetos de Educação de Jovens e Adultos.

DO POVO BUSCAMOS A FORÇA

Agostinho Neto

Não basta que seja pura e justa a nossa causa.
É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós.
Dos que vieram e conosco se aliaram,
muitos traziam sombras no olhar,
intenções estranhas.
Para alguns deles, a razão da luta
era só ódio; um ódio antigo,
centrado e surdo como uma lança.
Para alguns outros era uma bolsa,
bolsa vazia...(queriam enchê-la),
queriam enchê-la de coisas sujas,
inconfessáveis.
Outros viemos.
Lutar, para nós, é ver aquilo que o povo quer realizado.
É ter a terra onde nascemos.
É sermos livres para trabalhar.
É ter para nós o que criamos.
Lutar, para nós, é o destino:
é uma ponte entre a descrença
e a certeza de um mundo novo.
Na mesma barca, nos encontramos.
Todos concordam. Vamos lutar.
Lutar, pra quê?
Pra dar vazão ao ódio antigo?
Ou para ganharmos a liberdade
e ter para nós o que criamos?
Na mesma barca nos encontramos:
quem há de ser timoneiro?
Ah! as tramas que eles teceram!
Ah! as lutas que aí tramamos!
Mantivemo-nos firmes: no povo
buscando a força e a razão.
Inexoravelmente, como uma onda
que ninguém trava, vencemos.
O povo tomou a direção da barca.
Mas a lição lá está, foi aprendida:
Não basta que seja pura e justa
a nossa causa.
É necessário que a pureza e a justiça
existam dentro de nós.

Poema utilizado para reflexão nas primeiras assembléias comunitárias em Icapuí

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Maria José Milharezi. **O Ensino da Leitura e da Escrita na fase inicial de Escolarização**. São Paulo. E.P.U. 1987.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo, Cortez; Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org) e Outros. **A questão política da educação popular**. Brasiliense, 1987. ✓

BRASLAVSKY, Berta P. de. **Problemas e Métodos no Ensino da Leitura**. São Paulo: Melhoramentos e Editoras da USP, 1971.

CAMPOS, Edson. **Longe das Capitais**. In: Revista Teoria e Debate. Nº 18, São Paulo. 2º trimestre de 1992.

CORCIONE, Domingos. **A concepção metodológica Dialética da Educação Popular**. EQUIP, Recife, janeiro de 1995.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Anotações para o Estudo do Pensamento Pedagógico de Gramsci**. Fortaleza, FAGED-UFC. 1988 Mimeo.

DEHEINZELIN, Monique. **O Discurso do Anti-método**. IN: Revista Idéias, FDE. São Paulo, 1991.

FREIRE, Paulo. **Crítico, radical e otimista**. Entrevista. IN; Revista Presença Pedagógica. São Paulo, Jun/Fev 1995.

_____. **Pedagogia da Esperança. Um Reencontro com Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1992.

FRIGOTTO, Gandêncio. **Trabalho e Educação face a crise do capitalismo: Ajuste neoconservador e alternativa democrática**. Rio de Janeiro, 1993. Mimeo.

_____, **Capital Humano e Sociedade do Conhecimento: concepção neoconservadora da qualidade na educação**. Universidade de Ijuí. Editora UNIJUÍ, Ano IX, Nº 34 - Abril/Junho de 1994.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos**. Relato de uma experiência construtivista. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir e Outros. **Paulo Freire - Uma Bibliografia**. São Paulo, Cortez. 1996.

GADOTTI, M. e TORRES, Carlos Alberto. **Estado e Educação Popular na América Latina**. Campinas, SP: Papyrus. 1992. (Série "Educação Internacional" do Inst. Paulo Freire).

HADDAD, Sérgio e outros. **Tendências na Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**. EM ABERTO, Brasília, Ano XI, Nº 56. Outubro/Dezembro de 1992.

KOWARZIK, Wolfdietrich Schmied. **Pedagogia Dialética - De Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

LIMA, Nonato Nogueira. **Educação Popular em Icapuí. Uma construção**. Comunicação apresentada na 46ª Reunião Anual da SBPC. Vitória-ES, julho de 1994. Mimeo.

BR/UFG

_____. **Movimentos Sociais e Estado - remodelando o modelo**. Artigo conclusivo da Disciplina Seminário Temático I - Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Fortaleza, junho de 1995. Mimeo.

MARX, Karl. **Processo de Trabalho e Processo de Valorização**. O Capital (Volume I, Capítulo V). Os economistas, São Paulo, Nova Cultura, 1985.

MESZÁROS, István. **Consciência de Classe Necessária e Consciência de Classe Contingente**. Londres, Routledge & Kegan Paul. 1971.

NOSELLA, Paolo. **A Escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1992.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PAIVA, Vanilda Pereira (org) e Outros. **Perspectiva e dilemas da educação popular**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. ✓

POEL, Cornelis J. Vander e POEL, Maria S. Vander. **Práticas Alfabetizadoras no Brasil**. Paraíba, Revista da RAAAB. 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Desconstruindo o Construtivismo Pedagógico**. IN: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, Jul/Dez de 1993.

SOUZA, Paulo Renato de. **A Educação Básica à Beira da Catástrofe**. Entrevista - IN: Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza-Ce, 12 de setembro de 1995.

ANEXO I

Introdução

Define o MEC, entre as políticas para 1993, que a universalização do ensino público de boa qualidade é responsabilidade dos Estados e municípios onde as principais decisões e acontecimentos se concretizam junto às comunidades a serem atendidas. Como estratégia estabelece a mobilização do governo e da sociedade numa ação de corresponsabilidade. Sugere que "a universidade pode colaborar com os governos estaduais e municipais no desenvolvimento de propostas de atuação para o integral cumprimento, por eles, de suas atribuições constitucionais relativas ao ensino básico obrigatório, tendo em vista que conta com capacidade técnica e científica necessária. A sua função social de produtora de conhecimento (pesquisa) e formadora de recursos humanos capacitados para o equacionamento e solução de problemas sociais lhe confere mais esta responsabilidade".²

A responsabilidade para a transformação da educação não fica restrita aos sistemas de ensino estaduais e municipais, ela se estende ao ensino superior. Assim, duplamente implicada nessa problemática, e, na tentativa de efetivação dessas relações entre educação fundamental e educação universitária desenvolve-se na universidade, "um discurso fundamentado na prática que procura desvelar, ao mesmo tempo, circunstâncias e condicionantes do fracasso daquela escola e apontar soluções que respondam às expectativas de educadores preocupados com a criação de uma nova ordem social".³

Nesta perspectiva, a Faculdade de Educação da UFC aglutina esforços para viabilizar a ação-reflexão integrada com municípios cearenses que levem à formulação de uma política educacional

¹ Professora adjunta do dep^o de Estudos Especializados da FACED-UFC.

² SESU/IEC - Programa Integração da Universidade com a Educação Fundamental.

³ BORDAS, 1991:12.

"forjada a partir de princípios e critérios que fundamentem uma práxis pedagógica comprometida com a socialização do saber".⁴ Baseado numa concepção de gestão democrática da escola, na crença na não neutralidade da educação, e buscando a unidade entre teoria e prática, tal intercâmbio "tem sido fonte inspiradora de novas ações no tocante ao aperfeiçoamento da formação pedagógica dos alunos",⁵ tem contruído novas metodologias de trabalho na atualização e capacitação dos professores dos municípios e "estimulado a efetivação de uma prática globalizante `a luz da realidade concreta da educação".⁶

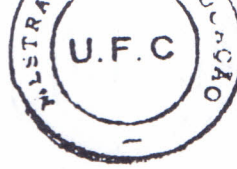
A alfabetização de jovens e adultos está inscrita entre as ações prioritárias junto aos municípios que têm buscado cooperação, e um desses projetos de cooperação "FACED-Municípios Cearenses", o de Icapuí, será o tema central deste trabalho.

Entende-se que outros compromissos são exigidos da escola. Tradicionalmente percebida como espaço educativo de crianças e jovens que a frequentam em idade regular de escolarização, ela agora enfrenta o desafio de se preparar para suprir eficientemente as necessidades e reclamos de outras camadas da população que, por razões estruturais, não puderam frequentá-la no "tempo devido". Por outro lado, há que se reconhecer que a conquista da ampliação dos sistemas públicos de ensino e da educação de jovens e adultos, é também resultado das ações da sociedade civil. Os movimentos sociais, as organizações populares e os sindicatos, através de suas pressões, reivindicações e demandas, e da realização de seus próprios projetos de escolarização, destacaram um fator limitante de suas práticas: "os processos de escolarização exigem estabilidade, institucionalidade e continuidade" (....) "os processos ensino-aprendizagem são complexos, exigem conhecimento prévio dos educadores, não se

⁴ FACED-Programa Integrado de Ações Educativas FACED/Municípios Cearenses, 1993:6.

⁵ Ibidem. pg 5.

⁶ Ibidem. pg 5.

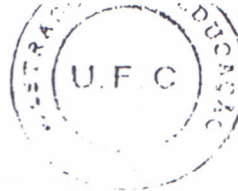


sustentam apenas com compromisso político" (HADDAD;11),

Ao mesmo tempo, novos valores, novas concepções, novos conhecimentos foram sendo construídos e levaram `a conquista de "espaços de expressão e reprodução", como diz Haddad(1994). Constata-se hoje, a tendência ao surgimento de uma escola preocupada em reconhecer o saber construído nos movimentos populares, que passa a ser um local onde os saberes estarão em discussão e convergência. Um local onde "o saber sistematizado, derivado do conhecimento socialmente legitimado pela classe dominante e o saber produzido pelas classes subalternas; passa, então, a ser o espaço contraditório de construção participada de um conhecimento novo com maior poder libertador".⁷

Na crença de que é possível trilhar um caminho que leve a este tipo de escola, é que realizamos, um trabalho de pesquisa-intervenção, de construção coletiva do conhecimento, com vinte educadoras de jovens e adultos do município cearense de Icapuí. De forma crítica e participativa, e `a partir da prática das professoras com o método Paulo Freire e da crença de que o sujeito constrói o conhecimento na interação com os outros e com o mundo, busca-se construir uma metodologia de alfabetização, que conduza os alunos `a integração `a escola regular. Uma metodologia que, vista como um processo social, considera os interesses do "sujeito aprendiz ", para que ele possa, em consequência, mudar a qualidade de sua intervenção na realidade, contribuindo para a sua transformação. A contribuição específica de Emília Ferreiro e Ana Teberosky(1983), é vital quanto à construção do conhecimento sobre a escrita, onde não se busca o melhor método para aprender, mas "estruturar um projeto para aprender". É aí que o indivíduo enquanto parte integrante do social, coloca-se como sujeito à medida que constrói a si e aquilo com que interage : a sua história de sociedade, sendo fundamental a sua ação para viabilizar uma sociedade que se deseja. Em função dessa visão construtivista do conhecimento e de um ser-sujeito, a proposta

⁷ BORDAS, 1991:20



pedagógica pretende formar o homem livre e transformador.

Assim, o educador envolvido nos círculos de cultura vivencia no grupo de formação o mesmo processo que se deseja que propicie aos seus educandos. Educar-se numa concepção de mundo e de homem onde a relação pedagógica se dá dinamicamente, onde a consciência é um processo contínuo, permanente e desafiador. Esta proposta, deverá propiciar a interação comunidade-círculos de cultura como espaço de valorização e recriação da cultura popular. Deverá garantir a apropriação da leitura e da escrita e a produção de conhecimentos relevantes e significativos, de forma crítica, para a compreensão e transformação de realidade social.

O Contexto do Município de Icapuí

Localizado no litoral leste do Estado do Ceará, a 208 Km de Fortaleza, Icapuí, município criado pela Lei 11.0003 de janeiro de 1985, limita-se ao norte e leste com o oceano Atlântico, ao oeste com o município de Aracati e ao sul com o Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente conta com 13.665 habitantes. Com uma área de 406Km², Icapuí dispõe de três Distritos: Icapuí, Ibicuitaba e Manibu. Os núcleos populacionais do município, 22 ao todo, formaram-se nas catorze praias existentes ao longo dos 64 Km de litoral e a margem da rodovia CE- 021 que liga o Ceará ao R.G do Norte.

"Icapuí é um município de pequeno porte que, desde 1986, vem revertendo a ordem político-administrativa, assumindo o desafio de democratizar o acesso ao ensino, oferecendo não apenas vaga nas escolas, mas também desenvolvendo ações de melhoria da qualidade educacional. Qualquer criança residente no município tem matrícula garantida até o término do 2º grau. Em 1992 a rede municipal de ensino trabalha com 4.197 alunos, que contam com transporte escolar gratuito resultado de um convênio com o governo estadual. Essa e outras inovações levaram o município a se tornar, sob a administração do Prefeito Francisco José (gestão 1989-1992), a única do Brasil a ser agraciada com o prêmio CRIANÇAS E PAZ-EDUCAÇÃO, outorgado pelo fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF)".⁸

⁸ HAGUETTE, OLINDA e LOIOLA. 1992:5

O primeiro aspecto a ser salientado como profundamente positivo é o fato de não existir carência de vagas. Todo o ensino de Icapuí é público, gratuito e municipalizado. A descentralização das escolas no sistema do atendimento escolar considerando a zona urbana e rural em 1992, indica efetivamente uma reversão de prioridades: a zona urbana conta atualmente com 03 escolas, atendendo a 1500 alunos, e a zona rural passou a contar com o número maior. No momento são 32, atendendo a 4.750 alunos.

No contexto de experiências de Icapuí, pelas razões anteriores apontadas, as escolas passam a desempenhar um papel de grande significado político, social e econômico.

Em relação ao desempenho burocrático-administrativo do sistema escolar, o Fundo Municipal de educação representou efetivamente uma descentralização administrativa e tem possibilitado uma maior margem de liberdade para a tomada de decisões específicas do campo educacional que ficava a depender de encaminhamentos burocráticos. Uma dessas, refere-se ao problema do analfabetismo. Ao lado dos esforços de universalização do ensino, a erradicação do analfabetismo de jovens e adultos e sua conseqüente integração à escola regular, tem sido uma preocupação.

Na verdade, tão logo Icapuí se transformou em município, o problema começara a ser atacado. As professoras foram treinadas no método Paulo Freire, e os "círculos de cultura" foram criados. Entretanto, as ações até recentemente desenvolvidas não foram suficientes para construir a autonomia do município no tocante a alfabetização de adultos. As classes funcionaram por períodos intercalados, condicionados a projetos externos que não tinham caráter permanente, o que dificultou a continuidade das mesmas.

Com o atual descompromisso do governo federal com a educação de adultos e como reflexo, o esvaziamento das ações para este setor no plano estadual, coube aos municípios a responsabilidade. Assim, entregues a si próprios, neste setor, os dirigentes municipais buscaram interagir com a Universidade na busca de dar continuidade a um "ideal superior que vê a alfabetização de jovens

e adultos pela ótica do direito público e inalienável do sujeito, resgate da cidadania, promoção humana e participação desses indivíduos na construção de um sociedade justa e solidária".⁹

O Ponto de Partida: A Concepção Político-Pedagógica

Devemos a Paulo Freire muito mais que nos ter propiciado um método de alfabetização. Ele, como diz Ann Berthoff, "nos ensina a olhar -e a olhar novamente- para nossa teoria e prática e para o método que podemos extrair da dialética da relação entre elas".¹⁰

Nos move a crença de que o conhecimento não se constrói na cabeça dos teóricos, dos especialistas em currículo, dos administradores escolares. Assim, buscamos conhecer como os professores desenvolvem o processo de alfabetização em sala de aula, para junto com eles ampliar a concepção da mesma no sentido da produção e legitimação do significado e das experiências vividas. E, como afirma Giroux, "no sentido da construção de uma teoria crítica de alfabetização, que desenvolva práticas pedagógicas nas quais, na luta por compreender [a vida de cada um, reafirme e aprofunde a necessidade de os professores e os alunos recuperarem suas próprias vozes, de modo que possam tornar a contar suas próprias histórias e, ao fazê-lo, conferir e criticar a história que lhe contam em comparação com a que viveram".¹¹

As atividades do projeto supõem um referencial político-pedagógico onde a perspectiva é a conquista hegemônica popular no sentido cultural, político e ideológico que leve a transformação da sociedade. Supõem, assim: "um projeto histórico, uma teoria do conhecimento, a opção por uma concepção de educação e de metodologia".¹² A proposta metodológica ressalta a importância da construção coletiva do conhecimento, do resgate da cultura da comunidade, assim como das experiências de trabalho e de organização popular.

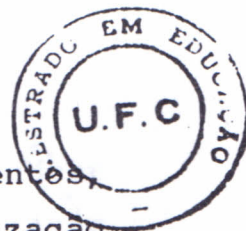
A ação e reflexão consciente e criadora da prática cotidiana

⁹ FURTADO, 1993:3

¹⁰ Berthoff, 1990:xv

¹¹ GIROUX, 1990:15

¹² CEDI, 1990:19



7

leva o grupo aos poucos munir-se de instrumentos, de conhecimentos, métodos e técnicas. Ao mesmo tempo, o processo de alfabetização possibilita os alunos a apropriação do saber ler, escrever e contar, transformados em instrumentos para a compreensão do mundo e possibilidade de ação sobre ele. Isso irá permitir o seu posicionamento como sujeito e cidadão do mundo, pelo uso de uma competência linguística que se expressa na comunicação, pela leitura crítica das normas e regras sociais e pela capacidade de reelaboração do saber instituído.

A Construção Coletiva no Cotidiano do Projeto

Baseados nessas assertivas, iniciamos os encontros com o grupo de professoras e o seu coordenador local. Cinco estudantes da faculdade, dos quais apenas dois eram bolsistas, (os outros realizavam o seu estágio em Educação Popular), integraram-se ao projeto e permaneceram durante todo o ano. Um período de dois meses foi dispendido com visitas à comunidade, quando realizávamos as entrevistas e explorávamos a realidade ao mesmo tempo que íamos nos tornando familiares. Uma base de conhecimento prévio era necessário de ambas as partes. Pensávamos em construir juntos e, confiança e cooperação seriam fundamentais. Uma semana de trabalho intensivo seguiu-se. Discutíamos sobre educação, concepção político-pedagógica, princípios metodológicos, formação de professores, alfabetização, leitura do mundo-leitura da palavra, entre outros assuntos. A grande novidade para as professoras era que não trazíamos um método no qual elas deveriam ser treinadas. Combinamos que nossas reuniões seriam semanais e que conversaríamos sobre a prática de sala de aula, através dos relatos verbais (depois os relatos escritos começaram a ser elaborados) das professoras, que seriam discutidos e refletidos por todos. Assim se deu durante todo o ano. Recorriamos a textos teóricos para fundamentar as reflexões, algumas dinâmicas foram utilizadas e oficinas, exploravam aspectos da experiência que necessitavam ser melhorados ou reestruturados. Ao mesmo tempo, visitas às salas de aulas se davam semanalmente durante todo o

primeiro semestre, onde os alunos participavam e podiam acompanhar de perto o trabalho da professora. Programas da rádio comunitária se encarregavam de promover a motivação e animação das comunidades. Os programas eram elaborados pela equipe de cultura do município juntamente com as professoras, e aconteciam numa escala de revezamento entre as comunidades. Consistia de um carro volante que realizava ao vivo a programação participativa. Dois outros encontros de uma semana intensiva, se deram no meio e no fim do ano, com o mesmo caráter do primeiro, tendo desta feita, chegado a um maior aprofundamento. A essa altura contávamos com mais uma professora da faculdade, convidada a trabalhar mais especificamente a psicogênese da leitura e da escrita.

O cotidiano era o ponto de partida e de chegada. O resgate da identidade profissional do educador e a importância dada a sua contribuição na construção da proposta de alfabetização, levava a uma gradativa e consciente concretização da mesma, junto aos educandos. O trabalho de estímulo a capacidade de pensar a própria prática e poder concretizá-la com autonomia e liberdade produzia avanços visíveis tanto dos educadores quanto dos educandos.

Os resultados obtidos até o momento, apontam para a produção crítica de conhecimentos relevantes e significativos por parte das professoras, que as tem levado a compreensão e transformação da realidade social. Aos poucos o município vai se tornando autônomo na condução do processo de erradicação do analfabetismo. Este ano, o grupo de professoras com a ajuda do coordenador local, realiza as reuniões de reflexão da prática, quinzenalmente, contando com a nossa presença apenas uma vez por mês. No que tange aos alunos, tem-se constatado a apropriação da leitura e da escrita, processo que vem se dando de forma gradual e efetiva. Uma outra constatação, é que se tem observado uma crescente procura de jovens pelas classes de alfabetização e pós-alfabetização. Um grupo de dezenove jovens pescadores está este ano, sendo preparado para se reintegrar ao ensino regular. O grupo do projeto tem entabulado conversações e até mesmo exercido pressão junto a

visão idealista da relação conhecimento - transfer- (crítico)



Secretaria de Educação municipal no sentido de criar no ensino noturno uma classe regular para absorver os alunos dessas classes.

Em termos numéricos, o resultado no final de 1993, foi de 497 alunos atendidos em classes de alfabetização, capazes de ler e escrever em diferentes graus de dificuldade, e 247 em classes de pós-alfabetização. Estes últimos, na verdade, são os que podemos considerar terem superado as dificuldades iniciais próprias do processo. Como o projeto de alfabetização de jovens e adultos tornou-se permanente, é esperado que os alunos permaneçam até a superação de suas dificuldades, e, para aqueles que pretendem, até sua futura integração ao ensino regular.

Conclusão

O projeto apresentado neste trabalho é apenas um exemplo que vem confirmar a tendência a se reconhecer que, a universidade tem buscado produzir conhecimento significativo, de qualidade que possa efetivamente contribuir ao aperfeiçoamento das práticas educativas desenvolvidas nos programas de educação de jovens e adultos, buscando compreender o fenômeno e trabalhando com as professoras na reflexão de sua prática no sentido de promover ações transformadoras.

O que se tem feito em Icapuí na alfabetização de jovens e adultos, como um processo que implica a releitura do mundo, tem sido especialmente, a partir da pesquisa, promover a dinamização e atualização dos círculos de cultura existentes e sua progressiva inserção numa metodologia crítica dialética.

Os princípios e diretrizes para este processo educativo partiram da compreensão do contexto sócio-econômico-político e cultural, tanto dos educandos quanto das próprias educadoras inseridos nesse processo, e inspirado na capacidade de o sujeito construir o conhecimento pela interação com os outros e com o mundo. A tentativa de adaptar a operacionalização do processo de escrita e leitura a partir da contribuição da psicogênese, tem se dado lentamente e com algumas dificuldades, dada a formação e prática das professoras terem sido fortemente marcadas pela

→ O sentido de transformações da realidade ?

utilização do método silábico.

Entretanto, persegue-se o objetivo de partir das experiências e conhecimentos das professoras para aos poucos ir construindo com elas uma proposta de alfabetização para jovens e adultos, que conduza ao resgate da cidadania, a promoção humana e a participação de uma sociedade justa e solidária.

Referências Bibliográficas

BERTHOFF, Ann E.- Prefácio In: FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo - Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. São Paulo/Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

BORDAS, Merion Campos- Educação Básica, Alfabetização e Contribuição da Universidade. In: Para uma Política Educacional da Alfabetização. Campinas, Papirus, 1991.

CEDI-Educação de Jovens e Adultos: subsídios para elaboração de políticas municipais. Rio de Janeiro/São Paulo, CEDI, 1990

FURTADO, ELIANE- Plano de trabalho do projeto : Educação de jovens e adultos de Icapuí. Fortaleza, FAGED, 1993 (mimeo).

FREIRE, P. e MACEDO, D.- Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

GIROUX, H.- Alfabetização e a pedagogia do *empowerment* político. In: FREIRE e MACEDO- Alfabetização: leitura do mundo , leitura da palavra. São Paulo, Paz e Terra, 1990

HAGUETTE, André, OLINDA, Ercília e LOIOLA, Fº Antonio- Icapuí: um projeto de cidadania. Fortaleza, FAGED, 1992 (mimeo).

HARA, Regina- Alfabetização de Adultos: ainda um desafio. Rio de Janeiro, CEDI, 1988.

INEP- Tendências na Educação de Jovens e Adultos- Em Aberto, ano 11, nº 56. Brasília, INEP, 1992.

JOIA, Orlando (coord.)- Metodologia da Alfabetização: pesquisas em educação de jovens e adultos. Campinas, Papirus, 1992.

SESU/MEC- Programa Integração da Universidade com a Educação Fundamental, 1993.

A formação de cidadania, a promoção humana, a participação na construção de uma sociedade justa e equitativa de sustentabilidade

ANEXO II

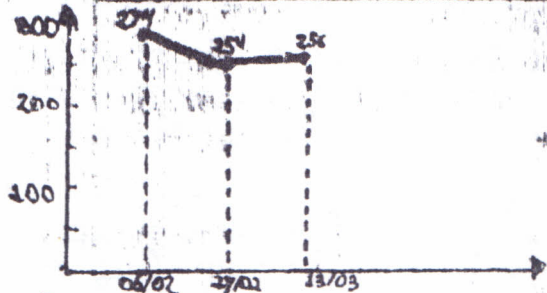
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO E APOIO PEDAGÓGICO
EDUCAÇÃO DE ADULTOS

AVALIAÇÃO DOS CÍRCULOS DE CULTURA

1. Dados estatísticos:

- a. De 1986 a 1991, foram realizados vinte e cinco círculos de cultura, atingindo uma faixa de 750 jovens e adultos.
- b. Em 1992, foram previstos 12 círculos e realizados apenas 5 círculos, atingindo uma faixa de 93 jovens e adultos.*
- c. Em 1990, o percentual de analfabetos no município era de 29,47%. Atualmente não existe dados.
- d. Para 1993, 07 círculos já estão em funcionamento e dois aguardam condições:
 - . Quitérias, por falta de capacitação. A previsão de início é 15.03.
 - . Retiro Grande, aguarda que sejam providenciadas as lâmpadas. Está acompanhando o círculo de Redonda.
- e. A previsão de atingidos no 1º semestre de 1993 é de 250 alfabetizando.

2. Quadro de evolução de matrícula no 1º semestre de 1993.



- a. O Nível de frequência não é igual ao número de matrículas.
- * b. A evasão pode estar relacionada à infra-estrutura dos locais, à ausência de material didático, à demora em iniciar, às ocupações profissionais dos alfabetizando (pescadores)

c. Há uma queda de números do início de Fevereiro para a primeira quinzena de Março, todavia, considera-se previsto, já que é um período de definição da nucleação.

3. Círculos em funcionamento:

BN/UFG

a. Norro Pintado:

Animadores: Lourdes e Audélice (dada)
Nº de alunos: 25

b. Barreiras:

Animador: Marleide
Nº de alunos: 08

c. Redonda:

Animadores: Maria Francisca e Maria aparecida
Nº de alunos: 59

d. Ibicuitaba:

Animadores: Francisco e Mazé
Nº de alunos: 30

e. Icapuí:

Animadores: Francisco e Vanda
Nº de Alunos: 32

f. Ponta Grossa:

Animadores: Lucio
Nº de alunos: 10

g. Nelancias :

. Animadores: Auzinélis e madalena
Nº de Alunos: 30

4. Considerações Pedagógicas:

- a. Há círculos que são mistos: tem a participação de pessoas já alfabetizadas em círculos anteriores. Duas coisas são observáveis: uma é positiva, os alfabetizados cooperam no processo dos não alfabetizados e até dinamizam. Outra é negativa, a dificuldade de trabalhar os níveis diferentes em conjunto. As atitudes tomadas tem sido separar os níveis, ou aplicar atividades diferenciadas. Os círculos que encontram esse problemas já estão se organizando.
- b. Os alfabetizandos já demonstram sinais de descoberta das diferenças e semelhanças entre palavra-escrita e palavra falada. Existe preocupação em acolher os estágios de alfabetização de cada aluno.
- c. Em princípio, os erros ortográficos e linguísticos não são avaliados como tal. São encarados como etapas e/ou parte da aprendizagem. Os educando tem espaço para "sozinhos" descobrirem seus próprios "erros" e crescem com a experiência.
- d. O Universo de temas e palavras geradoras já construídas evidenciam a realidade adjacente ao círculo, em traços culturais do município e/ou da realidade nacional. A construção de texto se dá em grupo, quase sempre, e a partir dos educandos.
- e. Há, no entanto, traços de um certo atropelo do processo pedagógico em alguns círculos. Isso se dá nos que tem pouca experiência, o que é comum por enquanto.
- f. Alguns círculos não conseguem ainda fazer bem a integração vida-ensino, leitura da palavra-leitura do mundo; esse aspecto transparece nos relatórios da experiência em sala de aula.
- g. O Trabalho com palavras, sílabas, famílias tem sido feito, mas perduram as dificuldades fonéticas.
- h. Existe o risco da aplicação da pedagogia comum e não a Educação libertadora.
- i. Há círculos introduzindo os símbolos matemáticos. Vale ressaltar que o método usado ainda não é o mais feliz em relação aos círculos e seus objetivos. Faz-se necessário novo momento de capacitação quanto ao ensino da matemática.

5. Considerações Didáticas:

- a. O teatro de bonecos, musiquinhas, etc., são alguns recursos já utilizados.
- b. O material didático ainda não chegou a todos os círculos em detrimento da qualidade de ensino.
- c. Datas comemorativas tem sido trabalhadas dentro da sala de aula.
- d. A infra-estrutura dos locais não tem colaborado para a qualidade da aprendizagem.
- e. Os recursos comuns são os mais utilizados, tipo giz, quadro-verde, roscortes, etc., não havendo, pelo que parece, aplicação de dinâmicas.
- f. Em certos círculos, os alunos falam de cartilha, de dever de casa, de aprender matemática, ciências e Estudos sociais.
- g. Pode ser também que as evasões sejam por conta do estilo, de como se faz acontecer os círculos. Por outro lado, é verdade que existe educandos perseverantes, indo às aulas ainda que muito cansados.
- h. O professor tem procurado fazer o papel de "parteira" acolhendo o processo de auto-formação dos educandos, ajudando no registro das palavras, frases, colaborando na construção da aprendizagem.
- i. As motivações dos debates se dão, em sua maioria, via questionamentos diretos do animador aos educandos.
- j. A utilização de cartilhas, revistas, textos já produzidos têm unicamente o objetivo de provocar a descoberta da grafia correta das palavras e ampliar o universo de conhecimento.

6. Considerações Metodológicas:

04/870

- a. O processo de conscientização tem níveis diferentes de círculo para círculo. Uns conseguem trabalhar a criticidade, outros tem dificuldade em gerar debates.
- b. Os debates em sua maioria acontecem via animador que introduz o tema, com a preocupação de ser uma construção coletiva e maiêutica. Muitas vezes, os planejamentos são modificados devido os educandos trazerem para a sala discussões diferentes ao que o animador preparou.
- c. Os temas vão desde problemas específicos da comunidade aos problemas do país.
- d. Há círculos que o "aprender a ler e escrever" parece ter mais evidência que o "aprender a ler a realidade". Outros, o inverso.
- e. Alguns animadores colocam como dificuldade a pouca habilidade em coordenar debates. O trabalho de dois professores no mesmo círculo tem colaborado para amenizar esse problema.
- f. Quanto à criticidade dos animadores fica a preocupação com a Ibicuitaba. Reclamações de moradores e diretores tem chegado à Secretaria, questionando a capacitação e o nível político do animador.
- h. A efetivação de uma educação libertadora encontra-se em constante tensão com a práxis comum. Os debates também deixam claro isso, principalmente porque há alunos que não se motivam para refletir.

7. Atuação da Secretaria de Educação:

- a. Os encontros de animadores trazem à tona frequentes reclamações no que se refere à não agilização de problemas de infra-estrutura, material didático, transportes, etc.
- b. Reclamações quanto a receptividade dos assessores e dos professores e em relação ao acompanhamento dos círculos.
- c. No último dia 27.03 (Encontro de Animadores) levantou-se questões como: "A Secretaria de Educação não está interessada com os círculos de cultura".
- d. Os professores solicitam pagamento retroativo a Janeiro, incluindo cursos e trabalho-pesquisa para levantamento e motivação, como horas de trabalho, e pagamentos dos encontros de avaliação e planejamento, além dos vale-transportes (Tickets).
- e. Há tempo é solicitado esquema de transporte para os animadores de Ponta-Grossa e Retiro Grande.
- f. Desinformação da Secretaria de Educação acerca do que acontece nos círculos (16,17/03).
- g. A coordenação dos Círculos de Cultura está sendo assumida agora pelo Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico e quem coordena é o CLOTE NIR DAMASCENO RABELO.
- h. O Material didático está sendo encaminhado e os problemas de infra-estrutura estão sendo resolvidos lentamente, dado ser função de outro departamento.
- i. Está sendo montado o PROJETO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, visando custeio dos círculos para 1993.
- j. Um esquema de visitas aos círculos está sendo ^{elaborado} projetado pela coordenação, na tentativa de dar um apoio pedagógico e de detectar alguns entraves que possamos solucionar.
- l. A passagem do antigo coordenador para o atual não foi suficientemente estendida aos animadores, mas foi acolhida. (Salvo o questionamento de FRANCISCA, que deu início a conflito entre animadores, acerca da Coordenação do CLOTE NIR)
- m. O Secretario de Educação procura acompanhar os encontros dos animadores.

8. Atuação dos Monitores da U.F.C.

- a. A presença é animadora e orientadora dos círculos a nível pedagógico e didático, além de ser espontânea e não remunerada.
- b. Os monitores procuram visitar periodicamente os círculos, a título de observação e avaliação do seu funcionamento.
- c. Os encontros são momentos de formação, informação, de troca de experiências, avaliação e planejamento. Contribuem para o crescimento e aperfeiçoamento dos círculos.
- d. A atuação de Eliane é notável. Habilidade em coordenar, sensibilidade, capacidade de encontrar caminhos para amenizar dificuldade, avaliação, discussão e projeção dos entraves.
- e. Os outros monitores atuam a nível de observação, registro das exper

- f. A FAGED-UFC , dado o acompanhamento necessário e especialização, acaba por inibir a atuação da Coordenação- SEDUC, que fica reduzida a resolver problemas estruturais junto à SEDUC.
- g. Há necessidade de definir o papel específico da Coordenação-SEDUC.
- h. A Atuação dos monitores projeta a formação de lideranças capazes de dar continuidade ao processo, num estágio posterior ao atual.

XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX

Clotenir Damasceno Rabelo
COORDENADOR

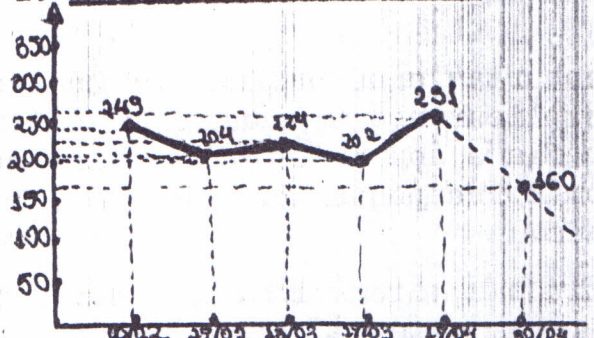
EDUCAÇÃO DE ADULTOS

AVALIACÃO DOS CÍRCULOS DE CULTURA

1. Dados estatísticos:

- a. Em 1993, 09 círculos foram pensados para o 1º semestre. No momento, 08 círculos estão abertos.
- b. Nesta última semana, dois círculos estão praticamente parados:
 - . Redonda, provisoriamente, por conta da Escola. Está em reforma e na há outra espaço.
 - . Barreiras, pelo afastamento praticamente completo dos educandos, justificando doença e o período de pesca.
- c. O Círculo de Quitérias não teve início neste semestre.

2. Evolução de Matrícula:



- a. O Número de frequentadores sofreu uma forte queda no início de Abril em virtude do começo da pesca da Lagosta.
- b. O quadro retrata especificadamente as matrículas. A frequência real é reduzida.

- c. O círculo de Ibicuitaba sofreu grande evasão, muito por conta do atrito constante entre professores, e pouco por conta da pesca. Redonda teve o número reduzido a 50 % dos que frequentavam.
- d. As matrículas sofreram pequena aumento em virtude do início do círculo de Mutamba, com 28 educandos (jovens e adultos), dos quais 20 não tinham noção de leitura e escrita. O Círculo inciou no dia 29 de Março.
- e. No final do mês de Abril o número de frequentadores está por volta dos 160 num total geral. Isso significa que a evasão chega a um total aproximado aos 37% do total anterior.

3. Círculos em funcionamento:

- 1. Retiro Grande: 30 alunos
- 2. Ponta Grossa : 10 alunos
- 3. Icapuí: 22 alunos
- 4. Ibicuitaba: 5 a 7 alunos
- 5. Morro Pintado: 25 alunos
- 6. Melancias: 10 a 15
- 7. Mutamba: 28 alunos

Obs: Os números referem-se à semana posterior ao dia 17. Há possibilidade de redução. O Número de Ponta Grossa e Retiro GRANDE é baseado no último relatório e, segundo a Diretora da Escola desta região o círculo também teve evasão por conta da pesca.

Considerações Pedagógicas

- a. Em primeiro plano, os relatórios das experiências evidenciam que todos os círculos trabalham com níveis diferentes, ou seja, os educandos se dividem em dois grupos: os que iniciaram sem nenhuma experiência de leitura e escrita, e os que já haviam passado por alguma experiência de alfabetização.
- b. Independente da diferença de níveis, é visível o avanço dos educandos na conquista da leitura e da escrita, mas, é claro, há desigualdade na aprendizagem.
- c. Os níveis são trabalhados com tarefas diferenciadas e momentos coletivos de discussões e atividades.
- d. Os temas e palavras geradoras em alguns círculos não apresentam claramente uma fundamentação concreta ou não nascem contextualizadas no grupo, em prejuízo da proposta pedagógica que se quer efetivar.
- e. Em outros círculos descobre-se marcas da realidade histórico-cultural-social do meio em que vive os educandos a partir dos textos coletivos e palavras e temas geradores. Estende-se também à realidade mais ampla, nacional e mundial.
- g. As palavras continuam sendo descobertas e os professores acabam por encontrar dificuldades de como explicar aos educandos as diferenças entre a grafia e o som (mesma grafia e som diferentes, mesmo som e grafia diferentes, grafia sem som correspondente, etc.). A linguagem tem sido a área mais trabalhada.
- h. Os animadores continuam introduzindo a matemática, mas a partir das experiências que eles tem. Procuram também acolher o jeito dos educandos lidarem com os problemas matemáticos. A aula de matemática do professor Barbosa veio colaborar para este aspecto.
- i. Estão mesclados claramente dois tipos de alfabetizar num só momento: O modelo tradicional e o que nos propomos, o novo e o velho. Há círculos que consegue dar condução à proposta dos círculos, outros vivem o processo de passagem e outros parecem utilizar os métodos tradicionais.
- j. Duas preocupações são: o círculo de Ibicuitaba devido o atrito das animadoras e dificuldade em aplicar a metodologia dos círculos. No entanto, após a supervisão, tem melhorado a relação das animadoras e Mazé faz um esforço pessoal grande para encaminhar o processo de alfabetização cfe. nos propomos. É interessada e tem vontade de crescer neste sentido.
- l. A outra preocupação é o círculo de Icapuí devido o relatório de experiência demonstrarem determinado distanciamento da prática dos círculos de cultura. Em visita de supervisão esta coordenação sentiu algumas coisas a serem melhor observadas e discutidas:
 - Em princípio, notadamente o círculo de Icapuí trabalha desde o início com níveis diferentes, o que contradiz as animadoras. Os educandos dizem já haver tido experiência alfabetizadora e a professora também fala isso. No entanto essa experiência parece ter sido insuficiente para alguns.

- As aulas não parecem ter planejamento e objetivo. As animadoras deixam transparecer uma descontinuidade e a ausência de uma linha de condução durante a aula; acrescenta-se a isso o visível desencontro das animadoras.
- Há ligeira ligação maior com os que estão em estágio superior de alfabetização em detrimento dos que tem maior dificuldade e supostamente começaram zerados. Na verdade, parece que a não aplicação de tarefas diferenciadas para acompanhar os níveis (porque a professora insiste em afirmar "todos começaram zerados") acaba por atropelar o processo e prejudicar ambos.
- Esta coordenação questiona até que ponto é positivo o redízio das professoras, a lotação de Francisca em Escolas diferentes etc.

5. Considerações didáticas:

- a. Não há, necessariamente, inovações. Os círculos utilizam principalmente instrumentos e material didáticos comuns.
- b. Alguns pensam em utilizar TV e programas para compensar os desejos de educandos mais jovens, a título de motivação, e gerar debates acerca do papel dos MCS, adaptando para uma discussão crítica.
- c. Os educandos constroem maquete do município com material alternativo. É ao mesmo tempo dinâmica, criatividade e estratégia de motivação.
- d. Aspectos culturais, comemorações, acontecimentos, estão sendo aproveitados no plano dos círculos como fonte de estudo e reflexão.
- e. O material utilizados com alunos para dinamizar aulas é confeccionado pelos professores, mas não parecem tornar as aulas mais atraente em alguns círculos. Fica a preocupação de como trabalhar duas faixas-etárias num mesmo círculo, ou como motivar os jovens.
- f. O círculo do Ibicuitaba prende-se muito a atritos entre alunos e o comportamento em sala de aula, bem como problemas específicos de cada um, e tem dificuldades de direcionar esses problemas para a aprendizagem.
- g. O Vídeo cassete tem sido utilizado para demonstrar experiências de outros círculos, e motivar assim debates em sala de aula. *trude?*

6. Considerações metodológicas:

- a. Não é certo afirmar que todos os círculos fazem a necessária integração entre o processo de conscientização e o processo de aprendizagem, o que é peculiar aos círculos.
- b. Os relatos enfatizam muito mais a escrita, a leitura, a grafia, a fonética, enfim a linguagem, mais não se põe em discussão o nível de reflexão, a conscientização, a criticidade em que se encontram os educandos.
- c. A gestação de uma consciência crítica participativa se configura em alguns círculos. Os textos coletivos, temas e palavras geradoras incorporam, ainda que parcialmente, as experiências concretas dos educandos.
- d. No que se refere aos objetivos dos círculos de cultura, a partir dos relatos, apenas o círculo de Morro Pintado chega mais próximo.

e. O aspecto da formação da consciência crítica e do educando eo o sujeito de sua história e portanto participante, ativo, com responsabilidade no mesmo tempo que dá a ele condições para a leitura e o que dita e domínio de línguas não aparece muito nos círculos de Ibicuitaba e Icapuí.

f. As palavras geradoras, às vezes, não nascem do grupo, da reflexão dos educandos. São elaboradas pelos professores.

7. Atuação da Coordenação da Secretaria de Educação de Icapuí:

a. A coordenação tem procurado agilizar as resoluções dos problemas de infra-estrutura, a distribuição de material didático, o pagamento de transporte para os animadores nas reuniões quinzenais.

b. Permanece o problema da dificuldade de coordenação por presença nos círculos, a título de acompanhamento. O Coordenador está agiliando de uma forma de estar mais livre para poder fazer funcionar as visitas. Perdurem, no entanto, a dificuldade com transporte.

c. O pagamento retroativo solicitado pelos animadores foi discutido junto ao Secretário de Educação. A decisão foi pedir aos animadores a compreensão em relação a situação econômica crítica do Fundo Municipal de Educação, e aguardar o fim do período, e se discutirá uma compensação. O pagamento dos planejamentos quinzenais estão em discussão.

d. O círculo de Retiro Grande já está funcionando, desde o recebimento das lâmpadas. A coordenação tem dificuldade de manter contato com os círculos de Ponta Grossa e Retiro grande, dado a distância e as dificuldades de acesso.

e. A coordenação está solicitando aos animadores relatórios com amostras dos textos construídos e palavras geradoras. Os animadores não tem contribuídos, salvo Morro Pintado e Melancias.

f. Permanece o problema com Edvanda que insiste em receber pagamento, quando ficou decidido que todos que não tem vínculo com a Prefeitura iriam aguardar recursos do projeto.

g. A Coordenação tem alguns limites no trabalho com alguns monitores, principalmente quanto a coordená-los.

8. Atuação da UTC:

a. Os monitores tem feito visitas constantes aos círculos que se encontram em dificuldades, a saber Ibicuitaba e Icapuí. A Primeira, quanto à crise entre os professores e a segunda quanto ao método.

b. A Equipe é bastante articulada quanto ao funcionamento dos círculos nos seus problemas, ao andamento de cada um deles. Vale ressaltar que a equipe tem mais informações e acesso que a coordenação em Icapuí. A Supervisão é deveras notável.

c. Existe uma preocupação grande com o andamento dos círculos, com a qualidade deles, com o fato de eles estarem ou não atingindo os objetivos.

d. A Presença quinzenal acontece regularmente, encaminha dificuldades, planeja acontecimentos, colhe informações, avalia, permite a formação constante dos animadores.

1993.3

Cara Eliane,

Para melhor encaminhamento no que se refere aos círculos de cultura, segue algumas considerações importantes em relação à situação dos círculos nos dias anteriores à última reunião do dia 04.06 pelo relatório e outras considerações nesta carta acerca de como estão os círculos durante o mês de junho.

1. A estabilidade dos círculos quanto à frequência não foi aquilo que prevíamos no relatório que segue. Nestes primeiros quinze dias de junho todos menos um dos alunos de ponta grossa mudaram para Canoa Quebrada, ficando D. Luzia impossibilitada de continuar. Não encontramos uma saída para o problema. Barreiras não conseguiu reativar seu círculo. Ibicuitaba que teve retorno de alguns, acabou por perdê-los novamente. As professoras ainda tem problemas de relação. Os outros continuam, mas com poucos frequentadores.

2. Na última reunião o grupo decidiu parar as aulas em virtude do período de férias, para avaliar, em caráter de recesso. Ficou em aberto a decisão, tanto que alguns círculos, a pedido dos alunos, estão continuando. Ultimamente, tenho articulado com os círculos que iriam parar no dia 25.06 para continuarem até dia 02.07, no sentido de aguardar sua orientação.

3. Partilho com você minhas preocupações e minhas "angústias" em relação à grande evasão dos círculos e pelo fato de não sentir muito que os resultados tenham sido tão promissores. Importa já se preocupar com a 2ª etapa, com a periodicidade, com a adaptação à realidade de Icapuí, com as questões metodológicas, com os professores, com os destinatários da alfabetização, com a continuidade do processo dos que iniciaram no 1º semestre.

Ademais aguardamos sua presença no dia 03.07 para nos ajudar a avaliar.

Um abraço amigo,


CLOTENIR DAMASCENO RABELO

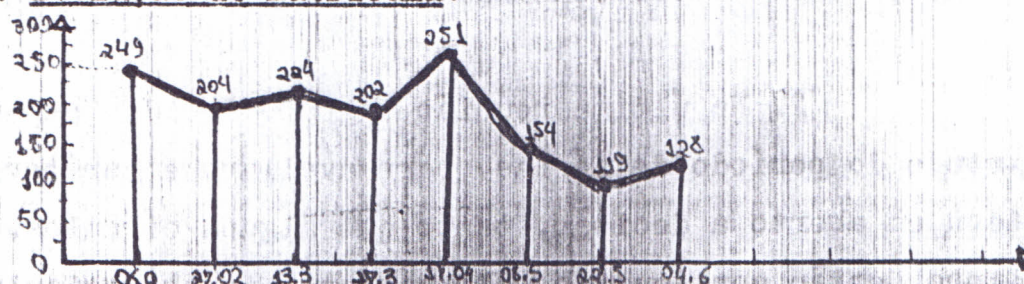
AValiação dos círculos de cultura

Período de 01 de Maio a 06 de Junho/93

1. Dados estatísticos:

- a. Dos 09 círculos iniciados no 1º semestre, 08 continuam em funcionamento. O círculo de barreiras sofreu grande evasão, e, mesmo com programa da rádio e visitas de motivação a animadora não conseguiu reativar.
- b. O círculo de Redonda que estava parado por conta da reforma da escola, já foi reativado e teve uma sensível melhora quanto à presença.
- c. O círculo de melancias que antes tinha dificuldades com a evasão dos 15 frequentadores por problema de distância, teve seu número equilibrado.
- d. D. Luzia, Ponta Grossa, que estando desmotivada pensava em fechar o círculo, resolveu continuar devido o retorno de alguns alunos.

2. Evolução de matrícula:



- a. O Mês de maio significou o período de maior evasão para os círculos de cultura. A Redução foi grande em todos os círculos e hoje podemos contar com um total aproximado de 128 educandos.
- b. Naturalmente o número nos círculos nesta última etapa começou a estabilizar-se, com uma pequena variação referente ao retorno de alguns alunos após nova visita e motivação.
- c. A Evasão, segundo os animadores se deu por razões diversas: fim do período do defeso, atração dos divertimentos, distância da escola para lugar onde moram, trabalho em outra comunidade, cansaço no final do dia, etc..
- d. No final de Maio, os círculos que não tiveram seu número estabilizado, sofreram pequeno aumento de presença ou parou como é o caso de barreiras. Para a animadora, os adultos de barreiras de cima não se motivam de forma nenhuma a estudar. Talvez barreiras de baixo tivesse acolhido melhor a alfabetização. A sugestão é que na próxima etapa se instale um círculo na comunidade logo acima citada.
- e. O mesmo caso tem Ibicuitaba e Melancias. Grande parte dos alunos de Ibicuitaba são de Olho d'água, que segundo informações tem grande número de analfabetos. Deixaram de vir por causa da distância. Melancias tem maior parte dos alunos de melancias de cima. Por causa da distância quase que todos os alunos evadiram. É necessário pensar nestas dificuldades na próxima etapa.

3. Círculos em funcionamento:

- a. Retiro Grande: 11
- b. Ponta Grossa: 08
- c. Redonda: 35
- d. Barreiras: -
- e. Serra de Mutamba: 21
- f. Icapuí : 15
- g. Ibicuitaba: 06
- h. Morro Pintado: 18
- i. Melancias: 13

4. Considerações pedagógicas:

- a. É importante ressaltar que a prática pedagógica que se quer efetuar nos círculos de cultura não parece aparecer nitidamente em todos os círculos. Essa consideração muito já foi comentada.
- b. Os círculos que parecem parcialmente caminhar na linha condutora do projeto são os de Morro pintado, Melancias e em parte Redonda e Mutamba. Nos outros não se sente mudança sensível na forma de alfabetizar.
- c. Como já se comentou, os círculos em seus relatórios dão grande ênfase a escrita, à leitura, à matemática, em detrimento do aspecto conscientizador e formador do cidadão.
- d. Quanto à aprendizagem alcançada, é importante dizer que há um grande descompasso no processo de conquista da escrita e da leitura. O fato se dá porque os círculos tinham em seu quadro de educando, pessoas de níveis diferentes. Acrescente-se a isso que alguns, mesmo começando completamente analfabetos, conseguiram evoluir consideravelmente em relação aos outros, acabando por sobressair-se no círculo.
- e. A concepção de que os dois níveis iriam colaborar com a aprendizagem de ambos não funciona para todos os círculos. Há experiências que apontam alguns entraves como: intimidação dos mais "atrasados" por conta da evolução dos outros, afastamento de pós-alfabetizando do círculo porque não queriam repetir o que já estudou, entre outras.
- f. Das dificuldades no processo de alfabetização são comuns coisas como: escrever e não saber ler, ler e não saber "juntar" as palavras quando escreve, desconhecimento dos fonemas, dúvidas com as letras do alfabeto.
- g. Muitos círculos tem pessoas que já conseguem escrever e ler frases e textos. Há os que lêem apenas palavras ou que lêem apenas frases. Há também alguns que encontram dificuldades como as que comentou-se no ponto acima.
- h. A Matemática tem sido trabalhada, principalmente porque há muito interesse dos alfabetizando em aprender a matemática, muito mais que aprender a ler e escrever. A ciência também tem sido aplicada, especificadamente em Melancias e tem colaborado para melhorar até a relação nas famílias.

5. Considerações didáticas:

- a. Dos recursos utilizados, poucos são diferentes dos comuns. Os animadores chegam a usar jogos, crâneas, vídeo, técnicas de relaxamento e afetividade, etc.
- b. Os círculos que mais investem na criatividade para melhorar a qualidade da aprendizagem são Morro Pintado e Melancias.
- c. A integração dos professores em sala de aula nos círculos que funcionam com dois animadores é muito positiva, salvo Ibicuitaba, que continua praticamente com os mesmos atritos, e Icapuí que mesmo sem atritos acontece alguns desencontros.
- d. As cartilhas, nesta última fase tem sido muito utilizada para a pesquisa de palavras ou para se reconhecer a grafia certa destas palavras. Há, porém, círculos que se prendem muito à cartilha e por isso fica o medo de ser uma forma de compensar, quem sabe, a aula não planejada.
- e. Os círculos de redonda e melancias trabalham com temas diferenciadas nos momentos de aplicação de atividades ou estudo. Tem sido positivo porque não permite os problemas de intimidação ou aparecimento de uns em relação a outros.

6. Considerações metodológicas:

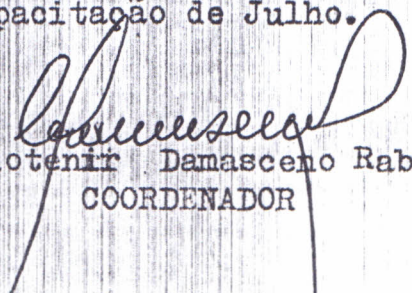
- a. Não se pode dizer com precisão que as palavras geradoras e textos construídos tenham uma relação autêntica com a realidade ou que propiciem a formação e resgate do indivíduo enquanto ele é alfabetizado.
- b. Alguns professores ou acompanhantes dos círculos questionam se a prática de alfabetização foi realmente o que se quis fazer e/ou se seguiu-se o objetivo almejado.
- c. Dos círculos que promoveram o aspecto da consciência crítica e participação, ressalta-se a participação dos educandos nas associações, cooperativas e atuação forte nos debates em classe. Os professores ressaltam que os alunos conseguem opinar nos debates em classe, em sua maioria.
- d. Muitas vezes, a história política da comunidade impede que os educandos tenham mais abertura de participar e, portanto de crescer no aspecto da consciência crítica.
- e. As temáticas são diversas: Ecologia, Trabalho, Mulher, Moradia, Organização Comunitária, Pesca, Terra, etc. Não são todos os círculos que trabalham esses temas.

7. Atuação da Coordenação da SEDUC - Icapuí:

- a. Foram intensificadas as visitas junto aos círculos pela coordenação. Há dificuldades em chegar aos círculos de Retiro Grande e Ponta Grossa.
- b. periodicamente tem sido feito relatórios especificando os resultados quantitativos e qualitativos dos círculos.
- c. No dia 04.06 iniciamos o processo de avaliação do 1º Semestre, com reunião dos animadores dos círculos para avaliar o período referente ao mês de maio. Na ocasião determinou-se que o círculo teria seu término no 1º semestre no dia 25.06 e a avaliação final no dia 30, caso a FACED possa vir nesse dia.

- d. Um questionário foi distribuído aos animadores para se fazer um levantamento dos resultados alcançados no 1º semestre. O questionário enfoca a estatística, os diversos aspectos referentes aos círculos - escrita, leitura, matemática, ciências, didática, consciência crítica gerada etc., - bem como o trabalho de acompanhamento dos supervisores. Este questionário é apenas um instrumento para a avaliação final.
- e. Duas pesquisas estão sendo montadas: uma junto aos trabalhadores das frentes de serviços e outras nas escolas para sentir o número de analfabeto das frentes e de pais de alunos das escolas regulares.
- f. As propostas para a 2ª etapa que já aparecem contempla a possibilidade de novos círculos em comunidades não atingidas como Olho D'água, Melancias de cima, Barreiras de Baixo, Barrinha, Quitérias e Teroba.
- g. Há solicitação para já se definir a data do próximo curso de capacitação para o funcionamento dos círculos da 2ª Etapa.
- h. Quanto aos círculos já existentes fica a preocupação com a continuidade deles ou não. Questiona-se se vale a pena continuar com tão pouco número; e se continuar, vai-se permitir o ingresso de outros da 2ª etapa? ; Se não, como fica os educandos se eles insistem que o círculo se prolongue?
- i. Quanto a problemas estruturais, permanece só o problema da iluminação de Icapuí. A Secretaria de Obras não providenciou o conserto e instalação de lâmpadas no local mesmo com a solicitação do DEAP via 02 ofícios, contatos pessoais e frequentes telefonemas.
- j. As professoras conquistaram o acréscimo de 25 h/a nos seus vencimentos referentes às reuniões quinzenais. O pagamento retroativo não se sabe se vai sair.
8. Atuação da FAGED - UFC:
- a. A presença dos monitores da FAGED - UFC foi reduzida do final de abril para Maio e intensificou-se durante o mês de maio, mas principalmente por conta da greve.
- b. Sentiu-se ligeiro desencontro entre os estagiários e a coordenadora Eliane Dayse. Havia preocupação de maior presença da Coordenadora do projeto.
- c. A coordenadora encaminhou alguns passos para a avaliação do 1º semestre.
- d. Ainda que em greve, sugerimos aos monitores entrar em contato com esta coordenação para articular-se avaliação final da etapa e encaminhamentos do curso de capacitação de Julho.

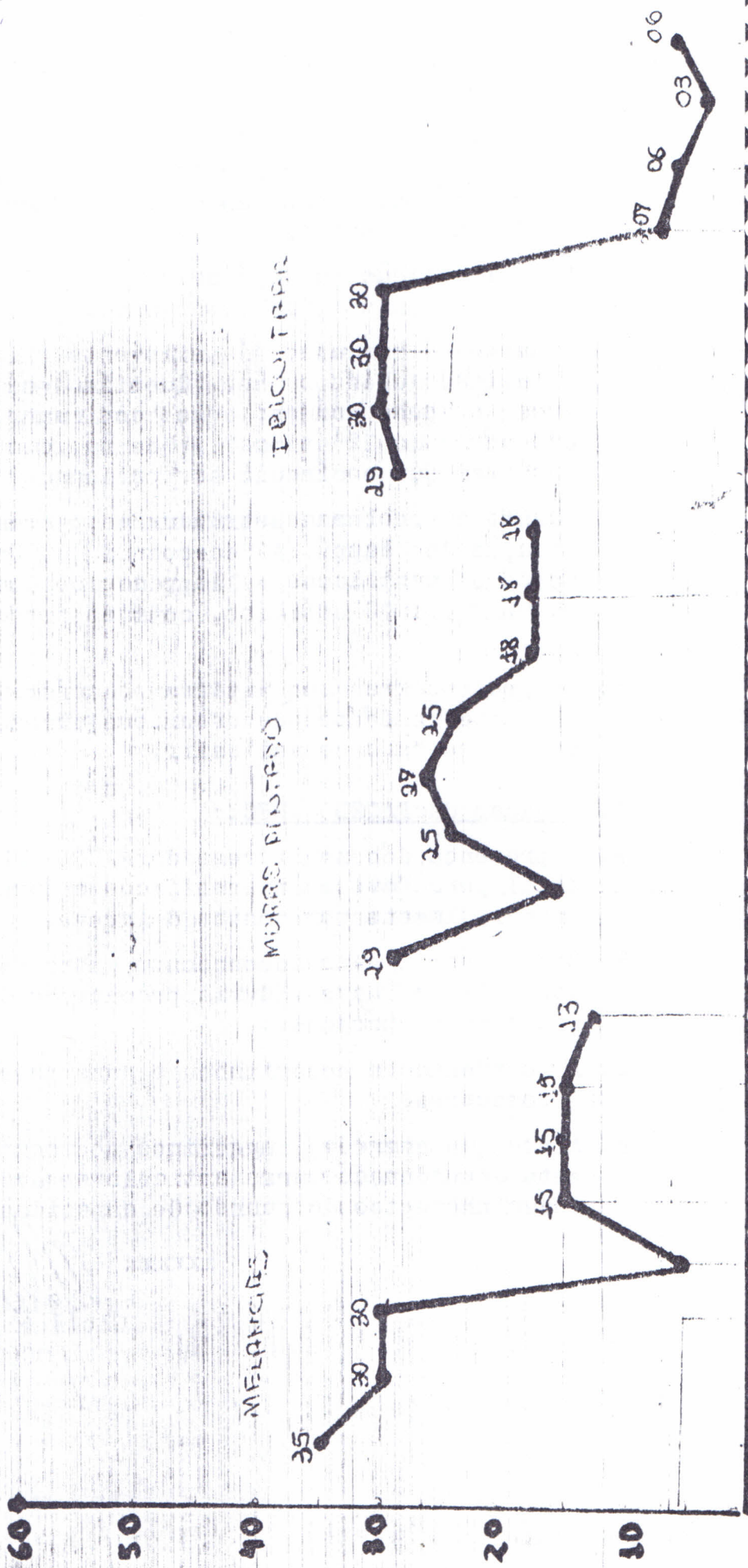
XXXXX


Cloténir Damasceno Rabelo
COORDENADOR

VARIAÇÃO DE FREQUÊNCIA NOS CIRCUÍOS DE CULTURA

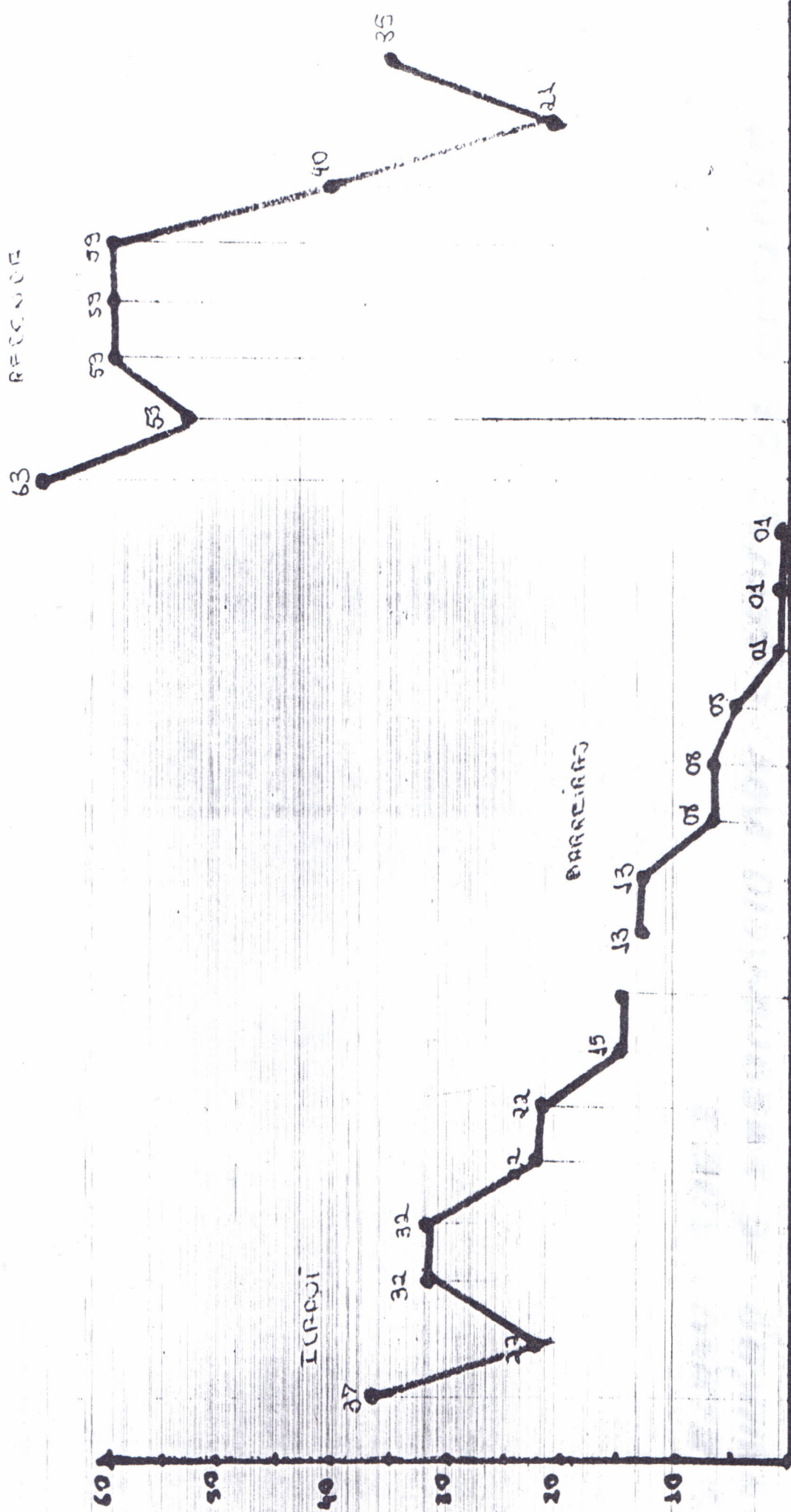
1ª ETAPA - 1993

75

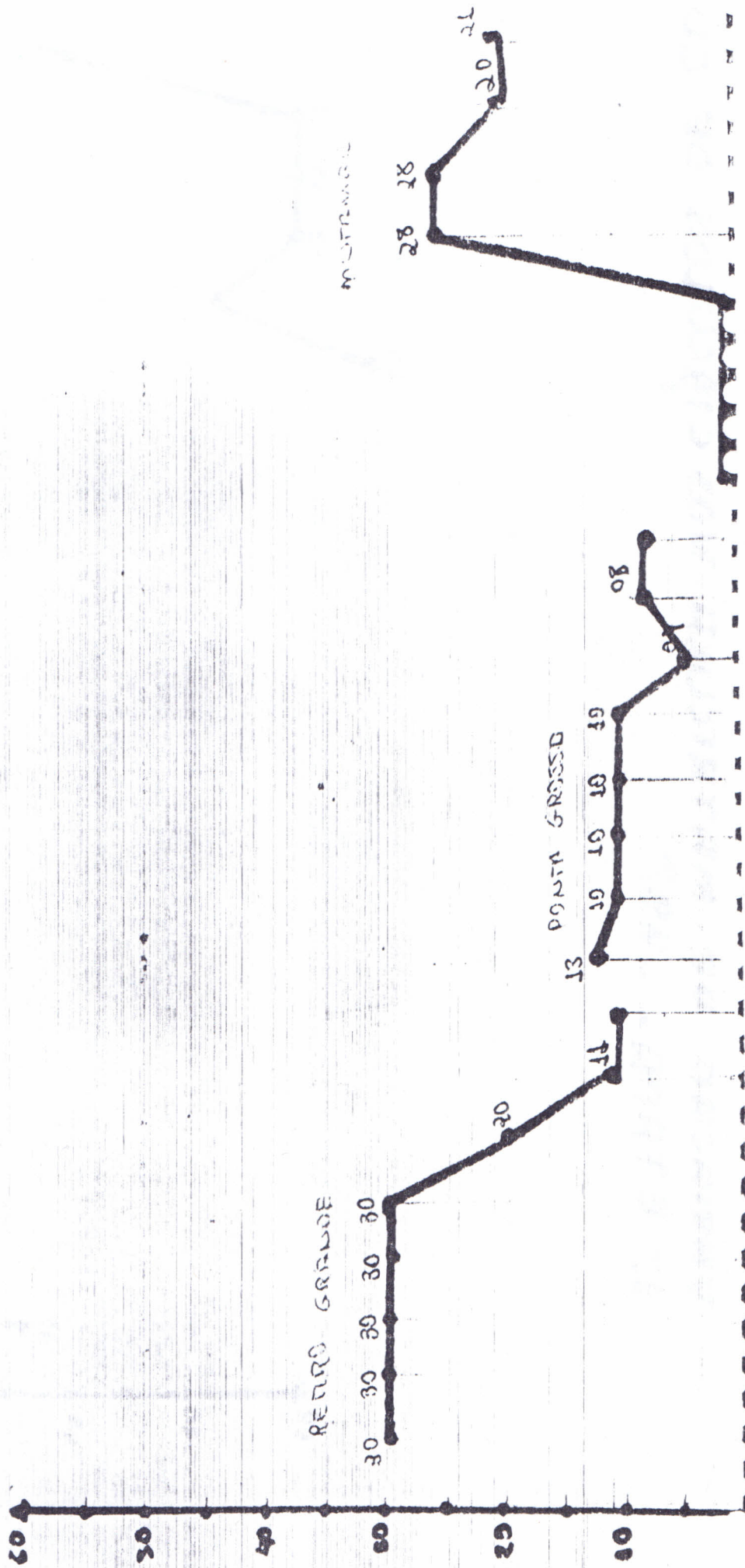


VARIACION DE MATRICULA NOS CIRCULOS DE CULTURA

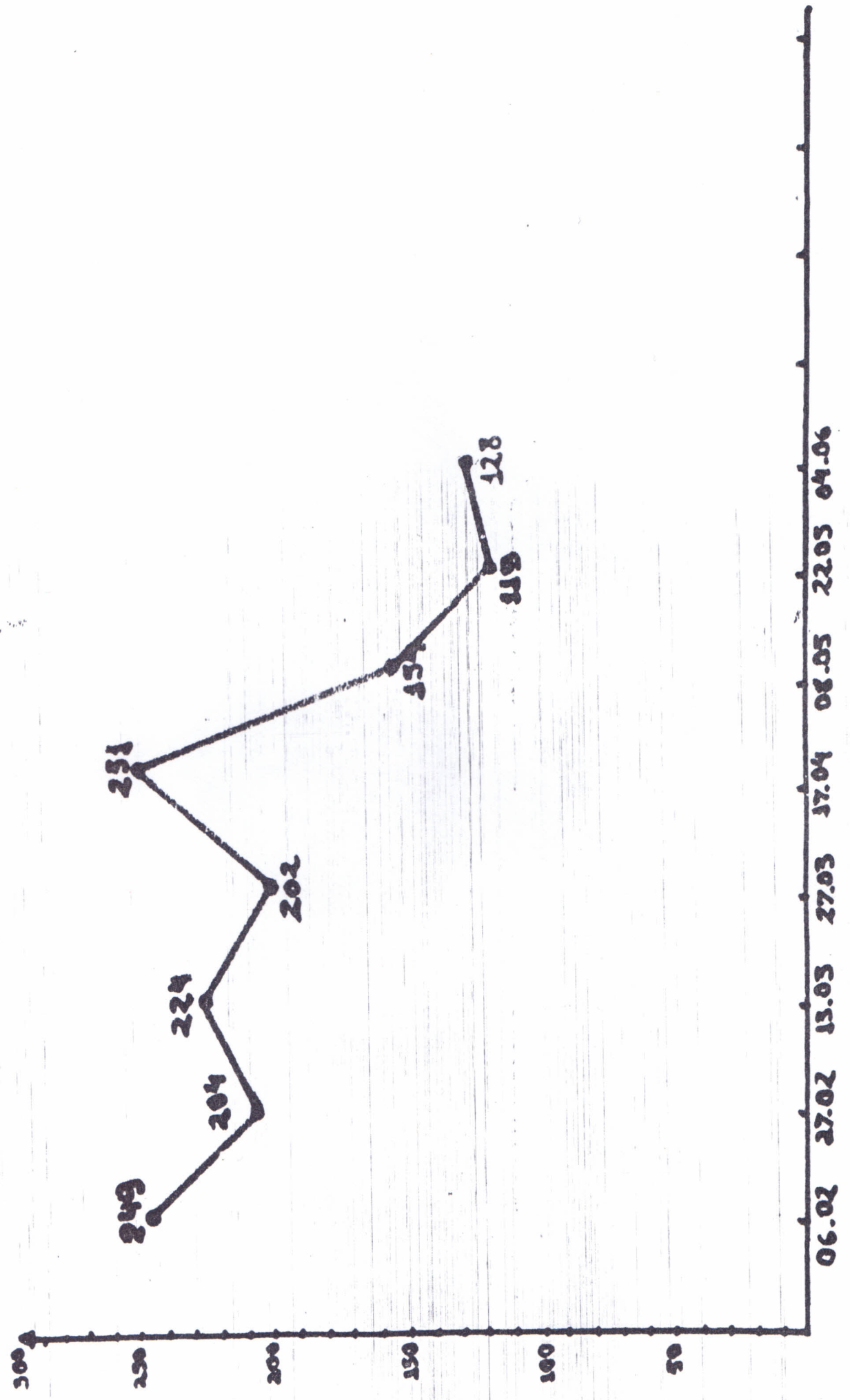
1: ETAPA - 1997



VARIAÇÃO DE FREQUÊNCIA NOS CÍRCULOS DE CULTURA 1ª ETAPA - 1993



**GRÁFICO DEMONSTRATIVO DA EVOLUÇÃO DE MATRÍCULA.
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - 1ª ETAPA - 1993**



1. Aprendizagem:

- a. O quadro de educandos nos círculos desde seu início já apresentava diferentes níveis que aqui podemos até dividir em grupos ' específicos como: Analfabetos("zerados"), semi-analfabeto e pós-alfabetizando. Por conta disso, os resultados apresentam um determinado descompasso.
- b. Para os que iniciaram zerados o processo se deu com lentidão na leitura e na escrita. Na primeira lêem pequenas palavras e até frases; na segunda o avanço se deu com mais facilidade obtendo-se mais resultados em relação à leitura, até porque muitas vezes os educandos sabiam escrever a palavra mas tinham dificuldades' em lê-la.
- c. O grupo que mais avançou refere-se aos que supostamente já haviam tido alguma experiência de alfabetização, ainda que esquecida, e aos que passaram por círculos de cultura anteriores e, portanto, pós-alfabetizando, que ao novo contato com a leitura e a escrita conseguiram maior nível de aprendizagem, significando o momento para eles com uma oportunidade de aperfeiçoamento ' ou retomada do que já haviam aprendido.
- d. O grupo dos que já tinham experiência em alfabetização era mais reduzido em relação aos "zerados", dando ao grupo como um todo' um perfil de alfabetização que se caracteriza por saberem ler e escrever pequenas palavras e até frases.
- e. O grupo mais avançado tinham condição de escrever frases inteiras e até pequenos textos, bem como chegavam a ler quase todos' os tipos de frases e palavras
- f. Tanto na escrita como na leitura as dificuldades giram em torno dos encontros consonotais, encontros vocálicos dos dígrafos, do conhecimento das letras, da fonética, da insegurança ao escrever da escrita ortográfica, etc.
- g. As palavras e temas geradores tiveram larga utilização no processo de apreensão da leitura e da escrita. A maior parte dos círculos faziam um esforço de partir das palavras para as sílabas e posteriormente das sílabas para as palavras num processo de análise-síntese.
- h. A Matemática não foi muito trabalhada, sendo aplicada em parte' dos círculos por conta da insegurança dos professores e por muitas vezes os educando preferirem aprender a ler e a escrever. O maior interesse maior pela matemática se dava nos que já tinham condições de ler e escrever e/ou que lutavam com números ' no seu dia-a-dia.
- i. Os educandos tinham grande habilidade no cálculo mental e muita dificuldade no registro dos números e das operações. O processo' que já tinham adquirido na sua vivência na realizações das operações sobrepuja os registros feitos pelo professor.

j. Nos círculos que se trabalhou a matemática procurou-se partir das situações problemas de sua realidade. Para os educandos aprender a somar, dividir, diminuir e multiplicar iria servir para que não fossem enganados pelo padrão. Para a maioria deles, a matemática tem uma utilidade muito prática.

1. A ciência também foi trabalhada, mas em apenas em alguns círculos obtendo resultados proveitosos, chegando até a influir nas relações familiares.

2. O Método:

a. O processo de conscientização dos educandos apresenta-se muito vagaroso, ainda reduzido, onde os que mais compreendem e refletem a realidade para atuar sobre ela estão nas comunidades que tem uma história política de luta e organização já mais avançada.

b. O grupo de educandos tinham natural desejo de participar das equipes de trabalho, dos debates, das atividades, opinando, sugerindo, trazendo discussões para a sala de aula, com disponibilidade e interesse, permitindo boa integração na aula. Não se pode dizer que tais intervenções chegavam a ter criticidade. Importa acentuar que alguns acabavam por excluir-se dessa participação.

c. A criticidade ainda é características de uns poucos, aqueles que tem participação nas associações e outros movimentos comunitários. Mesmo assim, é um processo em construção, uma nova mentalidade que está se formando. Há os que já conseguem relacionar seus problemas, detectar suas causas e culpados, e os que emperam por acharem que lhes é suficiente ler e escrever somente.

d. O engajamento está determinado pelo nível de conscientização, do educando e da comunidade. Ainda que não seja em associações os mais abertos engajam-se até nos movimentos de Igreja ou qualquer outro. Uma outra parte está marcada pelo individualismo, isolando-se na comunidade ou não tendo engajamento nenhum. Esse fato tem muita relação com a história política da comunidade.

3. Palavras, Temas, Textos:

a. As palavras e textos trabalhados foram instrumento do despertar da formação da consciência crítica, a partir da relação que tinham com a realidade em que vive o educando, o que acabou por gerar interesse para participar, principalmente quando os temas eram escolhidos por eles. No entanto, foram encontradas palavras não contextualizadas.

b. Ainda que em alguns círculos o número de educandos não tenham contribuído para a geração de um bom debate, nos outros os debates foram capazes de levantar temas que se relacionaram com a situação de vida dos educandos, com a realidade nacional, contribuiu para diminuir a timidez de participar e opinar. Além disso, foram ricos em conteúdos e proveitosos para os educandos. Quando havia mais disponibilidade dos alunos em debater se tornavam cada vez mais interessantes, chegando a ser polêmicos. Alguns educandos excluam-se de participar.

c. Construídos a partir dos temas discutidos em sala de aula em sua maioria, os textos individuais e coletivos falavam de suas vidas de sua realidade. Os educandos demonstravam muito medo e por isso esses textos foram difíceis de "arrancar" deles, principalmente dos que iniciaram "zerados". Os últimos textos, ainda que pequenos, foram feitos com mais naturalidade e simplicidade, mas sempre trazia reclamações. No final, já tinham mais capacidade de transmitir o pensamento através do registro no papel. Os resultados foram satisfatórios.

4. Palavras e temas:

CASA - TERRA - AGUA - PENA DE MORTE - TRABALHO - TRANSPORTE -
corrupção - RESIDENCIA - BARCO - PESCA - COMIDA - FAVELA - MU-
LHER - COLERA - ORGANIZAÇÃO - ICAPUI - IGUALDADE - RELIGIÃO -
FOME - NOVELA - PARADEIRO - DOENÇA - FAMILIA - PESCARIA -
SAÚDE -

5. Recursos didáticos:

Cartilha, caderno, revistas, recortes, jornais, desenhos, tarefas mimeografadas, jogos, fita gomada, cartolina, papel ofício, pin-
céis, cola, lápis de cor, papel madeira, caixas, quebras cabeças,
palitos, tampas de garrafas, etc., teatro de bonecos, dramas, etc

RESULTADOS

Os recursos utilizados foram bastante proveitosos e positivos. Em princípio, serviram para promover a participação e o estímulo dos educandos, facilitando a aprendizagem e o trabalho dos professores. Alguns apresentavam mais resultado que os outros, como as revistas, o teatros, etc.. mas num todo contribuíram bastante para o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita. Alguns professores, porém, questionam essa positividade, dado que a evasão foi tão grande.

6. ATUAÇÃO DA FACED - UFC:

- a. Importante na orientação das atividades desenvolvidas, servindo de estímulo para prosseguir na tarefa de educar, contribuindo imensamente.
- b. os encontros foram momentos aproveitáveis que levavam em conta as dificuldades de cada um, eram oportunidade de tirar dúvida, trocar experiências, esclarecer-se. Foram enfim, instrumentos de aprendizagem, de descoberta e ânimo, de crescimento coletivo.
- c. A Equipe demonstrou esforço, compromisso sério com o projeto, interesse, competência, pontualidade, além de apresentar firmeza e respeito pelo processo.
- d. Havia integração e objetivos comuns na equipe.

7. COORDENAÇÃO ICAPUI:

- a. No início a Secretaria de Educação não deu apoio suficiente, principalmente por parte do Secretário que esteve distanciado do processo.
- b. A nova coordenação causou melhora e mudanças. Havia disposi-

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
2º PERÍODO - PÓS-ALFABETIZAÇÃO

1. Dados estatísticos:

- a) No final do 1º semestre os círculos que iniciaram em Fevereiro fecharam o semestre com um total igual ou inferior a 718 alunos, em 09 círculos.
- b) Na última avaliação verificou-se que 03 deles, Ponta Grossa, Barreiras, Ibicuitaba estavam praticamente parados por conta da evasão dos alunos.
- c) No início do 2º semestre, com a orientação de um período de pós-alfabetização, apenas os círculos de Retiro Grande, Icapuí Mutamba, retomaram as aulas, com um total de 15 alunos, cada.
- d) Melancias alega ausência de encaminhamento por parte da FACED e dificuldades de infra-estrutura para iniciar. Até a segunda quinzena de setembro aguardava soluções. Morro Pintado, por conta da sobre-carga das monitoras, no 1º e 2º mês, aguardavam a 2ª quinzena de Setembro para retomar. Por conta da festa do P padroeiro da comunidade os alunos pediram para adiar o início.
- e) Ponta Grossa, em contato com essa coordenação, apresentou sol citação de pessoas da comunidade que não eram alfabetizando (Nível de 2ª série) mas não tinham oportunidade de estudar, pa ra que se oferecesse escola; com isso inciou-se novamente o círculo dessa comunidade, com um número de 08 a 10 alunos em sua maioria não pertencente ao 1º grupo.
- f) Ibicuitaba, a professora tentou recomeçar, mas não encontra resposta. Há insistência dela em continuar. Esta coordenação acrêdita que não há mais possibilidade.
- g) Redonda, com a evasão por conta da saída de boa parte para peg car em outras localidades, teve seu número reduzido. Barreiras não retomou.

2. Questões de encaminhamentos:

- a) O período de pós-alfabetização encontra-se bastante desarti culado. Os grupos sentem uma determinada ausência de orienta- ção do que vem a ser esse momento, de como fazer acontecer o processo.
- b) É preciso analisar o funcionamento dos círculos de Ibicuitaba que não funciona de fato, e o de Icapuí que se faz arredio á coordenação municipal e tem causado problemas.
- c) O processo de instalação dos novos grupos de educação de adul tos e sua integração ao projeto da FACED tem deixado essa coor denação um tanto ptesa e portanto com dificuldades de acompa- nhar o processo de pós-alfabetização.
- d) A FACED, principalmente no que se refere à presença da orienta- dora, precisa dar maior acompanhamento a esse 2º período.

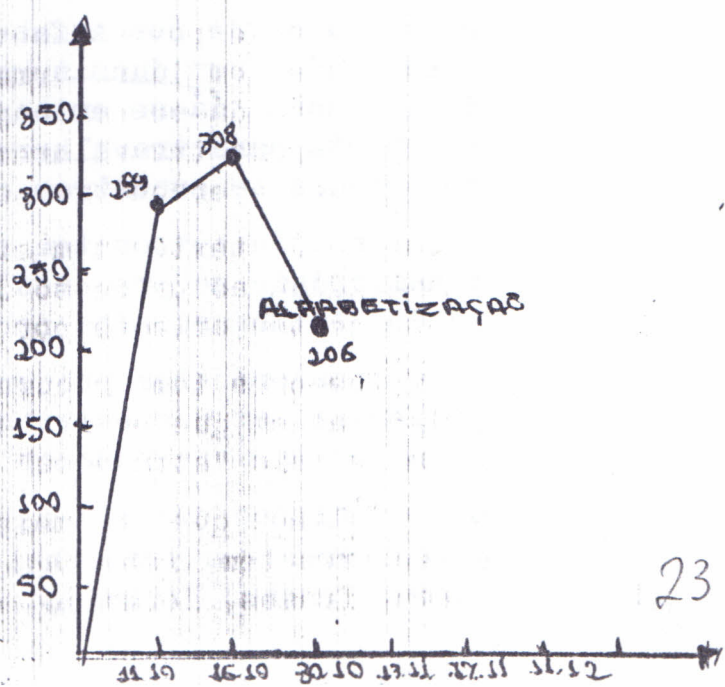
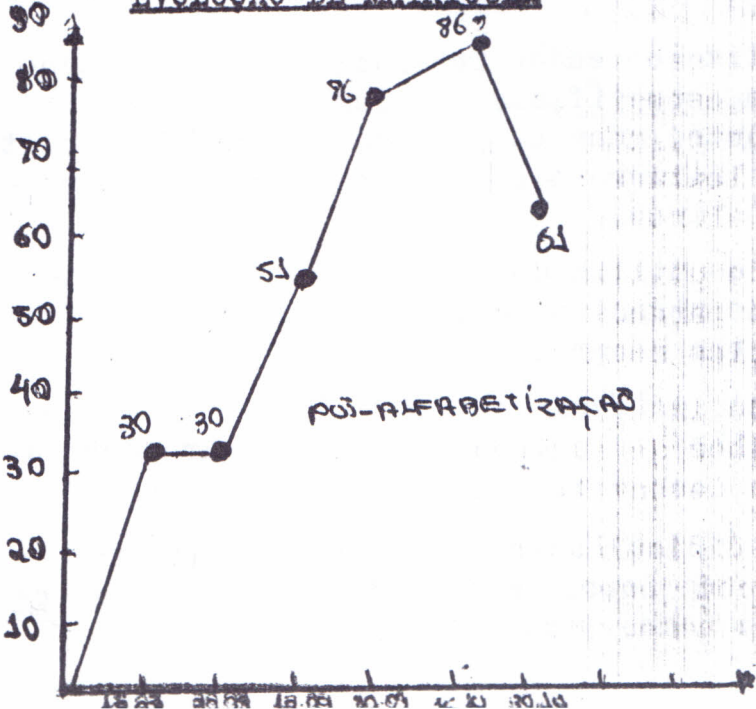
EDUCAÇÃO DE JOVES E ADULTOS

RELATORIO DOS CÍRCULOS DE CULTURA

01. Dados Estatísticos:

- a. Dos noveés círculos iniciados no 1º semestre, apenas cinco haviam retomado o período de pós-alfabetização, no 2º mês, a saber, Ponta Grossa, Retiro Grande, Redonda, Mutamba, Icapuí.
- b. Na 2ª Quinzena de Outubro, Ibicuitaba, Morro Pintado e Melancias retomaram as atividades.
- c. Neste mesmo período foram ativados os novos círculos, oriundos do projeto de Educação de adultos do governo do Estado: Belém, Peroba, Barreiras de Baixo, Redonda, Barrinha, Icapuí, Quitérias, Tremembé, Melancias de Cima, Melancias de Baixo, Peixe Gordo, Gravié, Olho D'Água.
- d. É importante ressaltar que dos 21 círculos de cultura existentes, 13 são do programa de agentes alfabetizadores (grupo novo) e 08 são de pós-alfabetização (grupo "velho"). O primeiro perfaz um total de 308 alunos matriculados e o segundo 86.
- e. Redonda e melancias integraram os círculos, sendo que em Redonda há um círculo de pós-alfabetização e um de alfabetização, e em melancias, as professoras trabalham os dois períodos numa única turma.
- f. O Círculo de Redonda enfrenta novamente o problema da reforma da Escola se encontra sem espaço específico, não realizando atividades todos os dias.
- g. Barreiras de cima não conseguiu reativar o círculo.
- h. No final de Outubro, em conversa com esta coordenação, o círculo de Icapuí resolveu encerrar o período de pós-alfabetização principalmente porque a professora se encontra hospitalizada por conta de cirurgia. O novo círculo de Icapuí iniciará possivelmente em 03.11.1993.

EVOLUÇÃO DE MATRICULA



- a. A proporção que os círculos de pós-alfabetização foram iniciando o número de alunos foram aumentando, o que é óbvio. De todos eles apenas morro pintado conseguiu manter o número em relação ao 1º semestre.
- b. A matrícula perfaz um número de 86 nos círculos de pós-alfabetização e 308 no programa de agentes alfabetizadores. A frequência, no entanto não coincide de forma nenhuma com a frequência. Basta dizer que nos círculos novos, os primeiros dias de aula obtiveram uma redução de mais ou menos 20 % dos matriculados.
- c. Algumas ausências, na fala dos alunos, se dão por conta do cansaço dos alunos à noite, dos afazeres (labirinto, renda) ou por motivo de doença. Outros faltam por serem casadas e terem que atender marido quando chegam da pesca.
- d. Existe uma relação também, supostamente, com o desempenho dos professores novos em sala de aula e com a reação ao método, no que se refere à evasão.
- e. A pós-alfabetização que já iniciou com o número bastante reduzido em relação ao 1º semestre, também apresenta evasão.
- f. Os círculos que apresentam número mais reduzido são Ibicuitaba e Mutamba, pelo menos é a informação que temos. Estes correm o risco de parar como barreiras.
- g. A comunidade também reage em relação aos professores novos. É claro que isso é um caso à parte, da comunidade da Barrinha, que naturalmente difícil de se trabalhar, não acredita muito na professora. Estamos articulando uma reunião com esta comunidade para discutir esse problema.

CIRCULOS EM FUNCIONAMENTO

| <u>Pós-alfabetização</u> | <u>Alfabetização</u> | |
|--------------------------|----------------------|------------------|
| Retiro Grande - 15 | Belem - 40 | M. Biixo - 15 |
| Ponta Grossa - 08 | Peroba - 26 | M. Cima - 22 |
| Redonda - 08 | Barreiras - 21 | P. Gordo - 21 |
| Mutamba - 08 | Redonda - 20 | Gravié - 23 |
| Icapuí - 10 | Barrinha - 25 | Olho D'Agua - 22 |
| Ibicuitaba - 05 | Icapuí - 20 | |
| M. Pintado - 22 | Quitérias - 31 | |
| Melancias - 12 | Tremembé - 21 | |

02. Considerações pedagógicas :

- a. Os círculos de pós alfabetização estão praticamente trabalhando quase todos com duas turmas específicas. É claro que o momento de discussão dá-se em conjunto, mas os professores "separam" posteriormente para trabalharem leitura e escrita nos níveis diferentes em que se encontram os alunos.
- b. O caderno de textos tem sido utilizado e isso tem proporcionado dinamicidade ao processo de aprendizagem porque motiva a leitura dos textos criados por eles mesmos.
- c. Os professores tem procurado integrar os dois níveis. Existe experiências em que em trabalhos de equipes os mais "avançados" ajudam os mais "atrasados" a desenvolverem sua aprendizagem.
- d. Com os alunos que tem mais dificuldades na leitura e escrita os professores tem trabalhado com jogos, motivando a formação de palavras, frases, formação do nome, etc.

- e. Nos círculos novos, os alunos tem as mesmas características dos círculos do 1º Semestre. Alguns já tiveram experiência de alfabetização e até já cursaram de 1ª a 3ª série. Isso projeta o perfil dos círculos novos para o que hoje está sendo a pós-alfabetização.
- f. Nestes círculos os professores tem trabalhado os temas geradores e a formação de palavras através de "pedacinhos". Os alunos, ou parte deles, já são conhecedores das letras, no entanto, trazem algumas deficiências como: não saber ler o que juntou, não saber escrever.
- g. Há momentos em que os professores registram as palavras que os alunos formam e discutem com eles o significado da palavra. Alguns formam palavras sem sentido coloquial.
- h. Em relação aos novos professores fica grandes preocupações. Conseguirão trabalhar seguindo o que se traçou como prática pedagógica para a Educação de adultos em Icapuí? Não acabarão por atropelar o processo do aluno por serem inexperientes em sua maioria na alfabetização? Como responderão aos desafios apresentados pelos alfabetizados? As visitas tem levantado estas questões.
- i. Como no 1º semestre, leitura e escrita não caminham juntas, pelo menos no que se refere à aprendizagem dos alunos nos círculos novos. Há os que escrevem e não lêem e os que lêem e não escrevem.
- j. Não se pode dizer que os círculos novos são de alfabetização unicamente. Há muito de reforço para pessoas que não tiveram oportunidade de estudar ou que pararam porque se tornaram pescadores ou casaram muito cedo.
- l. Nos círculos de pós-alfabetização, os alunos que conseguiram avançar já começam a se dar conta que existe uma questão ortográfica, e sentem necessidade de saber o certo e o errado na escrita. De que se lê de um jeito e se escreve de outro. Os professores tem trabalhado até através de consulta a dicionário.

3. Considerações Didáticas:

- a. Com a contribuição do grupo de professores da proposta construída em Icapuí, e com a frequente utilização do material didático por eles utilizados, a educação de adultos tem trabalhado com jogos educativos, bingos de palavras, e diversos recursos.
- b. A Matemática tem sido trabalhada através de quadro valor de lugar e também através de jogos.
- c. O material didático usado tem sido fornecido pela Secretaria de educação. Algumas vezes é insuficiente, mas tem sido distribuído sempre que os professores procuram.
- d. Os professores de pós-alfabetização tem buscado meios para tornar a aula mais atraente. Isso acontece mais no círculo de Morro Pintado, a experiência das professoras contribui bastante para isso.
- e. O Caderno nosso de textos elaborado pelos alunos tem também sido trabalhado em sala de aula algumas vezes. Essa experiência parece motivar muito os alunos.

Os professores novos encontram algumas limitações, principalmente porque são inexperientes em sua maioria, no sentido de conduzir a aprendizagem dos alunos.

4. Considerações metodológicas:

- a. Os círculos de alfabetização e pós-alfabetização tem caminhado em relação ao método de forma um tanto complicada. A forma como tem sido trabalhado tem sido bastante questionada pela professora Inês, e isso tem deixado os professores em conflito. Os veteranos por acabarem por concluir que estão fazendo tudo errado, e os novos porque não sabem como conduzir ou que método seguir.
- b. Os círculos novos tem enfrentado uma reação dos alunos em relação ao método. A reflexão na alfabetização não lhes é muito simpática. Os professores tem procurado responder as ansiedades dos alunos em aprender a ler e escrever prioritariamente e introduzindo de forma tímida a questão da reflexão.
- c. Há professores novos que sentem dificuldade em passar da reflexão para a leitura e a escrita.
- d. Os círculos de melancias de baixo e de cima integrou-se com os professores novos e isso tem colaborado para que o processo dos novos e veteranos alunos a contença de forma mais perfeita.
- e. Tanto na pós-alfabetização como na alfabetização, os professores tem encontrado dificuldades por conta da "entrada" do construtivismo no trabalho na sala de aula. Começa a acontecer o que logo acima citamos em relação ao conflito.
- f. Os professores novos não tem muita facilidade em conduzir a questão da reflexão em torno de um tema gerador por razões diversas. Principalmente pelas limitações e pela própria dificuldade de traçar criticidade sobre um tema.
- g. Permanece o trabalho da leitura e da escrita nos círculos em "detrimento" da discussão de temáticas, ou seja, trabalha-se muito mais as questões alfabéticas em si, que as questões de propriamente críticas.

5. Atuação da Secretaria de Educação:

- a. Nossa presença tem sido bastante assídua nos encontros, na escuta e encaminhamento das dificuldades de infra-estrutura ou financeiras do grupo de animadores.
- b. Um esforço muito grande tem sido feito para evitar contratemplos na caminhada dos círculos. Muitas vezes, os problemas emperram por burocracia da própria Secretaria, em relação as quais a coordenação se intimida.
- c. Foi retomada as visitas de supervisão à noite. No entanto ainda é muito reduzida pela falta de transporte disponível.
- d. O acompanhamento dos dois projetos integrados (FACED e ESTADO) tem tornado o trabalho mais acumulado. No entanto, apesar dos dificuldades de início, as coisas já começam a ajustar-se.
- e. Esta coordenação permanece desconfiada em relação ao projeto do Estado e desacreditado.

6. Atuação da FACED-UFC :

- a. A presença tem sido bastante animadora do grupo. A FACED conseguiu articular melhor os projetos e permitiu a presença maior em cada um deles.
- b. Tem sido importante a presença constante de novos alunos da FACED que acabam por integrar-se ao nosso projeto e colaborarem bastante .
- c. A presença da coordenadora do projeto está muito reduzida no acompanhamento ao grupo. É importante melhorar para poder encaminhar questões que ficam pendente e não são encaminhadas.
- d. A participação da professora Inês no grupo trouxe grande dinâmica ao processo, principalmente porque desinstala os professores e causa conflito entre eles.
- e. É importante que, mesmo sabendo da importância da formação do grupo, proponhamos observar, quando da escolha de textos, assuntos, temas, linguagens mais acessíveis e mais claros. Isso permitirá um rendimento maior, em vista do pouco tempo.

CLOTENIR DAMASCENO RABELO
Coordenador

AVALIAÇÃO FINAL DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS - 1993

No período de 10 a 13 de Janeiro de 1994, o grupo de Educadores de adultos do município esteve reunido para um momento de capacitação e avaliação do processo. Estiveram presentes 20 professores e acompanhados pela Coordenação Municipal e pela equipe da FACED-UFC, traçaram um levantamento dos resultados em 1993.

A Avaliação do projeto teve dois momentos específicos, Um dos avanços e recuos durante o processo e outro dos resultados concretos do ano.

O primeiro momento de avaliação contemplou os seguintes pontos:

1º O GRUPO DOS PROFESSORES

a) Avanços

- * Alfabetizar grande número de analfabetos
- * Capacitação de novos educadores
- * Interação do grupo do Estado com oda Prefeitura
- * Encontros quinzenais (troca de experiências, desabafo, textos, palestras, ajuda e compreensão dos comapnhaeiro)
- * Troca de experiência na escrita, leitura, participação no grupo)
- * Criação nos novos círculos
- * Construção de material e cartilha
- * Interesse dos professores e busca de conteúdos

b) Recuos

- * O dinheiro causou certo dedestímulo
- * Perda de contato com os educadores de Mutamba e Icapuí.
- * Desestímulo pela evasão dos alunos
- * Atraso do transporte
- * Correria nos assuntos

2º PROFESSORES - ALFABETIZADORES

a) Avanços

- * Participação dos professores
- * Perseverança e continuidade no trabalho até o final do ano
- * Desempenho: preocupações, aflições, medos, etc..
- * Resistência dos novos em assumir apesar dos medos e insegurança
- * Permanência dos professores que não foram remunerados

- * Conquista de alfabetizados para a escola
- * gratificação pela conquista e descoberta do alfabetizando .
- * Trabalho de grupo, sub-grupos, formação de textos.
- * Troca de experiência.

b) Recuos

- * Ausência de alguns professores nas reuniões - oscilação
- * Os novos não assumem tarefas: relatórios, textos, trabalhos.
- * A pressa de sair e não ser respeitado. (alunos)
- * Desestímulo de alguns professores nas reuniões.

3º ALFABETIZANDOS

a) Avanços

- * Permanência de Educando desde a 1ª Etapa
- * Crescimento na visão crítica
- * Participação e engajamento na comunidade e associações
- * Desenvolvimento na leitura e na escrita
- * Participação nas aulas: debates, criticidade, etc.
- * Ler a realidade.
- * Solidariedade

b) Recuos

- * Desistência e faltas
- * Desestímulo: casas cansaço
- * Não assiduidade

4º COORDENAÇÕES - LOCAL E FACED - UFC

a) Avanços

- * Promoções de Seminários, Cursos, encontros, reuniões , etc.
- * Acompanhamento Icapuí e UFC
- * Produção de cartilha
- * Preocupação com a infra-estrutura das salas
- * Valorização dos Educadores: atenção, estímulo, compreensão.
- * Presença e ajuda
- * Organização e responsabilidade
- * Articulação e comunicação
- * Visitas noturnas aos grupos
- * Repasse de conteúdos.

- * Transportes /Atraso
- * Ausência de visita em alguns grupos
- * Remuneração de Aparecida e Francisca Matilde
- * Falta de esclarecimento em relação ao projeto do FNDE.
- * Não cumprimento de algumas programações
- * Ausência de Equipamentos.

O segundo momento foi de avaliação de resultados do projeto a nível concreto:

- 1) No final do processo, o projeto de Educação de adultos apresentava o total de 17 comunidades: Peixe-gordo, Melancias de Cima, Melancias de Baixo, Morro Pintado, Tremembé, Quitérias, Ibicuitaba, Olho d'Água, Icapuí, Barrinha, Barreiras, Mutamba, Peroba, Redonda, Retiro Grande, Ponta Grossa e Belém.
- 2) Os grupos constituem 13 de Alfabetização e 09 de pós-alfabetização, sendo que em Melancias os grupos funcionam juntos, fazendo assim um total de 20 salas de Educação de Adultos.
- 3) No 1º Semestre, 09 círculos foram instalados, sendo que no final, o círculo de Barreiras que iniciou com 10 alunos sofreu evasão total, ficando impossibilitado de retomar. Dos 249 matriculados, apenas 128 permaneceram até o fim desse período, ficando a evasão por volta de 48,5%. **BA/BFC**
- 4) No 2º semestre, iniciou-se o período de pós-alfabetização. Dos nove círculos iniciados no 1º semestre 08 retomaram seu funcionamento até a 1ª quinzena de Outubro. No final do processo o grupo de alfabetizandos participantes dos círculos iniciados no 1º semestre perfaziam um total aproximado de 68 alunos, 46,5% a menos em relação ao 1º semestre.
- 5) Em Outubro, instalou-se com alfabetização o grupo de agentes alfabetizadores do Estado. A matrícula inicial perfaz a casa dos 300 novos alfabetizandos, mas na 1ª quinzena de aula apenas 206 frequentaram, uma redução de mais ou menos 33%. Das 15 novas salas a serem instaladas, apenas 13 permaneceram, sabendo que Icapuí e Gravié não iniciaram.
- 6) O grupo de círculos providos do projeto de Educação de Adultos do governo do Estado terminou o ano com 148 alunos, o que significa uma redução de 28% em relação à matrícula nos 1ºs. dias de aula e 51,9% em relação à matrícula inicial.

- 7) Devido a constante oscilação da participação dos alfabetizados em relação à presença em sala de aula o grupo de alfabetização e pós-alfabetização constava juntos no final do ano cerca de 200 alunos. Desses, um total de cerca de 110 foram alfabetizados, um percentual de 55 %. Esses dados acabam por não serem prontamente exatos, devido a constante entrada e saída de alunos.
- 8) Dos alunos que passaram pelos círculos de cultura 07 foram integrados no sistema de ensino regular, adolescentes que não tiveram oportunidades de estudarem, quando estavam na faixa-etária ideal.
- 9) A reflexão feita pelos professores com base nos resultados apontaram algumas questões a serem encaminhadas em 1994:
- * Exigir maior esforço dos alfabetizadores a nível didático, no sentido de garantir a perseverança dos alfabetizandos.
 - * Estabelecer que não se instalará grupo de alfabetização de adultos com número inferior a 15 alunos na matrícula inicial.
 - * Garantir educação continuada para alfabetizados: integração no sistema regular com abertura de salas especiais ? integração no projeto da Universidade Popular ?
 - * Discutir junto à assessoria de cultura um programa de integração cultura/educação de adultos, a fim de promover a mobilização de novos alunos e a permanência dos mesmos nas salas.
 - * Refletir as causas principais da evasão e tentar contorná-las.
 - * Realizar nova pesquisa do índice de analfabetismo no município.

FUNCIONAMENTO DO PROJETO EM 1994

- * O grupo de apoio da FAGED-UFC em 1994 irá fazer o acompanhamento mensal, com visitas de supervisão à noite.
- * Nas quinzenas o grupo se reunirá com a coordenação local e pessoal de apoio do grupo dos veteranos.
- * Nas reuniões mensais, como de costume, se fará troca de experiência e estudo.
- * Serão instalados novos grupos de alfabetização no 1º semestre de 1994. O grupo de pós-alfabetização continuará em sala, com momentos integrados ao grupo de alfabetização novo.
- * Os professores farão levantamento do número de alunos com nível de 1ª série, para educação continuada.
- * Período de motivação: 24 a 28 de Janeiro

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

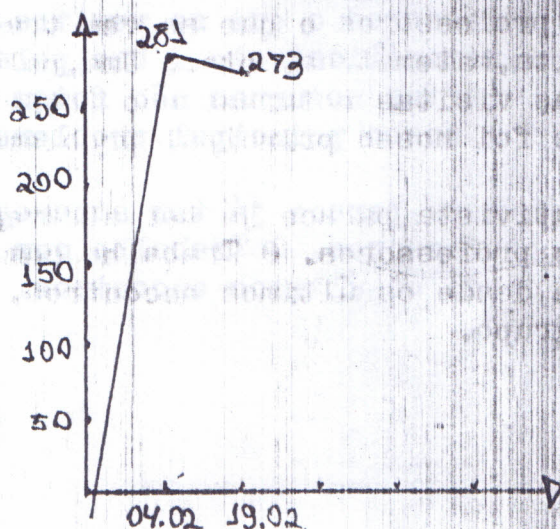
Relatório dos Círculos de Cultura - 01 a 30 de Fevereiro

01. Dados Estatísticos:

- a. Com a retomada do funcionamento dos círculos de cultura para o 1º período de 1994 a partir de 31 de Janeiro, efetivou-se 16 novas salas com no mínimo 15 alunos matriculados, atingindo um total de 14 comunidades.
- b. Dos círculos efetivados, 09 pertencem ao Programa de agentes alfabetizadores de adultos do governo do Estado e 07 estão integrados ao projeto de extensão da FACED-UFC/ICAPUI.
- c. As comunidades de Morro Pintado, Melancias de Cima, Redonda e Ponta Grossa funcionam com 02 monitores em função do número e principalmente dos níveis diferentes existentes.
- d. Num total, a matrícula ficou por volta de 280 novos alunos que integram dois processos: um de alfabetização unicamente e outro de pós-alfabetização.
- e. As comunidades atingidas são: Melancias de Cima, Morro Pintado, Tremembé, Ibicuitaba, Olho D'Água, Icapuí, Barrinha, Barreiras, Peroba, Redonda, Belém, P. Grossa, Retiro Grande.

02. Evolução de Matrícula:

- a. A Presença tem oscilado bastante, mas tem se garantido neste 1º mês. Acredita-se que logo comece o período da pesca, acabe acontecendo uma grande Redução.
- b. Alguns círculos como os de Melancias de Baixo e Peixe, por conta do número muito pequeno de alunos (02 no máximo frequentando) entrou em avaliação e o grupo dos professores achou que era interessante não continuar.
- c. A pesquisa inicial de motivação sempre faz um número que nunca é igual ao de frequência na sala de aula. Por diversas vezes existe alunos que só dão o nome para "agradar" os professores.
- d. A Assessoria de Comunicação já esta mobilizando junto com as professoras e comunidade o programa de Rádio volante



e. Ausinélia está afastada do grupo em virtude de licença gestante e Madalena está sem sala à noite por falta de aluno. Lidiane que trabalhava com ela tentou reanimar o grupo mas não conseguiu.

f. Em Ponta Grossa o grupo aumentou bastante segundo D. Luzia. Por conta disso foi proposto uma nova professora para ajudar.

- g. Existe possibilidade do círculo de Cultura do projeto do estado perminarem em Março. Isso significa redução non umero de alfabe tizando e salas no município.
- h. O círculo de Peroba funciona ainda sem estrutura, ou seja, a es cola não tem energia elétrica e isso provoca a diminuição dos ' participantes por ser realizado à tarde.

03. Considerações Pedagógicas:

- a. A experiência dos professores mais novos no projeto deixa ainda muito a desejar. Primeiro pela dificuldade de estímulo ou de uma clareza pedagógica do significado da alfabetização. Segundo pela ausência de compromisso com o projeto.
- b. Os grupos em sua maioria integram os dois momentos: alfabetiza ção e pós-alfabetização, principalmente por conta da presença ' de alunos do período anterior.
- c. Uma experiência interessante tem sido a do círculo de Olho D'A gua, que tem promovido momentos de aulas que visam integrar mais escola e comunidade como: festinhas, celebrações, etc.. Isso tem motivado os alunos.
- d. Os primeiros encontros do grupo de professores não tem eviden ciado os relatos de experiências para crescimento dos professo- ' res e troca de experiência. No entanto tem se procurado fazer ' estudos e discussões de encaminhamentos das dificuldades.
- e. Fica uma grande preocupação em relação aos resultados dos grupos do programa do Estado pela falta de experiência dos professores. mesmo considerando que houve um bom crescimento desde o início do trabalho junto ao grupo veterano.
- f. Numa visão mais geral do processo, acredita-se que o grupo já ' não se prende a questão do Método, mas já realiza suas ativida- des a partir de uma prática mais independente construída por pe los próprios professores.
- g. A construção de textos parece ter sido a atividade mais comum ' nos círculos por parte dos alunos e professores. Isso acontece muito mais nos grupos de pós-alfabetização.
- h. Ultimamente o grupo de pós-alfabetização tem sido muito mais o conjunto dos alunos que estão em nível de 1ª série em diante do que o grupo que estudou no ano anterior.
- i. Não tem aparecido no discurso dos professores o que se vem tra- balhando a nível de leitura, escrita, matemática, etc.. Uma, pela falta dos relatos e outra porque as visitas noturnas não foram ainda iniciada. Aliás, elas sempre foi nosso principal problema .
- j. O contao com a experiência construtivista parece já ter atraves sado aquele período de conflito dos professores. O Trabalho com inês amede tem melhorado bastante desde os últimos encontros. Isso é muito positivo para nosso grupo.

04. Considerações Didáticas:

- a. Como já se disse anteriormente, a troca de experiência com o grupo da proposta construtivista tem fornecido aos professores possibilidades de novos métodos, novas formas de trabalhar a leitura e a escrita.
- b. É constante o uso de jogos e recursos didáticos variados. A utilização é muito mais do grupo veterano até pelo fato de dispor de mais material de preparação tipo cartolina, papel madeira, etc.
- c. Algumas vezes os professores não se esforçam para tornar as aulas muito mais criativas, mais dinâmicas. Em quanto isso, algumas experiências como a de Morro pintado, a presença dos alunos talvez seja por causa das aulas terem mais momentos de alegria.
- d. Recursos da cultura do povo, da comunidades tem sido utilizados para dar às aulas uma cara nova. São eles: estórias, músicas, adivinhações, pequenos dramas, etc.
- e. As invasões não aparecido muito, até porque os círculos ainda não estão funcionando de vento em popa.
- f. Existe uma vontade dessa coordenação de fazer uma pequena peça para teatro de rua no sentido de motivar nas comunidades os adultos a virem para os círculos.

05. Considerações Metodológicas:

- a. No que se refere ao método, a fala dos professores não evidenciam uma preocupação em relação a essa questão.
- b. Não acreditamos que os professores tenham perdido de vista o aspecto conscientizador e formador do cidadão. No entanto, o grupo como um todo perdeu, desde a entrada do grupo novo, a sua dinamicidade e capacidade de discutir e refletir seus problemas e dificuldades.
- c. A questão da pós-alfabetização exige um direcionamento melhor para a integração com o projeto da Universidade Popular de Icapuí. Os meios para fazer um trabalho para esse grupo precisa ser mais elaborados e discutidos.
- d. Os professores mais veteranos tem mantido dentro das discussões nos círculos essa linha condutora do processo que é a conscientização do indivíduo e sua participação na comunidade. Os novos aos poucos conseguem alguma coisa. No entanto não é algo visto com constância.
- e. A entrada do trabalho na proposta construtivista que no início causou conflitos agora parece dar novos rumos ao processo de alfabetização que estamos fazendo.
- f. Vale ressaltar que a acolhida e aplicação das orientações ainda estão um pouco reduzida aos que já tinham alguma experiência anterior na proposta, até porque a compreensão ficou mais clara, dado estarem a mais tempo.

06. Atuação da Coordenação local:

- a. A coordenação em 1994, além de continuar o papel de articuladora do grupo de professores com a Secretaria de Educação, passa a assumir o processo desse ano junto aos professores que estão desde o início do projeto.
- b. Tem sido muito positiva a relação do grupo de professores veteranos com a coordenação, principalmente no que se refere ao assumir do acompanhamento do grupo dos novos, planejamento e avaliação.
- c. As visitas noturnas para acompanhamento das aulas ainda não aconteceram. Esse ano elas estão fadadas a não acontecerem por parte da coordenação local por conta do coordenador ter que assumir o estudo na Universidade.
- d. Está se viabilizando uma relação com o setor de cultura para a atuação do grupo da cultura no aspecto da motivação e dinamicidade de dos grupos de educação de adultos. Programas de rádios volantes já estão sendo efetivados.

07. Atuação do Coordenação - FACED:

- a. Como ficou combinado, a coordenação da FACED está fazendo o acompanhamento mensal ao grupo. Neste período ainda não aconteceu nenhum contato após o período de capacitação.
- b. Sente-se uma sensível ausência da coordenação em relação aos encaminhamentos do projeto e sua programação para este ano. Seria interessante se formular um plano de metas para esse ano.
- c. Ainda não foi ativado ainda o período de visitas noturnas por parte da FACED. As dificuldades de transporte, possivelmente tem emperrado esse trabalho, considerado pelos professores como muito positivo.
- d. A entrada de novas pessoas no grupo de apoio da FACED tem ajudado muito ao grupo, pela diversidade, pela dinamicidade que isso provoca, pela experiência que cada um traz. A integração do pessoal da cultura seria muito bom.

XXXXXXXX

Secretaria de Educação, Cultura e Desportos.
Icapuí, 02 de Março de 1994.

Clotenir Damasceno Rabelo
COORDENADOR

1994.3

Relatório da Educação de Adultos

Data: 31.03.1994

1. Apresentação da pauta:

- a) Estudo: O Grupo de Formação
- b) Relato de experiência
- c) Situação dos círculos - funcionamento

2. Introdução:

. A Coordenação fez considerações sobre o funcionamento do grupo de formação.

1. As perdas no processo - empolgação e participação: presença e atuação

2. A importância do relato da experiência.

- Escrito: Registro, produção, reflexão sobre a prática.

- Oral: Troca de experiência, sugestões.

3. Estudo:

BA/UFG

a) Leitura da introdução

b) Trabalho em grupo: Quais as funções do grupo de formação ?

c) Plenária:

Grupo 01:

- Promover o conhecimento na interação com os outros.
- Levar o professor a exercitar o pensar, o fazer, o priorizar.
- Resgatar sua própria história.
- A importância da formação dos grupos para facilitar a intervenção.
- Proporcionar momentos de experiência.
- Favorece a socialização do heterogêneo.

Grupo 02:

- É que o sujeito constrói o conhecimento na interação através do estudo da prática.
- Romper com a anestesia da consciência alienada de si e dos outros.
- Por prática: seus conhecimentos, sua teoria na relação dialética.

4. Os relatos de experiências devem ser apresentados escritos junto com a situação dos círculos. Anexar textos produzidos.

5. Encaminhamentos:

- . Próxima reunião dia 18.04.95
- . Dinâmica: Redonda.

1994.4

RELATORIO DOS CÍRCULOS DE CULTURA - 1994.03

1. Dados estatísticos:

- a. Atualmente estamos funcionando com 07 grupos vinculados à Secretaria de educação, nos quais temos salas de alfabetização e pós-alfabetização.
- b. Com o encerramento do período de alfabetização do programa de agentes alfabetizadores do Estado do Ceará foi discutida a possibilidade de continuação dos grupos de Quitéria, Barreiras, Redonda, Peroba.
- c. O grupo de Icapuí passa agora a partir de Abril a ter novo monitor por conta de Francisca ter que se submeter novamente a nova cirurgia. O novo monitor é José Nilson, tem experiência muito boa em sala de aula e já participou de vários cursos de educação de adultos.
- d. O grupo de Melancias encerrado pelo programa do Estado deverá ter sua continuidade caso Madalena consiga nucleá-los novamente. o grupo deverá se localizar em Melancias de Cima onde o número de interessados é bem maior.
- e. Neste sentido, viabilizando essas questões ficaríamos com 12 círculos de cultura funcionando integrados ao projeto FACED-ICAPUÍ.
- f. Caso seja retomado o projeto do Estado, haveremos que avaliar o significado dessa integração, e se abrir critérios para o funcionamento de novos círculos providos do governo do Estado.

2. Evolução da Matrícula:

- a. Ainda permanece o problema da evasão. No final de Abril, terminando o defeso, naturalmente acontecerá uma grande redução no número de estudantes. Para essa coordenação, a grande questão é avaliar como garantir a presença dos alfabetizandos nos círculos até o fim.
- b. Os programas de Rádio volante, segundo testemunho dos professores acabou por motivar o aparecimento de novos alunos. No entanto não atinge o que se esperava.
- c. Fica a surpresa por conta de Ponta Grossa que teve um aumento considerável ao último círculo, contando hoje de duas turmas na comunidade, funcionando com alfabetização e pós-alfabetização.
- d. Existe grande insistência dos alunos que o programa tenha continuidade, exigindo a permanência dos professores.
- e. A maioria dos círculos tem o total de alunos por volta de 15 alunos em cada círculo, salvo o de Ibicuitaba que permanece um número reduzido.
- f. Encerrando o projeto do Estado teremos uma demanda próxima de 90 alunos que ficarão sem continuidade no processo de alfabetização. Existe uma preocupação em garantir uma forma de manter esses círculos onde o professor tem vínculo com a prefeitura.

3. Considerações Pedagógicas:

- a. Tem aparecido no grupo a constante insistência da necessidade de retomar os momentos de troca de experiência, relatos de aula, como parte integrante do grupo. A ausência só tem dificultado o processo.
- b. O trabalho em sala de envolve a convivência pacífica de práticas diferentes: uma construtivistas (se é que assim podemos chamar), e outra tradicional. Numa leitura, esse caráter é parte integrante e inadiável do nascimento e desenvolvimento de uma nova prática.
- c. As áreas mais trabalhadas são definitivamente linguagem e matemática. Esta última, com muito menos frequência, e partir do surgimento das necessidades. Mas quase sempre é trabalhada em função das realidades de cada comunidade.
- d. É importante ressaltar que o grupo de formação dos professores visivelmente desanimado. Numa avaliação detectou-se causas como o término do programa do Estado, atraso de pagamento, acúmulo de atividades, ausência de relatos de experiência, etc.
- e. No que se refere ao tipo de trabalho realizado pelos professores em função de atender a diversidade de níveis em sala, nada tem aparecido, ou pelo menos não tem sido discutido no grupo.
- f. A leitura e a escrita tem sido muito trabalhada. A variedade de formas tem sido desde ditados e construção individual de texto. Esta ênfase tem se dado muito pelo trabalho com o construtivismo. E pela insistência dos alunos que em sua maioria preferem linguagem a matemática.
- g. Há uma permanência e crescimento de alunos da pós-alfabetização, que pelo avanço que alcançaram dizem "ninguém me segura mais, agora eu só ligo quando aprender a ler mesmo."
- h. Existe círculos que trabalham os níveis em momentos diferenciados como é o caso de morro pintado. Os momentos em grupos são, em geral, para trabalhar para debates e trabalho de tema gerador, atividades de lazer, etc.

4. Considerações Didáticas:

- a. Parece haver uma agilização quanto aos recursos utilizados pelos professores no trabalho em sala de aula. São bem diversas as formas encontradas para se trabalhar linguagem e matemática.
- b. Houve uma assimilação e aplicação em sala da prática da proposta construtivista e isso tem dado um novo caráter ao ensino aprendizagem.
- c. É muito frequente o trabalho a partir da produção de textos individuais e coletivos, o incentivo à leitura, à criação, etc.
- d. Trabalhos artísticos, contagem de histórias, colagem com jornais e revistas, rótulos, jogos, canções, construções de materiais (ábaco), etc., são frequentes nos círculos de cultura, principalmente nos círculos que não são do projeto do Estado.

e. Vale ressaltar o trabalho de modelagem de argila, construção de letras e palavras pelos alunos feitos nos círculos de ponta grossa.

5. Considerações Metodológicas:

- a. Os professores demonstram ter assimilado durante o processo a importância do grupo de formação, da troca de experiência, das discussões, do movimento teoria-prática, da avaliação. No entanto, fica a preocupação com o visível desânimo.
- b. Quanto às discussões a nível de criticidade, participação dos alunos, debates em sala de aula, tem acontecido com menos frequência pelo menos é o que aparece nos relatos dos professores. Por outro lado, os temas geradores ainda é uma prática.
- c. Como já se disse, podemos afirmar que os professores não priorizam a preocupação com o método de ensino, pelo contrário, já trabalham com certa liberdade e criatividade, dando ênfase às experiências do grupo, os conteúdos e à prática discutida.
- d. Não se pode negar que os professores demonstram uma maior atividade em relação à leitura e à escrita, e muito menos com a discussão com criticidade.

6. Atuação da Coordenação da SEDUC:

- a. A coordenação local tem se preocupado muito com duas questões: primeiro com o aparente desânimo do grupo de formação; segundo, com a dificuldade de acompanhar os grupos nas visitas noturnas. Esse acompanhamento sistemático tem sido de grande importância para o crescimento dos professores e de todo o grupo.
- b. Estamos discutindo a possibilidade de juntar algumas salas do projeto do estado onde há possibilidade de vínculo com a prefeitura para dar continuidade ao processo de alfabetização.
- c. Esta coordenação esteve neste último dia 6, 7, e 8 de Abril para a avaliação do projeto do Estado no CETREX-Capuan. Foi tida como muito positiva pela verdade com que foram tratados os fatos desde a concepção a forma como foi aplicada o projeto e pela oportunidade que tivemos de esclarecer a existência anterior do projeto de Educação de Jovens e Adultos FAGED-Icapuí funcionando no município.
- d. A coordenação propõe uma avaliação interna do grupo junto à FAGED para discussão de retomada do projeto, caso ele seja "reeditado".

7. Atuação da FAGED:

- a. Como combinado, o acompanhamento da FAGED está sendo mensal ao grupo de Icapuí. O apoio vem se dando nos estudos e principalmente na parte de linguagem.
- b. Considera-se que as visitas noturnas já deviam ter acontecido. A presença nos círculos de forma intensificada contribui muito para sua melhoria.
- c. Ainda insistimos que se deva traçar um plano de metas a serem atingidas esse ano, como foi feito no início do projeto, determinando sua operacionalização.

1994.5

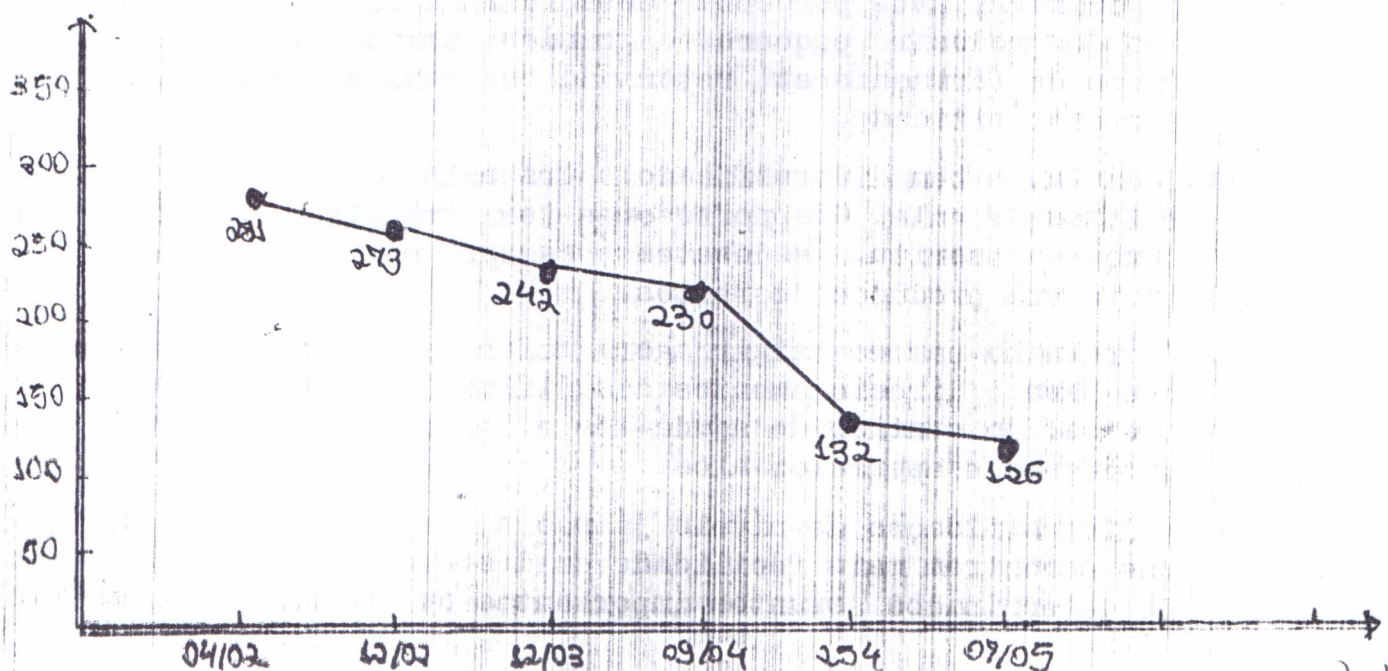
SETOR DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RELATORIO MENSAL DA EDUCAÇÃO DE JONES E ADULTOS - 04.94

1. Dados Estatísticos:

- a. Nesse novo período, os círculos funcionam já sem o grupo de Agentes alfabetizadores do Estado do Ceará, que no início de Abril encerrou seus grupos, deixando cerca de 110 alfabetizandos sem continuidade do processo.
- b. Dos grupos que se pretendia iniciar a partir do vínculo com a Prefeitura Municipal e assim dar continuidade a alguns grupos do projeto do Estado, apenas Barreiras retomou com o acompanhamento de Marleide, estando atualmente com 12 alunos.
- c. O grupo de Redonda não enfrentou esse problema por que os alunos foram automaticamente passados para o grupo acompanhado por D. Maria, garantindo assim a continuidade dos alfabetizandos nos círculos de cultura.
- d. Atualmente, podemos dizer que 130 alfabetizandos estão integrados nos círculos de cultura, em sua maioria na pós-alfabetização. São ao todo, 07 círculos que contemplam hoje as comunidades de Retiro Grande, Ponta Grossa, Redonda, Barreiras, Icapuí, Ibicuitaba, Morro Pintado.
- e. O grupo de Melancias pretende retomar suas atividades logo sejam novamente nucleados os alunos oriundos do grupo do estado já encerrado, e se estabeleça um esquema de transporte para a professora se locomover até Melancias de Cima.
- f. Um grupo novo está sendo repensado na comunidade de serra de cajuais. Existe a possibilidade de uma professora da Escola Manuel Leite ser trazida para o projeto. Estamos discutindo junto a coordenação da Escola a experiência do professor e o seu compromisso com a proposta que trabalhamos.

2. Evolução da Matrícula:



- a. O final do paradeiro já se identifica como o grande problema em nossos círculos de cultura. Em todos os círculos a redução sempre atinge cerca de 40 % da turma. O grupo que menos sofre é o de Morro Pintado por não ter muitos pescadores.
- b. O total de alunos em Abril perfaz um total de mais ou menos 130 alfabetizando, sendo que a grande queda nos números se dá por conta do final do projeto do Estado no começo de Abril.
- c. Apenas alguns grupos mais veteranos mostram um número mais superior a 15 alfabetizando, a saber, Retiro Grande, Ponta Grossa, Morro Pintado, Redonda. Icapuí tem menos de 10 alunos frequentando e Ibicuitaba e Ibicuitaba afirma ter uma frequência boa, mas segundo pessoas na comunidade é muito reduzido.
- d. O círculo de Olho D'Água, que teve um número bom pede para que o grupo tenha continuidade. No entanto, por conta da professora não ter vínculo com a Prefeitura não podemos articular o funcionamento dos círculos. Agora é aguardar o redirecionamento do projeto do Estado.
- e. Segundo os monitores de Redonda o trabalho realizado com o projeto de pesca tem motivado os alunos a participarem dos círculos de cultura. O incentivo também vem da parte da Associação e Igreja.

2. Considerações Pedagógicas:

- a. Em primeiro plano, devemos considerar que a diminuição do ritmo dos encontros com o grupo da FACED pode ter provocado uma ligeira queda na qualidade de trabalho do grupo de formação. O visível desânimo do grupo pode ter uma relação com isso.
- b. É sintomático também a falta de alguns monitores nos encontros quinzenais do grupo. Parece não haver mais a disposição inicial que provocava rendimento e dinamicidade nos encontros.
- c. Do trabalho em sala de aula pode-se dizer que com mais pouca frequência encontra-se casos de pessoas ainda em nível muito regular de alfabetização. A grande maioria já escreve e lê alguma coisa, chegando a ter alunos com nível de 3ª série.
- d. A produção de textos tem sido a prática mais comum nos círculos de cultura, até por conta dessa facilidade e hábito dos alunos tem de produzir pequenos ou grandes textos. Por essa razão o grupo de formação está retomando os textos e analisando suas características.
- e. Todavia, é bem diversificado o trabalho de acordo com alguns relatos de aula. Os professores tem trabalhado bastante a leitura e a escrita. Os debates é sempre motivo de leitura e escrita via produção de textos.
- f. O trabalho parece exigir agora maior capacitação dos professores para o direcionamento das dificuldades ortográficas dos alunos, no sentido de ajudá-los a desenvolver melhor as suas produções e aperfeiçoá-las.
- g. A diversificação de níveis já não é tão visível. Há, é claro os que encontram mais facilidade em desenvolver os textos acerca de determinados assuntos importantes ou trabalhá-los na sala.

- h. Há sempre uma grande relação entre o que se trabalha na sala e o que está acontecendo na comunidade. Os fatos e acontecimentos locais e nacionais são sempre razão de discussão e aprendizagem.
- i. É importante ressaltar novamente que o grupo da pós-alfabetização não parece ter um direcionamento no trabalho. A prática na sala é naturalmente constante, sem demonstração de maiores avanços. Consideramos ideal um trabalho de condução na prática de ensino na pós-alfabetização.
- j. Sente-se a necessidade de se retomar um aprofundamento no embasamento teórico da proposta do projeto de Educação de Adultos no processo que se estabeleceu com ele, de sua metodologia e principalmente da importância do grupo de formação.
- l. Torna-se cada vez mais importante de capacitar os professores para atender às dificuldades de cada nível encontrado nas salas de educação de adultos.

4. Considerações Didáticas:

- a. Os professores tem naturalmente práticas diferentes em sala de aula, já muito marcada pela postura construtivista. Por outro lado eles já compreendem a idéia de que a aprendizagem e prática de cada um deles, vem sendo construída no grupo e na sala de aula.
- b. Como já se falou em outro relatório, há uma convivência de métodos e posturas dos professores que só tem contribuído para o crescimento do grupo.
- c. Na sala, há constante abertura às necessidades próprias dos alunos. A facilidade com que os professores modificam seus planejamentos para atender ao que os alfabetizandos propõem é muito positiva.
- d. Os recursos também são diversificados. Os animadores tem utilizado vários recursos para motivar os alunos à leitura e escrita e para tornar a aula mais interessante. São em sua maioria jogos, recreação, adivinhações, histórias próprias das comunidades, produção de textos, etc.
- e. A ausência atual de material didático na escola tem limitado o trabalho dos círculos de cultura. Os professores ainda não tem uma abertura para a solução alternativa dos materiais.
- f. A postura dos professores fica muito a desejar. A própria prática de sala determina que alguns não parecem ser coerentes com o que se trabalha no processo, mesmo respeitando o saber elaborado por eles na sua experiência.

5. Considerações Metodológicas:

- a. A prática desenvolvida nos círculos, como já se disse anteriormente, já não tem uma preocupação acirrada com qual método se aplica. Naturalmente os professores trabalham com mais liberdade, considerando suas experiências e as discussões no grupo.
- b. Sendo mais coerente, é mister dizer que isso significa uma oscilação. Por vezes eles conseguem ter uma prática que parte de uma postura construtivista e voltada para uma aplicação dos conteúdos de forma crítica e contextualizada.
- c. Permanece com menos frequência a discussão em sala referentes a temas significativos e principalmente evidentes dentro na comunidade. Os alunos tem facilidade em discutir as dificuldades e problemas.
- d. Em se tratando do envolvimento dos alunos nos movimentos comunitários, que é um dos nossos fins, tem se detectado casos de resistência de participação nas associações.
- e. Os textos produzidos pelos alunos, por outro lado, trazem embutidos diversas questões voltadas para as questões sociais e cultural. Um trabalho deve ser feito com os professores a fim de que aproveitem os recursos já existentes e propostos pelos alunos.
- f. Os textos revelam também a capacidade dos alunos de discutirem e refletirem suas experiências pessoais e comunitárias, sua compreensão de mundo como um todo, ainda que seja, muitas vezes textos tímidos.

6. Atuação da coordenação SEDUC :

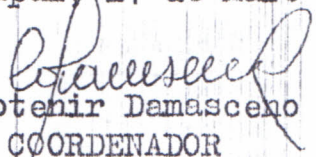
- a. A grande dificuldade permanece pela própria questão da vista aos círculos. O coordenador sente duas grandes dificuldades: uma porque à noite está na universidade e outra porque agora assume a Direção do Departamento de Ensino, tornando-se muito atarefado.
- b. Foi discutido com o Secretário de Educação a possibilidade da continuação de alguns círculos, como já se falou anteriormente. A idéia foi acolhida mas com algumas condições, entre elas a de que o círculo apresente o bom número de alunos e um processo de continuidade, bem como a experiência do professor e compromisso.
- c. A coordenação vem acompanhado nos encontros quinzenais o grupo quando da ausência da FACED. Os encontros tem sido bom e bastante rendosos. Todavia, como nos encontros mensais, sente-se a ausência de alguns professores.
- d. Os relatórios continuam sendo feitos mensalmente. Pode-se dizer, porém que já não tem tanta objetividade por conta da falta das visitas aos grupos durante o período noturno.
- e. No departamento de Ensino já se discute frequentemente a necessidade de um acompanhamento sistemático à educação no Município e entre algumas atividades já se procura organizar o acompanhamento da Educação de adultos.

7. Atuação da FACED-UFC:

- a. Tem sido difícil ultimamente manter contato com a FACED, pelo menos em relação ao período do ano passado. Havia mais articulação FACED-Icapuí e vice-versa. Os encontros não tem sido articulado como um antes.
- b. Sente-se a falta do plano de operacionalização do projeto durante este ano. Não foi apresentado de forma mais clara as metas e objetivos a serem alcançado no processo desse ano. O grupo não tem claro se segue um plano local ou se procura orientação da FACED neste sentido.
- c. Os encontros que aconteceram foram bastantes positivos, pelo apoio dado aos alfabetizadores, principalmente na área de linguagem, com a ajudada Inês Mamede constantemente. No entanto não houve uma continuidade no que a professora se propôs a fazer.
- d. Os problemas de transporte tem inviabilizado a muitas vezes a vinda da equipe a Icapuí. Juntamente a isso, as visitas ainda não foram efetivadas durante o período noturno.

Secretaria de Educação, Cultura e Desportos

Icapuí, 17 de Maio de 1994.


Clotemir Damasceno Rabelo
COORDENADOR

DADOS ESTATÍSTICOS:

- a) Em função das discussões obtidas no bimestre, o Projeto apresenta neste final um total de 09 grupos aproximadamente cerca de 115 alunos em 08 comunidades.
- b) A redução de participantes de fevereiro a junho significa aproximadamente 40,92% no conjunto do Projeto no 1º semestre.
- c) Os grupos com redução mais significativas foram Icapuí, Ibicuitaba. Os outros, os números oscilaram no período, em virtude da mobilidade dos alunos.
- d) Dos Projetos do Estado, o grupo de Barreiras retomou com número de cerca de 17 alunos, praticamente são de adolescentes que deixaram o ensino regular em função da pesca da lagosta.
- e) O grupo de Melancias conseguiu retomar no início de junho com um total de alunos matriculados de 22, mas a frequência inicial de 11 alunos.
- f) Os grupos de Quitérias, Peroba, Redonda não retomou seu processo, por conta das dificuldades específicas das comunidades como pessoal, espaços, etc.

EVOLUÇÃO DA MATRICULA

BR/BR

- a) A participação nos círculos, leve o comportamento semelhante ao dos semestres anteriores. A oscilação obedeceu às questões de dias de pesca, atividades nas comunidades, trabalhos dos alunos, etc. Assim, as causas são diversas em relação à evasão.
- b) É importante ressaltar que a presença dos adolescentes nos grupos tem aumentado consideravelmente, o que pode repensar a possibilidade de um ensino noturno para atender essa demanda.
- c) A evolução da presença foi diferenciada de círculo para círculo. Alguns conseguiram manter o número estável, outros tiveram a redução de mais de 50%.
- d) No final do semestre, todos os círculos tiveram um total igual ou inferior a 15 alunos. A redução precisa ser avaliada para o redirecionamento dos círculos no 2º semestre.

- a) O Processo de Alfabetização traz os aspectos integrados dos Grupos de Alfabetização e pós-alfabetização a exemplo dos grupos do ano passado. Alguns grupos já tem efetivado o trabalho separado dos níveis.
- b) O aspectos da continuidade do processo de alfabetização tem dado grande credibilidade ao projeto de Icapuí. No entanto, não tem motivado o público-alvo a procura a escola. Ainda é problema o desestímulo de estar nos círculos.
- c) Os relatos de experiências que foram retomados, apresentam duas possibilidades: aquilo que ela já é, troca de experiência, e evidenciam a existência do comportamentos diferenciados em sala. Há círculos que avançaram consideravelmente na Proposta Construtivista, enquanto outros experimentam práticas em momentos específicos.
- d) O Construtivismo ainda intriga alguns professores em seu fazer pedagógicos, a ponto de afirmarem vivenciar a experiência que já tem enquanto se instrumentalizam melhor para efetivar a prática construtivista.
- e) Os grupos de Pós-alfabetização permanecem vivenciando experiências no ritmo do semestre anterior. Isso quer dizer que se faz urgente buscar respostas para atender essa demanda no sentido de impulsionar seu processo individual, por conta dos níveis.
- f) Os encaminhamentos e estratégias para o melhoramento da alfabetização aprendizagem tem sido muito diferenciado de grupo para grupo, até porque os professores utilizam método, por vezes, diferenciados.
- g) A partir dos estudos do grupo de professores, o planejamento tem demonstrado um ensaio nos trabalhos das Ciências Naturais e Estudos Sociais. Todavia, permanece o trabalho mais acirrado na leitura e escrita e ocasionalmente a Matemática.
- h) O progresso dos grupos estão também determinado pela constante entrada de elementos novos ou descontinuidade dos que ingressam no início. Isso não deu aos círculos um caráter de processo para todos.
- i) Permanecem práticas com textos individuais e coletivos, motivados ou não por temas. Alguns círculos lançam mão do método de alfabetização já superados em determinados momentos, como estratégias para respostas a problemas surgidos em sala.
- j) Acredita-se ser necessário estudar mais nos grupos de professores. Apon-ta-se como conteúdos os referentes à importância do Grupo de Formação, o caráter formador cidadania nos círculos, e às posturas em sala de aula.
- k) E função das instâncias dos educandos na frequência à sala, permane-

com as dificuldades: diferenças de níveis, alguns leem e não escrevem ou vice-versa, habilidades maior na Matemática que na Linguagem, etc.

4. CONSIDERAÇÕES DIDÁTICAS:

a) Existe uma mudança e já avançada na relação Professor-aluno. As posturas nos círculos já tem um caráter do movimento ensino-aprendizagem de forma mais construtiva. É verdade que ocasionalmente ocorrem alguns deslizes.

b) Os círculos tem uma vivência em sala mais dinâmica e criativa. Os professores melhoram muito em seu trabalho. Isso se dá pelo contato de experiências construtivas no ensino regular, pelos aperfeiçoamentos, estudos, etc.

c) Constantemente os professores tem lançado mão de subsídios novos: jogos, bingo, dominó, cantos, recreios, adivinhações, cantorias e outros recursos criativos para tornar a sala de aula interessante.

d) Os recursos construtivistas são usados a partir dos limites dos professores. Uns mais e outros menos, de acordo com a sua compreensão da utilização e da função pedagógica do recurso.

e) Os círculos com maior melhoria no cotidiano em sala de aula tem sido Morro Pintado e Melancias. Os demais fazem um esforço grande de crescer, mas às vezes faltam recursos e criatividade para utilização de meios alternativos.

5. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS:

a) Como se falou em outro relatório, o problema do método não é a principal preocupação hoje nos círculos como já foi anteriormente. Todavia achamos importante retomar os estudos dos princípios metodológicos. Fica a dúvida se essa despreocupação tem relação com a compreensão do processo o esquecimento desse princípio.

b) Os temas geradores vem sendo trabalhado de forma mais reduzida nos círculos. Por vezes, existe o tema mais nem sempre tem caráter gerador em quanto formador de consciência crítica.

c) O projeto sugere respostas dos educandos que já atingiram níveis de 1ª ou 2ª série. Um estudo é preciso ser feito quanto à viabilidade das turmas os espaços físicos e principalmente a proposta metodológica que ele terá.

d) A Proposta Construtivista tem uma entrada lenta, mas determinante no projeto. Traz algumas dificuldades, mas reanima o grupo dos professores, e outras vezes causam conflitos.

e) O grupo tem necessitado de um novo movimento de aprofundamento para

Relato da aula do dia 09.11.93

Após a oração e música inicial, os alunos entraram na conversa informal e logo apresentaram uns panfletos distribuídos na comunidade no dia anterior, onde traziam gírias desconhecidas pelo universo vocabular deles. Todos apresentaram interesse pela descoberta, porque eles não entendiam a mensagem que o panfleto dizia. O questionamento foi mais além e logo o grupo escolheu entre os participantes um para registrar na lousa as palavras que eles não conseguiam definir. Ao terminar a escrita o grupo pediu ajuda a animadora porque no momento não sabia dar a resposta. Levantou a seguinte proposta:

— Que bom se vocês mesmo descobrissem através do dicionário.

Acertaram com uma condição: a animadora abriria o dicionário na página onde estava a palavra e eles procuravam o significado pelo motivo deles não sabiam como encontrar a palavra num livro muito grande de folhas finas e letras pequeninas.

O processo se deu da seguinte maneira: Ao descobrirem o significado logo era registrado ao lado da palavra escrita no quadro. Para cada palavra surgia questionamento devido o vício sinônimo apresentado na mesma palavra. Alguns ficavam surpresos com as descobertas de palavras que eles já conheciam com outro nome.

Foi feito um exercício de complementação onde formou-se frases com sinônimos das palavras encontradas no dicionário.

Turma de Gês - Alfabetização

não perder os princípios norteadores do Projeto de Extensão.

6. ATUAÇÃO DA COORDENAÇÃO:

a) Esse período ficou marcado pela ausência quase que total das visitas às salas durante seu funcionamento. Isso se deve à impossibilidade de coordenação de acompanhamento não dispor de tempo exclusivo.

b) Os encontros quinzenais tem ocorrido com o grupo de Icapuí, para estudos, planejamentos, troca de experiências. Mesmo com a continuidade, o grupo apresenta ainda certo desânimo.

c) O monitoramento da coordenação tem sido muito positivo. O grupo já apresenta um grande sentimento de cooperação com a coordenação para encaminhamento e avanço do projeto no município.

d) O assumir das tarefas também revelam o momento do grupo em já ter um caráter de coordenação do projeto.

e) A coordenação sugere que se pense a possibilidade de um seminário para discutir o Projeto de Educação de Jovens e Adultos.

7. ATUAÇÃO DA FACED:

a) A redução das visitas ao grupo para estudo para o ritmo mensal dois aspectos: um que promove a independência do grupo local e outro que causa uma certa diminuição no ritmo de trabalho.

b) Foi muito ruim para o projeto a não efetivação da proposta de avaliação, de retomar as visitas noturnas pelas suas características motivadoras do projeto.

c) Outro aspecto negativo foi a não realização de alguns encontros por conta das eventuais ausência de transporte para deslocamento dos professores.

d) Alguns pontos precisam ser resolvidos no projeto:

a) A continuação do processo de Pós-alfabetização.

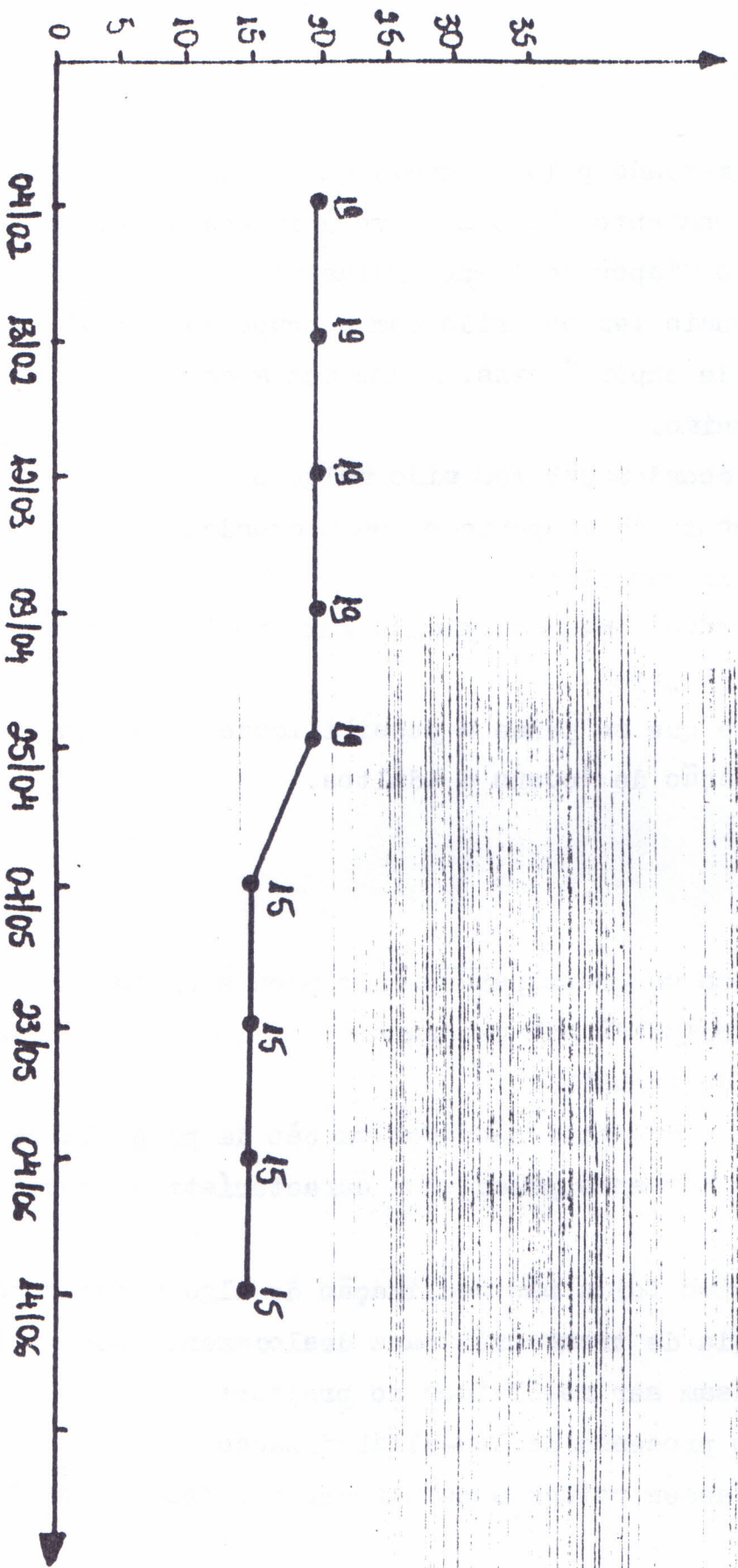
b) A questão das classes noturnas para receber a demanda vinda dos círculos.

c) A permanência do aperfeiçoamento em serviço.

d) O número muito reduzido de alunos, - mobilidade

CÍRCULO DE CULTURA - 1591

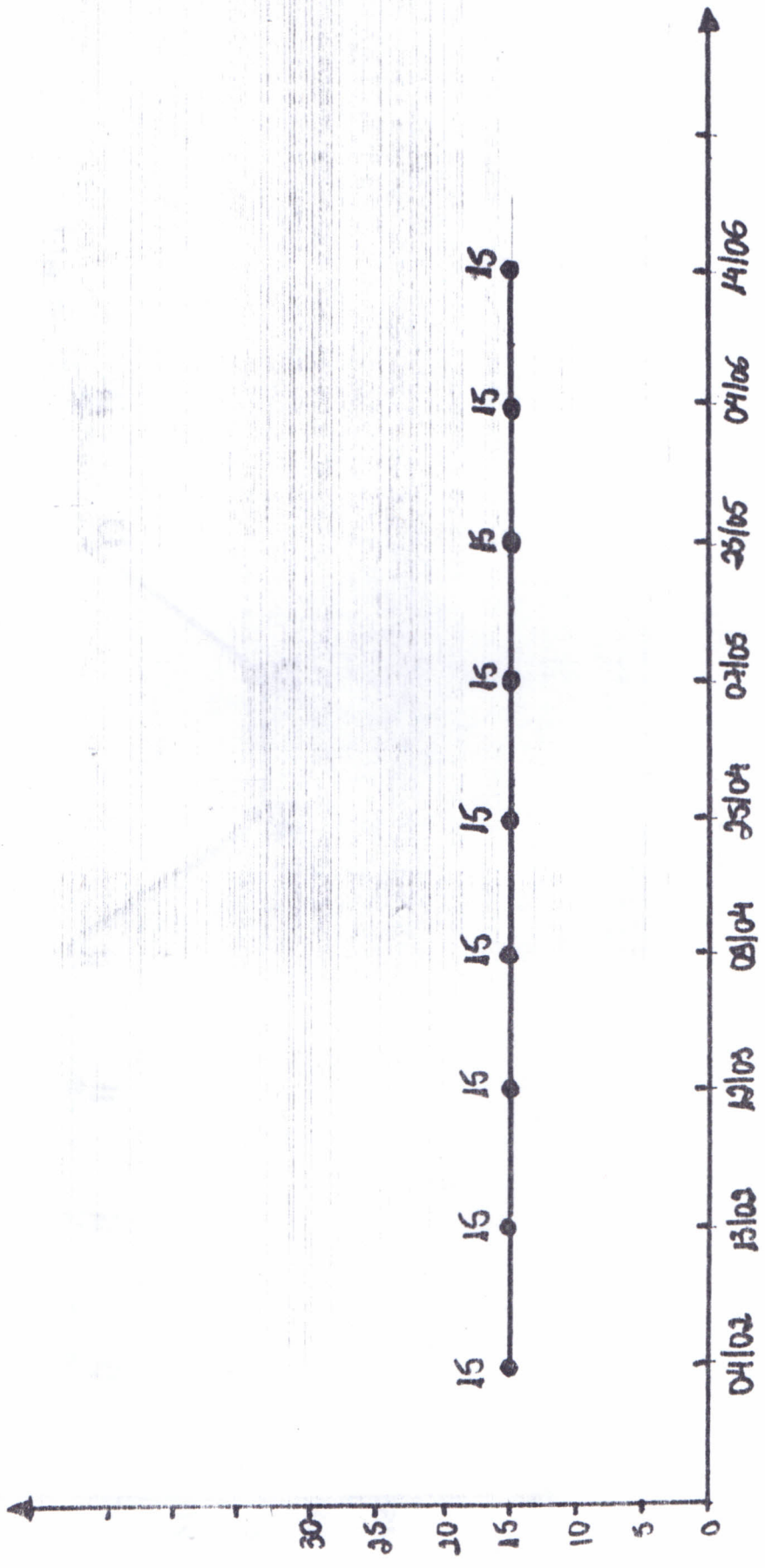
GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENÇA NO CÍRCULO DE CULTURA DA LOCALIDADE DE PONTA GROSSA I



CIRCULO DE CULTURA - 1994

GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENCIA NO CIRCULO DE CULTURA

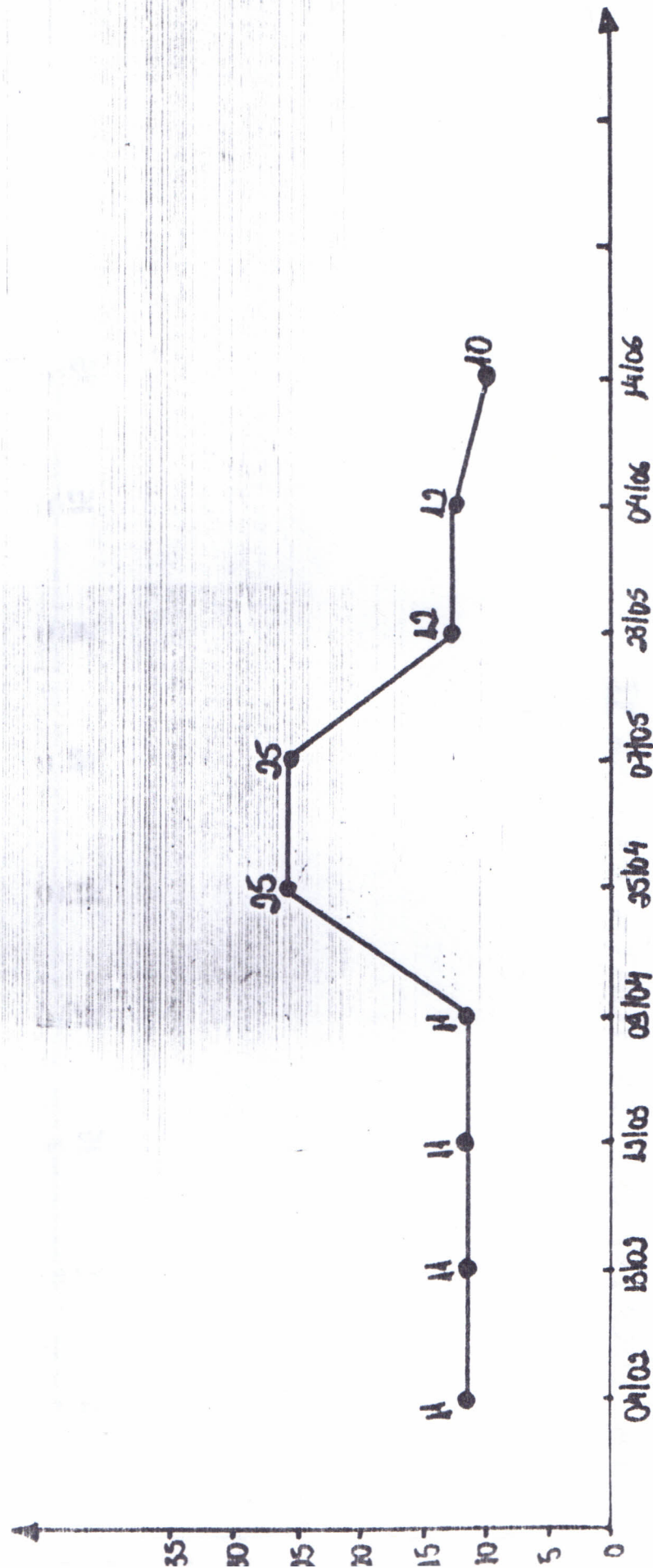
DA LOCALIDADE DE PONTA GROSSA II



CIRCULOS DE CULTURA - 1994

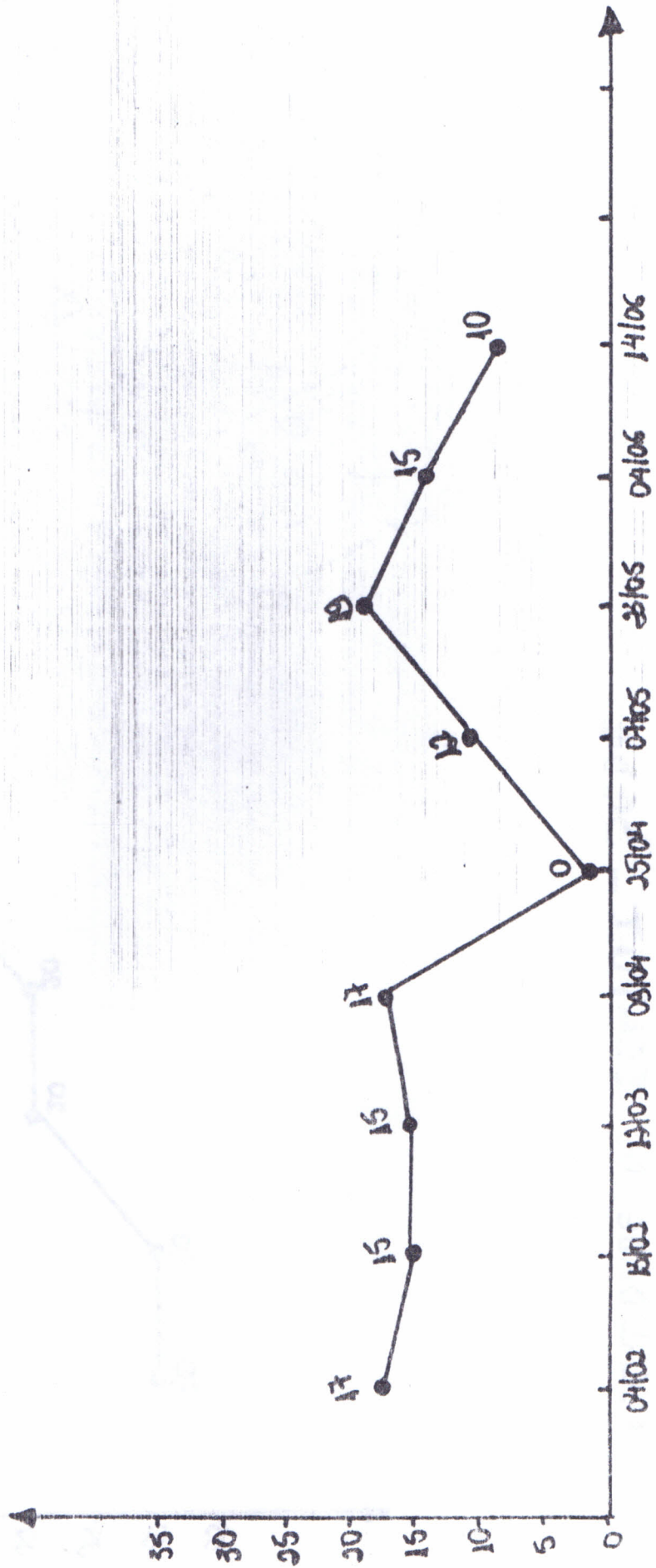
GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENÇA NO CIRCULO DE CULTURA DA

LOCALIDADE DE REDONDA I



CÍRCULOS DE CULTURA - 1994

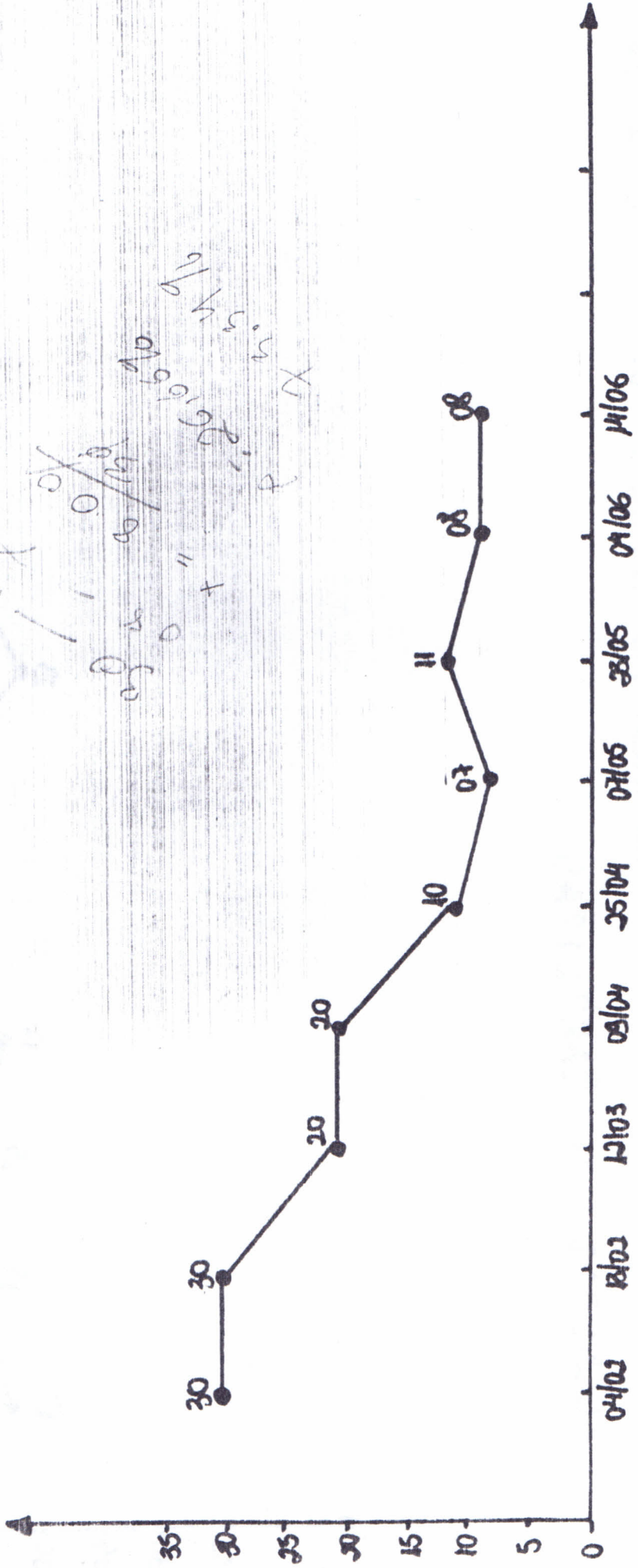
GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENÇA NO CÍRCULO DE CULTURA DA LOCALIDADE DE BARREIRAS



CÍRCULOS DE CULTURA - 1994

GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENÇA NO CÍRCULO DE CULTURA DA

LOCALIDADE DE ICAPUI - SEDE

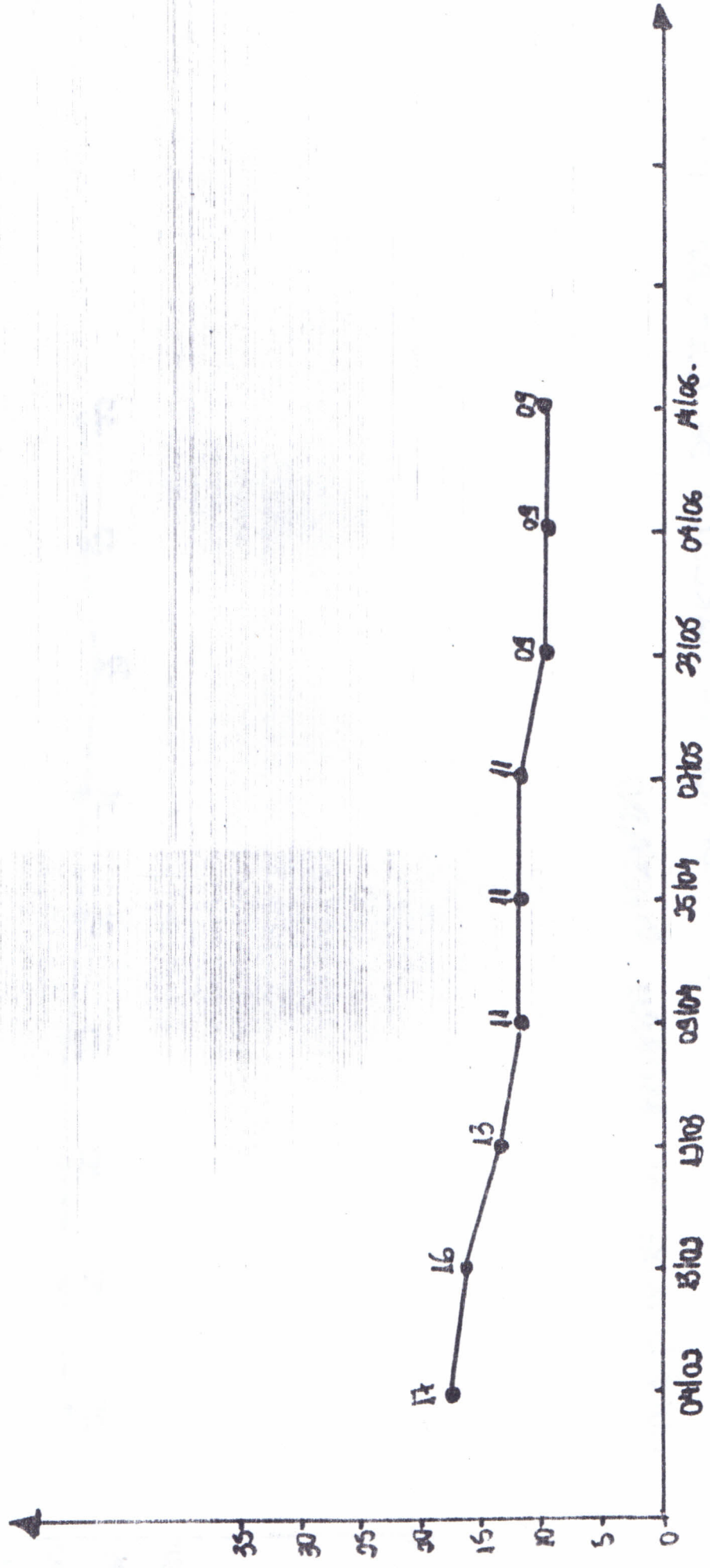


54

CÍRCULO DE CULTURA - 1954

GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENÇA NO CÍRCULO DE CULTURA DA

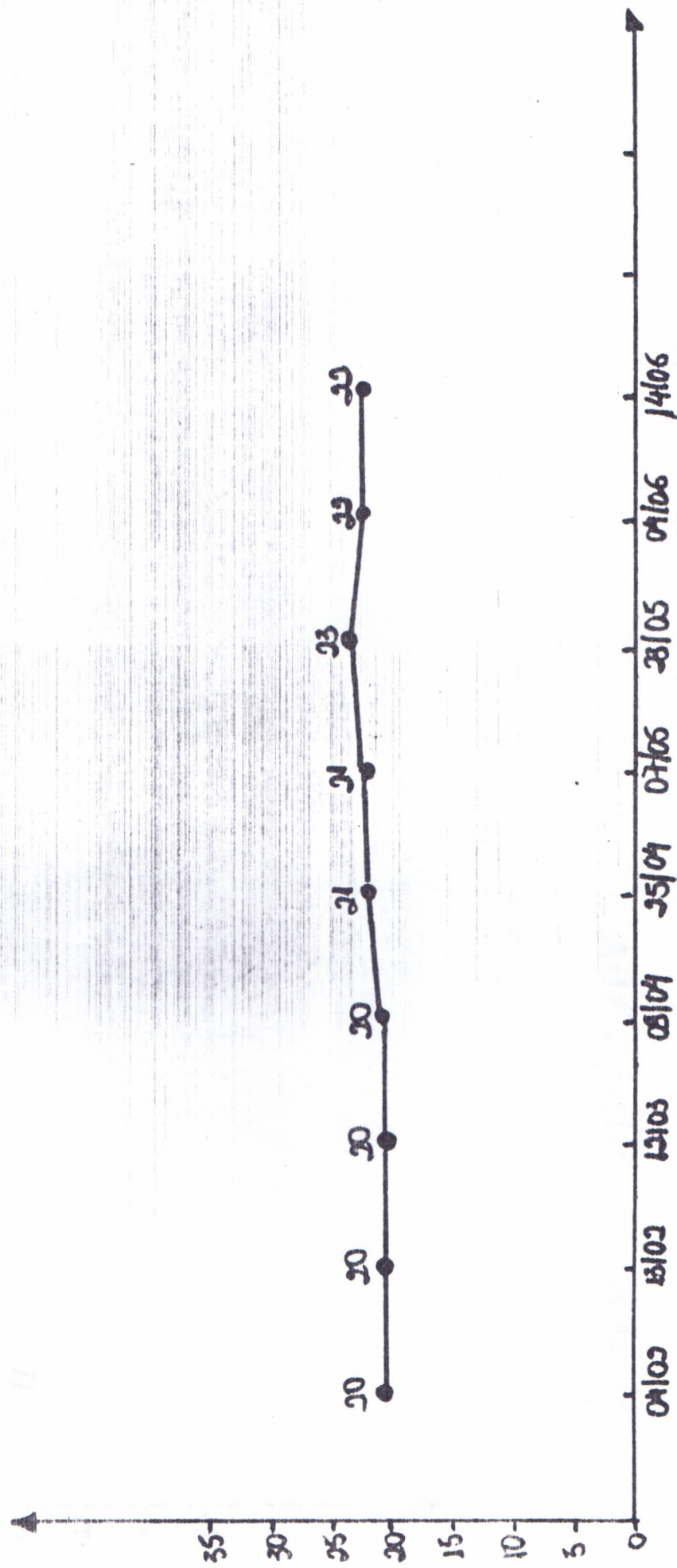
LOCALIDADE DE IBICUITABA



CÍRCULOS DE CULTURA - 1994

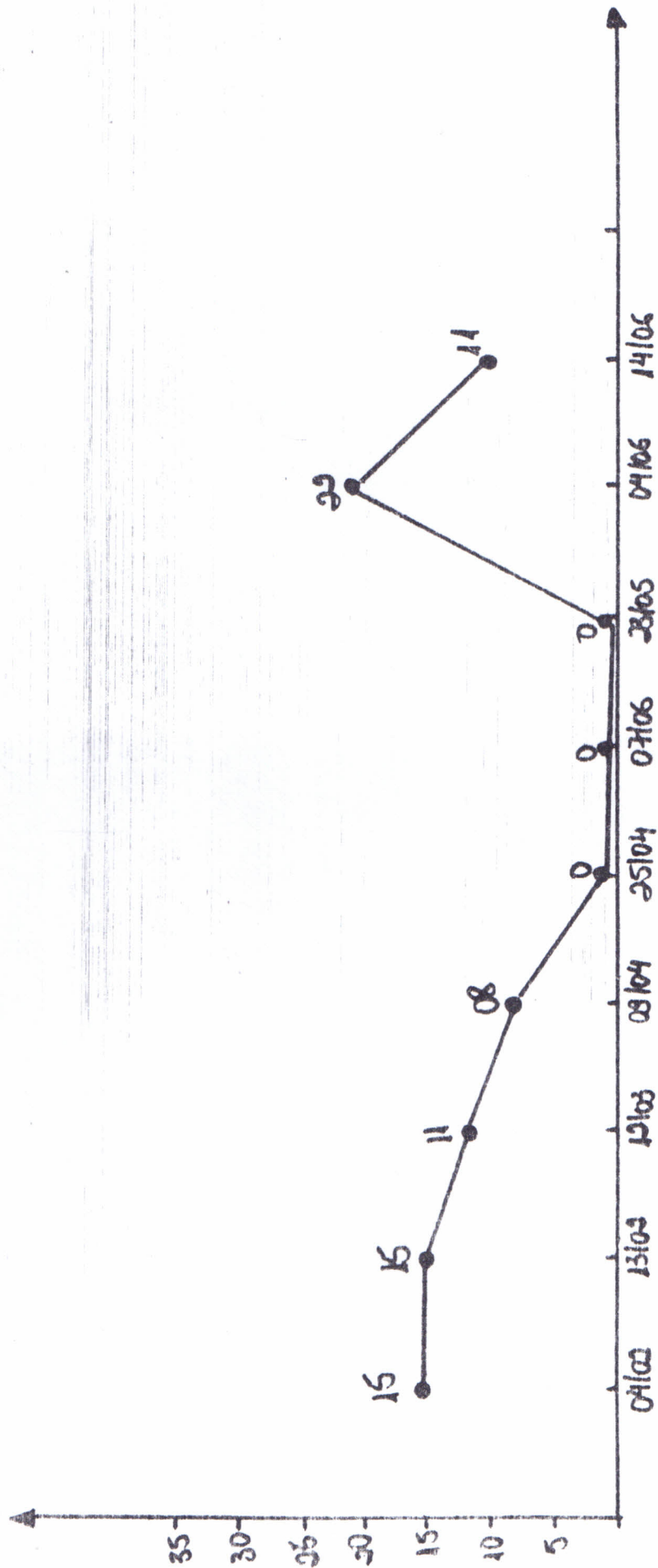
GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENÇA NO CÍRCULO DE CULTURA DA LOCALIDADE DE MORRO PINTADO

56



CÍRCULOS DE CULTURA - 1934

GRÁFICO DE EVOLUÇÃO DE PRESENCIA NO CÍRCULO DE CULTURA DA LOCALIDADE DE MELANCIAS



AVALIACÃO FINAL
EDUCACÃO DE JOVENS E ADULTOS

1994.7

DATA: 21.12.1994

1. DADOS ESTADÍSTICOS

- a) O ano letivo de 1994 foi marcado pela diminuição progressiva dos círculos. Iniciado com 08 grupos, termina o ano com 02 grupos, sofrendo uma redução de 68,32 % no número de alunos.
- b) A variação de alunos esteve oscilando entre 100 e 80 alunos durante o ano considerando que iniciava o ano com cerca de 281 alunos em sua matrícula inicial.
- c) O final do ano letivo registra em sala e com frequência atuante um total de apenas 78 alunos, cerca de 30 % do total inicial.
- d) Os grupos que apresentaram o maior problema de evasão foi Barreiras, Ibi-uitaba e Icapuí.
- e) Cada turma teve o número de alunos sempre de até 15 alunos. Salvo os grupos de Morro Pintado, Melancias, Redonda, no início do 1º Semestre de 1994 que superavam esse número.
- f) A evasão, em sua maioria, obedeceu as questões referentes a saída do município, período da pesca; mudança de animador, doença, etc.
- Durante o ano 08 comunidades foram contempladas com o projeto de Educação de Adultos. Até Fevereiro, em função do programa do Estado o número era de 14 comunidades.

2. ASPECTOS PEDAGÓGICOS

1. Os grupos trabalhados durante o ano já se encontravam com o processo de alfabetização em desenvolvimento desde o início. Portanto, em sua maioria eram formados por alunos em pós-alfabetização.
2. As pessoas atingidas pelo projeto, quase sempre se repetiam de um período ou módulo para outro. Essencialmente, davam continuidade ao seu processo.
3. A continuidade foi o aspecto decisivo no resultado dos grupos. Possibilitou o avanço de muitos alunos na conquista da leitura e da escrita, ampliando o desenvolvimento ortográfico principalmente, além de criar credibilidade no projeto.
4. O desenvolvimento da leitura e da escrita deixou os grupos com a maioria dos alunos produzindo textos individuais e coletivos, e alguns em número menor produzindo frases e palavras.
5. A escrita, principalmente, apresenta uma variedade de alunos com ortografia ainda precisando, ser trabalhada para aperfeiçoamento, em função de diversas vezes a escrita sair como a pronúncia.
6. As principais dificuldades da escrita e da leitura ficaram por conta das questões ortográficas ligadas à pontuação, troca de letras nas sílabas, uso de letras maiúsculas ou minúsculas, o desnivelamento das turmas também foi uma das causas.
7. Os aspectos da matemática foi pouco trabalhado no município. Os alunos naturalmente enfrentam dificuldades. Existe também uma vontade maior de aprender a ler e escrever.
8. A matemática trabalhada tem relação muito com o dia-a-dia dos alunos e esta voltada mais para a aprendizagem das quatro operações, situações problemas. Os alunos, às vezes, tem dificuldade registrar as operações e efetuadas mensalmente.
9. Os grupos dos círculos apresentam uma cara já definida e uma prática já marcada, principalmente porque o processo de alfabetização ainda apresenta-se neste ano sem uma proposta clara de continuação.
10. Numa avaliação final, o grupo permanente encontra-se praticamente todo alfabetizado e com possibilidade de entrar no ensino regular. Existe a necessidade de discutir o projeto de ensino noturno para receber essa demanda.

11. Pode-se dizer que a prática pedagógica desenvolvida nos círculos, hoje já se identifica principalmente com a experiência construtivista e usa de todos seus recursos didáticos para o desenvolvimento da aprendizagem.
12. Os grupos necessitam para o início do ano letivo de 1995, um direcionamento do projeto, a redefinição dos critérios e o estudo dos novos círculos e novas comunidades.

2. RECURSOS DIDÁTICOS

1. A experiência dos professores na prática de alfabetização, registram o aumento de utilização de recursos para dinamização do cotidiano escolar, em consequência do contato com a experiência construtivista.
2. A diversidade dos materiais trabalhados em sala são responsáveis por bons resultados na aprendizagem. O aspecto da leitura e da escrita tiveram utilização de pesquisa, dicionário, gravura, jornais, revista, jogos, etc. A matemática utilizavam muitos materiais do local: pedra, grãos, búzios, etc.
3. Houve grande carência de material didático nas escolas municipais. No entanto os professores buscaram saídas alternativas para o problema, com bons resultados.
4. O uso de materiais estimularam a participação maior dos alunos na sala de aula, desenvolveram mais a capacidade de aprender. A princípio, em alguns grupos os alunos tiveram alguma resistência, mas depois foram se acomodando.
5. Os professores comentam a melhoria do trabalho, principalmente no desenvolvimento de atividades interdisciplinares.
6. Além do uso de materiais didáticos comumente nos círculos, são desenvolvidas atividades diversas em sala como construção de texto coletivo e individual, uso de jogos, teatro, literatura de cordel, etc.
7. A utilização de recursos e a dinamização da sala de aula, são muito mais frequentes nos círculos cujos orientadores tem grande experiência e aperfeiçoamento no construtivismo.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

1. O trabalho de alfabetização relacionado ao desenvolvimento da capacidade de crítica nos círculos, está limitada à capacidade crítica do monitor, do seu envolvimento. Há grupos que não tem o monitor bem desenvolvido nesse aspecto.
2. A discussão da realidade acontece com mais criticidade e resultado nos grupos de Lorro Limitado e Melancias. Os debates são mais aceitos e participativo.
3. A atividade ligada aos temas geradores apresenta-se um pouco tímida nesse ano de 1994. A fala dos professores nos relatos não revelam a constância desse elemento.
4. Poucos grupos, no entanto, ainda enfrentam grande resistência para a execução de atividades de discussão e reflexão da realidade de sua comunidade.
5. A empolgação que dirigia as atividades dos círculos de cultura para o princípio da formação do homem de sua história tem se realizado muito em desanimo. Sugere-se uma retomada para discussão e estimulação desse aspecto.
6. Os debates tinham estímulo principalmente quando traziam assuntos do interesse dos alunos. A prática de alguns grupos falam da necessidade de direcionar para as atividades que desenvolvem a leitura e a escrita.
7. A presença das pessoas alfabetizadas nos órgãos da comunidade como Associações, Conselho, igrejas, partidos, etc, tem sido ampliada, e isso registra um envolvimento maior, participação e conseqüentemente alcance das metas dos círculos. No entanto registra-se em alguns casos, ausência do professor na organização da comunidade, o que contra-diz a prática de sala de aula.

4. ENVOLVIMENTO DAS COORDENAÇÕES

1. FAGED- UFC

1. Presença reduzida conforme plano do projeto, provocou um ritmo menor acelerado no grupo de formação, nas discussões, nos encontros periódicos.
2. O acompanhamento do grupo nos encontros sempre respeitou o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos professores e foi importante para manter o grupo. Houve falha no acompanhamento em sala.
3. Boa intervenção no encaminhamento e solução dos problemas surgidos nos grupos e nos encontros. Os textos trabalhados ajudaram para o melhoramento do tra

belho.

4. Houve maior ausência no final do semestre letivo, deixando o grupo sem maior desenvolvimento quanto ao futuro do projeto no ano de 1995.

2. COORDENAÇÃO LOCAL

1. Teve participação e intervenção dentro do grupo de formação, ajudando a resolver os problemas nos encontros e nos círculos.
2. Cumpre bem seu papel, juntando esforços para acompanhar o andamento do grupo.
3. Capacitação para atuar na coordenação, disponibilidade, precisão e comunicação com os professores.
4. Precisa melhor atenção com relação ao transporte nas oportunidades de encontros e material didático em sala.
5. Compreensão e solidariedade com os monitores do grupo de formação.

EDUCAÇÃO DE ADULTOS

1. Envolvimento nas atividades

- a) Grupo de formação: teve participação, abertura, criticidade, alegrias e crescimento. Sofreu redução nos membros, mas teve bom aproveitamento e atuação nos trabalhos.

- b) Relatos de experiência:

A prática de relatar a experiência em aula tiveram inicialmente bons resultados: clareza, reflexão, contribuíram para crescimento e troca de experiência. No final do período percebeu-se uma redução na qualidade; diminuição na discussão dos relatos, omissão de professores em fazerem, na cobrança.

- c) Participação e intervenção:

. O grupo participava, alguns com mais clareza, outros até desviando as discussões. Os mais coerentes despertavam.

. Grupo, ajudavam e eram aceitos por ele.

. Ficou alguns casos de deturpação da fala dos animadores no grupo, com alguns desentendimento e alguns desafios expostos sem encaminhamentos.

2. TRABALHO NO GRUPO-ESCOLA (círculo)

. Desafios

- Desafios: Falta de alunos, deslocamento, desativação pela comunidade, evasão, falta de material.
- Dificuldades na leitura e na escrita, ansiedade em aprender a ler e escrever, indecisão de alguns, cansaço dos professores.
- Percepções: rendimento, integração, criticidade, companheirismo, aumento dos alunos.

3. APRESENTAÇÃO

- Encontros: bons, proveitosos, com momento de riqueza. Participativos, alegres e cheios de momentos difíceis.
 - O descontrole do horário foi desgastante e o descaso quanto à entrega de certificados pela UFC.
- Conteúdos:
 - Os textos que atendem ao trabalho realizado são melhores entendidos, tornam-se mais proveitosos.
 - São bons, esclarecedores, injetando ânimo, no grupo.
- Metodologia:
 - Houve ausência de dinâmicas para animar o grupo.
 - Os relatórios oral cansaram o grupo.
 - O grupo não tinha muito entusiasmo nas reuniões.
- Resultados:
 - As necessidades foram atendidas em sua maioria, mas deixou a desejar no que se refere aos materiais de trabalho em sala de aula.

Planejamento: 1995

- 1) Grupo de formação: *Encontros
*Estudos
- 2) Grupos de círculo: *Comunidades
*Alunos-critérios
- 3) Professores - Quem? Critérios:

PLANO DE AÇÃO - 1995 -

1- Grupo de formação:

| METAS | AÇÕES |
|--|--|
| . Manter encontro mensal com FACED-UFC e coordenação local em dias de semana. | . Mensal (FACED/local); motivação(música, dança, dinâmicas); o grupo ajude a preparar alguns; |
| . Continuar apresentações dos relatos de experiências. | . Expor mural; situações do círculo; trabalhos realizados com alunos. . Brincadeiras/recreações/violas, gravador; descentralização dos encontros. |
| 2. Continuar relatos de experiências. | . Ler no grupo para troca de experiências. . Devolver sempre os relatos dos outros. |
| 3. Reestruturar o grupo. | . Descentralização do grupo. . Fornecer condições de transporte; (carro, ticket). . Critérios para participação; folha de frequência para receber gratificação mensal de 25h/a |
| 4. Estudo e aperfeiçoamento; capacitação nas áreas específicas(port., mat., Ciências, artes, psicologia. | . Monitoramento de professores especializados. |

2. Círculo de Cultura

| METAS | AÇÕES |
|---|--|
| 1. Garantir grupos nas comunidades onde existe pescadores especialmente na época de paradeiro. | .Reunir comunidade, na Associação de moradores e expor importância e possibilidade com compromisso na comunidade. |
| 2. Abrir grupos em comunidades a partir de discussão inicial com Associação de moradores, Conselho de Educação, Igreja, Conselho de pais e Conselho Tutelar, Núcleo Cultural. | .Fazer pesquisa de matrícula até 10 de janeiro. .Participação da Secretaria de Educação: professor mobiliza e convida em 01/95. .Critérios de 15 alunos por turma. .Levantamento de matrícula até 30/01/95. |
| 3. Buscar apoio para incentivo aos alunos. | .Fazer projetos com entidades para captar recursos. .Garantir merenda. |
| 4. Fornecer material didático. | .Confecção de material para círculos. .Fornecimento direto da escola. |

3. Professores

| METAS | AÇÕES |
|---|---|
| 1. Abrir possibilidades para novos educadores de adultos quando a comunidade solicitar. | .Priorizando pessoal com formação a nível médio, especialmente pedagógico, de preferência concursado, aceito pela comunidade. .Observar aspecto da formação política, visão crítica de mundo, engajamento. |
| 2. Curso de aperfeiçoamento para veteranos e iniciantes. | .Aperfeiçoamento em serviço. .Data: 12, 13, e 14/01. |

O grupo de Educadores de Jovens e Adultos estiveram reunidos para retomar o processo de planejamento do projeto. No início da reunião alguns pontos e informes foram discutidos, como segue:

- a) Os materiais que vão para a FACED não retornam: relatos, textos, etc.
- b) Não foi lembrado na Semana Cultural o projeto de Educação de Adultos.
- c) Proposta de apresentação de exposição da experiência em Educação de Adultos.
- d) Existe pouca vontade de lembrar o significado da Educação de Adultos.
- e) Proposta de produzir a história da Educação de Adultos.
- f) O projeto tem dificuldade de registro das atividades desenvolvidas.

Seguiu-se a reunião com o planejamento do projeto que assim ficou determinado:

- 1) Os encontros continuarão quinzenalmente com o grupo interno e mensalmente com a FACED. As reuniões serão na semana e sempre na sexta-feira.
- Próximos encontros: 03.03 e 17.03
- Quem prepara? Coordenação e grupo de Morro Pintado.
- 2) No encontro do dia 03.03, os professores devem trazer os relatos e a situação dos círculos, expondo as dificuldades.
- 3) Os encontros serão apenas durante o período da manhã e deverá haver apenas um lanche.
- 4) Sugere-se reuniões em escolas diferentes e a comunidade apresentará trabalhos.
- 5) Verificar questões das 25 h/a por planejamento da Educação de Adultos.

No terceiro momento levantou-se a formação dos grupos e a matrícula:

- 1) BARREIRAS: 30 alunos, tem condições de funcionar, mais falta cadeiras.
- 2) RECONDA: não tem ainda número fechado, mas tem condições de funcionar dois grupos (Serra e Escola), falta quadro.
- 3) MORRO PINTADO: irá fechar matrícula e posteriormente iniciará. Problema de diversidade do grupo.
- 4) BARRINHA: tem 30 alunos, precisa de cadeira.

- 5) ICAPUI: 26 alunos, carência de um monitor de apcio.
- 6) MELANCIAS: irá comunicar o número de alunos depois.
- 7) PEROBA: ausente ainda está se definindo.
- 8) PONTA GROSSA;RETIRO GRANDE: ausentes, irão definir.

Os cursos de aperfeiçoamento para veteranos e novatos será discutido com a Coordenação da FACED.

Será formado grupo de estudo com pessoal veterano com a função de aprofundar a experiência em Educação de Adultos, contruir histórico, etc.

A reunião foi concluída as 11:00 hs da manhã ficando decidido que Coordenação não articulará a próxima, considerando que todos já sabem a data.

1995.3

Reunião do Projeto de Extensão Educação Jovens e Adultos

Realizada em 17.03.95, teve por objetivo discutir e direcionar , com os professores os avanços e dificuldades encontradas e ao mesmo tempo , ouvir as experiências do cotidiano em sala de aula.

Encaminhamentos:

- Leitura do relatório da última reunião, onde os professores reivindicaram adicionamento de pó de giz, porcentagem do planejamento.

- Relatos de experiências:

Redonda:

- . Fez o trabalho de convite de 42 alunos nos grupos.
- . Alfabetização e pós-alfabetização.
- . Dificuldades com ausência de material.
- . A gramática está sendo trabalhada com leitura de textos críticos, produção de textos e dinâmicas.
- . A maioria dos alunos já leem.

Morre Pintado:

- . Não trabalham textos coletivos, os alunos não se sentem estimulados.
- . Leitura de textos infantis, são transformados em textos críticos, estudo do nome, cartazes de letras, ortografia, produções de textos.
- . Estão sendo trabalhados conteúdos de matemática, ciência e Estudos Sociais
- . As peascas ainda estão se matriculando.

Barreiras:

- . Os alunos tem nível de 2ª série.
- . Querem desenvolver atividades de Português e Matemática.
- . Existe 30/27 alunos, na faixa etária de 16 a 20 anos.
- . Cobram livro de leitura.
- . Dificuldade com ausência de cadeiras escolares.
- . Alguns alunos já forma para a 1ª série.
- . Já tem conhecimento dos alunos.

Ítem:

- Falta local adequado para funcionamento da sala.
- As salas não possuem e não há conexão de monitor.

Discussão:

- Trabalhar textos e outras formas de leitura.
- Necessário resgatar identidade do aluno.
- Preparação da próxima reunião.

O estudo de texto foi transferido para a próxima reunião que será realizada, no dia 31.

Secretaría de Educación y Cultura
de Querétaro

ANEXO III

| PROF. | NIVEL | QUAN. | SALAR |
|--------|-----------------|-------|--------|
| PA I | 4ª SERIE | 01 | 58,04 |
| PA II | 1º G. INCOM. | 19 | 58,04 |
| PA III | 2º G. INCOM | 29 | 68,90 |
| PA IV | 2º G COM. | 13 | 76,12 |
| P I | 3º PEDAG. | 43 | 90,30 |
| P II | 4º PEDAG | 03 | 96,80 |
| P III | SUP. INCOM | 12 | 107,51 |
| P V | LIC. CURTA | 02 | 109,86 |
| P VI | LIC. PLENA | 07 | 136,40 |
| P VII | PÓS-GRAD. | 05 | 184,18 |

**Secretaria de Educação, Cultura
e Desportos**

INDICADORES

| ANO | APROV. | REPROV | EVAS. |
|------|--------|--------|-------|
| 1990 | 60,54 | 16,75 | 20,19 |
| 1991 | 61,87 | 15,01 | 20,02 |
| 1992 | 68,73 | 12,11 | 14,94 |
| 1993 | 68,66 | 10,42 | 15,24 |
| 1994 | 64,95 | 12,03 | 14,04 |
| 1995 | 61,71 | 17,45 | 14,83 |

*Feições de uma Educação
Criança*

**10 anos de Escola para
todos**

EVOLUÇÃO DA MATRÍCULA

| 1986 | 1990 | 1996 |
|-------|-------|-------|
| 2.624 | 3.717 | 5.256 |

Creche: 188
Matrícula Ed. Infantil: 505
Matrícula 1ª a 4ª : 2.902
Matrícula de 5ª a 8ª : 1.151
Matrícula 2º Grau : 322
Supletivo: 188

*"Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo é o jeito de
caminhar."
(Tingo de Mello)*

REDE FÍSICA

Unidades Escolares : 32
Estadual : 01
Creches: 02
Municipais : 29

**Organização: Departamento de Ensino
e Apoio Pedagógico
Setor de Informação e Estatística**

**CENSO EDUCACIONAL NO
MUNICÍPIO - JUNHO /1996**

**TOTALIZAÇÃO DO Nº DE
CRIANÇAS DE 6 A 14 ANOS**

| FAIXA ETÁRIA | Nº ABS | % |
|--------------|--------|-------|
| 6 A 10 ANOS | 1.936 | 59,02 |
| 11 A 14 ANOS | 1.344 | 40,98 |
| 6 A 14 ANOS | 3.280 | 100 |

TOTAL DE CRIANÇAS NA ESCOLA

| 6 A 10 ANOS | 11 A 14 ANOS | 6 A 14 ANOS |
|-------------|--------------|-------------|
| 1.876 | 1.273 | 3.150 |
| 96,90 % | 94,71 % | 96,03% |

**CENSO EDUCACIONAL
COMUNITÁRIO - DEZ/1996**

TOTAL DE CRIANÇAS DE 6 A 17 ANOS - 3.768

CRIANÇAS E ADOLESCENTES FORA DA ESCOLA

| FAIXA ETÁRIA | Nº ABS | % |
|--------------|--------|------|
| 6 A 10 ANOS | 81 | 2,14 |
| 11 A 14 ANOS | 85 | 2,25 |
| 15 A 17 ANOS | 184 | 4,88 |

CRIANÇAS E ADOLESCENTES ANALFABETOS

| FAIXA ETÁRIA | Nº ABS | % |
|--------------|--------|------|
| 11 A 14 ANOS | 250 | 6,63 |
| 15 A 17 ANOS | 108 | 2,86 |

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ICAPUÍ

CENSO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

ANALFABETISMO EM 1986 : 49,27 %
ANALFABETISMO EM 1992 : 23,00 %

TOTALIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NÃO ESCOLARIZADOS DE 15 A 60 ANOS

| SITUAÇÃO | Nº ABS | % |
|---------------|--------|-------|
| ANALFABETOS | 1.347 | 20,54 |
| ASSINA NOME | 1.192 | 18,18 |
| ALFABETIZADOS | 4.017 | 61,28 |

EDUCAÇÃO INFANTIL - ACESSO E ADEQUAÇÃO 1996

TOTAL DA POPULAÇÃO DE 4 A 6 ANOS : 1.293
MATRÍCULA DE 4 A 6 ANOS : 668
TAXA DE ATENDIMENTO: 51,66 %

ENSINO FUNDAMENTAL - ACESSO E ADEQUAÇÃO -1996

TOTAL DA POPULAÇÃO DE 7 A 14 ANOS : 3.182
MATRÍCULA DE 7 A 14 ANOS : 3.019
TAXA DE ATENDIMENTO: 94,87 %

ENSINO MÉDIO - ACESSO E ADEQUAÇÃO - 1996

TOTAL DA POP. DE 15 a 19: 1.686
MATRÍCULA DE 15 A +19: 1.422
TAXA DE ATENDIMENTO DE 15 A +19 : 84,34 %
ATENDIMENTO 2º G.: 19,09 %(322)

CENSO MUNICIPAL DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

POPULAÇÃO DE 15 A 60 ANOS - OUTUBRO DE 1996

TABULAÇÃO DE DADOS

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|------|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| MANIBU | 01 | 06 | 08 | 16 | 30 |
| | 02 | 05 | 02 | 15 | 22 |
| | 03 | 07 | 06 | 04 | 17 |
| | 04 | 08 | 01 | 16 | 25 |
| | 05 a | 02 | 06 | 22 | 30 |
| | 05 b | - | - | 05 | 05 |
| | 06 | 07 | 07 | 16 | 30 |
| | 07 | - | 02 | 09 | 11 |
| | 08 | 08 | - | 22 | 30 |
| | 09 | 01 | 04 | 21 | 26 |
| | 10 | 04 | - | 18 | 22 |
| TOTAL | | 48 | 36 | 164 | 248 |
| PERCENTUAIS | | 20,35 % | 14,51 % | 66,12 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| PEIXE GORDO | 11 | 01 | 03 | 26 | 30 |
| | 12 | 04 | 04 | 26 | 34 |
| | 13 | 02 | 09 | 19 | 30 |
| | 14 | 07 | 05 | 11 | 23 |
| | 15 | 05 | 02 | 16 | 23 |

| | | | | | |
|-------------|--|---------|---------|------|-------|
| TOTAL | | 19 | 23 | 98 | 140 |
| PERCENTUAIS | | 13,58 % | 16,42 % | 70 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|------|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| M. PINTADO | 16 A | 02 | 05 | 17 | 24 |
| | 16 B | 05 | 10 | 15 | 30 |
| | 17 A | 03 | 13 | 14 | 30 |
| | 17 B | - | - | 30 | 30 |
| | 18 | - | 01 | 09 | 10 |
| TOTAIS | | 10 | 29 | 85 | 124 |
| PERCENTUAIS | | 8,07 % | 23,38 % | 68,55 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL P |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|---------|
| CAJUAIS | 19 | 13 | 11 | 07 | 31 |
| | 20 | 02 | 01 | 21 | 24 |
| | 21 | 03 | 01 | 26 | 30 |
| | 22 | 01 | 01 | 28 | 30 |
| | 23 | 01 | 02 | 27 | 30 |
| | 24 | 01 | - | 29 | 30 |
| | 25 | - | 04 | 26 | 30 |
| | 26 | - | 02 | 27 | 30 |
| | 27 | - | 04 | 26 | 30 |
| | 28 | 04 | 03 | 23 | 30 |
| | 29 | 01 | 03 | 26 | 30 |
| | 30 | - | 01 | 29 | 30 |
| | 31 | 02 | 03 | 16 | 21 |
| | 32 | 02 | 05 | 23 | 30 |
| | 33 | 03 | 02 | 25 | 30 |

| | | | | |
|-------------|---------|---------|---------|-------|
| 34 | 01 | 01 | 17 | 19 |
| 35 | 13 | 05 | 12 | 30 |
| 36 | 03 | - | 03 | 06 |
| 37 | 18 | 03 | 09 | 30 |
| 38 | - | - | 10 | 10 |
| 39 | 02 | 04 | 17 | 23 |
| 40 | 01 | 02 | 11 | 14 |
| TOTAL | 71 | 58 | 438 | 567 |
| PERCENTUAIS | 12,53 % | 10,22 % | 77,25 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| BARRINHA | 41 | - | 04 | 14 | 18 |
| | 42 | 06 | 07 | 17 | 30 |
| | 43 | 07 | 08 | 15 | 30 |
| | 44 | 09 | 03 | 18 | 30 |
| | 45 | 06 | 07 | 17 | 30 |
| | 46 | 03 | 08 | 19 | 30 |
| | 47 | 08 | 04 | 18 | 30 |
| | 48 | 14 | 06 | 10 | 30 |
| | 49 | 01 | 07 | 12 | 20 |
| | 50 | 02 | 05 | 09 | 16 |
| TOTAL | | 56 | 59 | 149 | 264 |
| PERCENTUAIS | | 21,21 % | 22,35 % | 56,44 | 100 % |

| | | | | | |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
| S. DA LADEIRA | 51 | 10 | 08 | 13 | 31 |
| | 52 | 07 | 07 | 17 | 31 |

| | | | | |
|-------------|---------|---------|---------|-------|
| 53 | 12 | 08 | 10 | 30 |
| 54 | 08 | 03 | 19 | 30 |
| 55 | 09 | 04 | 18 | 31 |
| 56 | 03 | 11 | 16 | 30 |
| 57 | 16 | 04 | 10 | 30 |
| 58 | 11 | 15 | 04 | 30 |
| 59 | 07 | 06 | 17 | 30 |
| 60 | 07 | 10 | 13 | 30 |
| 61 | 03 | 02 | 06 | 11 |
| 62 | 08 | 11 | 10 | 30 |
| TOTAL | 101 | 89 | 153 | 344 |
| PERCENTUAIS | 29,65 % | 25,88 % | 44,47 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| PEROBA | 63 | 08 | 01 | 21 | 30 |
| | 64 | 06 | 08 | 16 | 30 |
| | 65 | 05 | 06 | 19 | 30 |
| | 66 | 01 | 11 | 18 | 30 |
| | 67 | 03 | 06 | 04 | 13 |
| | 68 | 02 | 01 | 02 | 05 |
| | 69 | 09 | 07 | 14 | 30 |
| | 70 | 04 | 08 | 18 | 30 |
| TOTAIS | | 38 | 48 | 112 | 198 |
| PERCENTUAIS | | 19,20 % | 24,24 % | 56,56 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| BERIMBAU | 71 | 07 | 06 | 17 | 30 |
| | 72 | 04 | 05 | 21 | 30 |
| | 73 | 09 | 12 | 19 | 40 |
| TOTAIS | | 20 | 23 | 57 | 100 |

340/13

| PERCENTUAIS | | 20 % | 23 % | 57 % | 100 % |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
| MUTAMBA | 74 | 04 | 06 | 20 | 30 |
| | 75 | 04 | 03 | 23 | 30 |
| | 76 | 02 | 09 | 19 | 30 |
| | 77 | 01 | 02 | 27 | 30 |
| | 78 | 01 | 04 | 25 | 30 |
| | 79 | 01 | 07 | 22 | 30 |
| | 80 | 01 | 10 | 19 | 30 |
| | 81 | 01 | 02 | 27 | 30 |
| | 82 | 02 | 04 | 24 | 30 |
| | 83 | 02 | 07 | 21 | 30 |
| | 84 | 02 | - | 28 | 30 |
| | 85 | 03 | - | 27 | 30 |
| | 86 | 01 | - | 12 | 13 |
| TOTAIS | | 25 | 54 | 294 | 373 |
| PERCENTUAIS | | 6,71 % | 14,47 % | 78,82 % | 100 % |

| PERCENTUAIS | | 20 % | 23 % | 57 % | 100 % |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
| S. DE CAJUAIS | 87 | 14 | 04 | 12 | 30 |
| | 88 | 09 | 08 | 13 | 30 |
| | 89 | 08 | 08 | 14 | 30 |
| | 90 | 10 | 07 | 13 | 30 |
| | 91 | 11 | 08 | 11 | 30 |
| | 92 | 07 | 07 | 16 | 30 |
| | 93 | 10 | 03 | 17 | 30 |
| | 94 | 03 | 01 | 05 | 09 |
| TOTAIS | | 72 | 46 | 101 | 219 |
| PERCENTUAIS | | 32,88 % | 21 % | 46,12 % | 100 % |

| | | | | | |
|-------------|-----|---------|---------|---------|-------|
| | 107 | 07 | 04 | 19 | 30 |
| | 108 | - | 01 | 19 | 20 |
| TOTAIS | | 29 | 18 | 63 | 110 |
| PERCENTUAIS | | 26,36 % | 16,36 % | 57,27 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| BARREIRAS | 109 | 09 | 08 | 13 | 30 |
| DE BAIXO | 110 | 04 | 10 | 16 | 30 |
| | 111 | 05 | 12 | 13 | 30 |
| | 112 | - | - | 30 | 30 |
| | 113 | 06 | 12 | 12 | 30 |
| | 114 | 08 | 10 | 12 | 30 |
| TOTAIS | | 32 | 52 | 96 | 180 |
| PERCENTUAIS | | 17,77 % | 28,88 % | 56,33 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| VILA NOVA | 115 | 11 | 08 | 11 | 30 |
| | 116 | 07 | 06 | 17 | 30 |
| | 117 | 08 | 10 | 12 | 30 |
| | 118 | 20 | 06 | 04 | 30 |
| | 119 | 10 | 04 | 16 | 30 |
| | 120 | 02 | 02 | 16 | 20 |
| TOTAIS | | 58 | 36 | 76 | 170 |
| PERCENTUAIS | | 34,11 % | 21,17 % | 44,70 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| B. CIMA | 121 | 03 | 06 | 11 | 20 |
| | 122 | 02 | 01 | 27 | 30 |

| | | | | |
|-------------|---------|---------|---------|-------|
| 123 | 11 | 03 | 16 | 30 |
| 124 | 10 | 03 | 17 | 30 |
| 125 | 08 | 08 | 14 | 30 |
| 126 | 05 | 09 | 17 | 31 |
| 127 | 01 | 12 | 17 | 30 |
| 128 | - | - | 30 | 30 |
| 129 | - | 07 | 23 | 30 |
| 130 | 05 | 03 | 22 | 30 |
| TOTAIS | 45 | 52 | 194 | 291 |
| PERCENTUAIS | 15,46 % | 17,86 % | 66,66 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| INCRA | 131 | 02 | 01 | 02 | 05 |
| | 132 | 14 | 07 | 09 | 30 |
| TOTAIS | | 16 | 08 | 11 | 35 |
| PERCENTUAIS | | 45,71 % | 22,85 % | 31,42 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| MELANCIAS | 133 | 13 | 11 | 39 | 63 |
| | 134 | 01 | 02 | 28 | 31 |
| | 135 | 04 | 02 | 20 | 26 |
| | 136 | 10 | 18 | 33 | 61 |
| | 137 | 05 | 06 | 19 | 30 |
| | 138 | 04 | 07 | 21 | 33 |
| | 139 | 07 | 10 | 21 | 38 |
| | 140 | 08 | 12 | 16 | 36 |
| | 141 | - | 07 | 39 | 46 |
| | 142 | 18 | 03 | 09 | 30 |
| TOTAIS | | 71 | 78 | 245 | 394 |
| PERCENTUAIS | | 18,02 % | 19,79 % | 61,18 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| ICAPUI | 143 | 03 | 13 | 14 | 30 |
| | 144 | 03 | 09 | 18 | 30 |
| | 145 | 06 | 10 | 14 | 30 |
| | 146 | 01 | 10 | 19 | 30 |
| | 147 | 02 | 08 | 10 | 20 |
| | 148 | 03 | - | 07 | 10 |
| | 149 | 02 | 02 | 26 | 30 |
| | 150 | 02 | 02 | 26 | 30 |
| | 151 | - | - | 04 | 04 |
| | 152 | 11 | 04 | 16 | 31 |
| | 153 | 08 | 15 | 15 | 27 |
| | 154 | 09 | 10 | 11 | 30 |
| | 155 | 03 | 03 | 24 | 30 |
| | 156 | 02 | 03 | 25 | 30 |
| | 157 | 02 | 08 | 15 | 25 |
| | 158 | 01 | 11 | 19 | 31 |
| | 159 | 03 | 02 | 25 | 30 |
| | 160 | 03 | 05 | 22 | 30 |
| | 161 | 11 | 08 | 11 | 30 |
| | 162 | 01 | - | 02 | 03 |
| | 163 | 04 | 06 | 20 | 30 |
| | 164 | 01 | 03 | 26 | 30 |
| | 165 | 04 | 05 | 17 | 26 |
| | 166 | 02 | 02 | 26 | 30 |
| | 167 | 03 | 09 | 18 | 30 |
| | 168 | 05 | 04 | 21 | 30 |
| | 169 | 05 | 04 | 21 | 30 |
| | 170 | 04 | 04 | 22 | 30 |
| | 171 | 04 | 05 | 21 | 30 |
| | 172 | 06 | 05 | 17 | 28 |

| | | | | |
|-------------|---------|---------|---------|-------|
| 173 | 04 | 06 | 20 | 30 |
| 174 | 05 | 06 | 19 | 30 |
| 175 | 09 | 02 | 19 | 30 |
| 176 | 05 | 07 | 16 | 28 |
| 177 | 03 | 01 | 27 | 31 |
| 178 | - | 01 | 29 | 30 |
| 179 | 02 | 13 | 24 | 29 |
| 180 | 02 | 02 | 26 | 30 |
| 181 | - | 01 | 29 | 31 |
| 182 | 04 | 07 | 15 | 26 |
| 183 | - | 02 | 28 | 30 |
| 184 | 13 | 03 | 14 | 30 |
| 185 | 01 | 05 | 24 | 30 |
| TOTAIS | 162 | 215 | 803 | 1.180 |
| PERCENTUAIS | 13,62 % | 18,22 % | 68,05 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| TREMEMBÉ | 186 | 08 | 09 | 09 | 26 |
| | 187 | 02 | 02 | 27 | 31 |
| | 188 | 03 | 03 | 25 | 31 |
| TOTAIS | | 13 | 14 | 61 | 88 |
| PERCENTUAIS | | 11,61 % | 6,02 % | 52,58 % | 100 % |

| | | | | | |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
| REDONDA | 189 | 20 | 07 | - | 27 |
| | 190 | 28 | - | - | 28 |

| | | | | |
|--------------------|----------------|---------------|----------------|--------------|
| 191 | 17 | 06 | - | 23 |
| 192 | 28 | 02 | - | 30 |
| 193 | 29 | 01 | - | 30 |
| 194 | 17 | 14 | - | 31 |
| 195 | 07 | - | - | 07 |
| 196 | 20 | - | - | 20 |
| 197 | 18 | 03 | - | 21 |
| 198 | 20 | 02 | - | 22 |
| 199 | 13 | 05 | - | 18 |
| 200 | 28 | 02 | - | 30 |
| 201 | 19 | 05 | - | 24 |
| 202 | 26 | 01 | - | 27 |
| 203 | 24 | - | - | 24 |
| 204 | - | - | 65 | 65 |
| 205 | - | - | 86 | 86 |
| 206 | - | - | 51 | 51 |
| 207 | - | - | 34 | 34 |
| 208 | - | - | 31 | 31 |
| 209 | - | - | 29 | 29 |
| 210 | - | - | 34 | 34 |
| 211 | - | - | 33 | 33 |
| TOTAIS | 314 | 48 | 363 | 725 |
| PERCENTUAIS | 43,31 % | 6,62 % | 50,06 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| IBICUITABA | 212 | 01 | 05 | 15 | 21 |
| | 213 | 02 | 05 | 23 | 30 |
| | 214 | 03 | 05 | 22 | 30 |
| | 215 | - | 03 | 03 | 06 |
| | 216 | 03 | 12 | 15 | 30 |
| | 217 | 01 | 03 | 16 | 20 |
| | 218 | - | 07 | 23 | 30 |

| | | | | | |
|-------------|-----|--------|---------|---------|-------|
| | 219 | 01 | 05 | 24 | 30 |
| TOTAIS | | 11 | 45 | 141 | 197 |
| PERCENTUAIS | | 5,58 % | 22,84 % | 71,57 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| QUITÉRIAS | 220 | 10 | 26 | 06 | 32 |
| | 221 | 18 | 04 | 08 | 30 |
| | 222 | 20 | 09 | 01 | 30 |
| | 223 | 09 | 03 | 18 | 30 |
| | 224 | - | - | 30 | 30 |
| | 225 | 11 | 08 | 11 | 30 |
| | 226 | 12 | 03 | 15 | 30 |
| | 227 | 01 | - | 29 | 30 |
| | 228 | 01 | 04 | 25 | 30 |
| | 229 | 01 | - | 09 | 10 |
| TOTAIS | | 83 | 47 | 151 | 281 |
| PERCENTUAIS | | 29,53 % | 16,72 % | 53,74 % | 100 % |

| COMUNIDADE PESQUISADA | PAG | NÃO SABE LER E ESCREVER | SÓ SABE ASSINAR O NOME | SABE LER E ESCREVER | TOTAL PÁGINA |
|-----------------------|-----|-------------------------|------------------------|---------------------|--------------|
| COPAN | 230 | - | 10 | 20 | 30 |
| | 231 | - | 02 | 28 | 30 |
| TOTAIS | | - | 12 | 48 | 60 |
| PERCENTUAIS | | - | 20 % | 80 % | 100 % |

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO E APOIO PEDAGÓGICO

LOTAÇÃO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAL

ANEXO IV

VISITA A ICAPUÍ

PERÍODO: 23 a 26 de abril de 1997

LUGARES VISITADOS:

* Casa Paroquial (residência do Pe. Lopes);

* Igreja;

* Praça Central;

* Escola de 1º e 2º Graus Prof. Mizinha;

* Residência do Diretor do Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico -

Prof. Clotenir Damasceno;

* Centro de Memória Popular Chico Bagre;

* Quadra Poliesportiva;

* Biblioteca Pública Municipal;

* Residência da Professora Francisca;

* Secretaria de Educação, Cultura e Desportos;

* Restaurante Mirante;

* Gruta;

* Comunidades de Mutamba, Ibicuitaba, Morro Pintado, Melancias de

Baixo e Melancias de Cima;

* Casa Paroquial de Melancias de Cima;

* Clube Recreativo de Icapuí.

EVENTOS:

* Novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 23/04 às 19:00h, na Igreja Matriz;

* Missa de 7º dia de Falecimento do estudante Edmilson, em 24/04, às 17:00h, no largo da Igreja Matriz (Campal);

* 1ª Sexta Cultural "Icapuí tem música", em 25/04, às 21:00h, na Praça Central;

* Encontro de Avaliação dos 100 (cem) Dias de administração municipal, em 26/04, às 12:00h, na Casa Paroquial de Melancias de Cima.